Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 58.º/19172 6$00

QUINTA-FEIRA 4 OUTUBRO 1976

Fim-de-semana político

Mário Soares aponta "padrões europeus"

● (Pág. 24)

C.D.S. e P.S.D. (ex-P.P.D.) querem pôr termo à Reforma Agrária

● (Págs. 5/24)

P.C.P. e G.D.U.P.'s marcam datas para Congressos

● (Págs. 5/24)

Cintura Industrial fez encontro na Amadora

● (Pág. 11)

Medeiros Ferreira fala quarta-feira na O.N.U.

. Partiu ontem para Nova Iorque o ministro dos Negócios Estrangeiros, Medeiros Ferreira, que naquela cidade participará na 31.ª Assembleia Geral das Nações Unidas.

No aeroporto de Lisboa Medeiros Ferreira prestou declarações aos jornalistas, tendo afirmado que abordará «as questões mais candentes da política externa e internacional» e «um ou outro problema relacionado com os direitos humanos e com o papel das Nações Unidas». Sobre este último ponto concretizou a sua ideia ao afirmar que alertará os membros das Nações Unidas para o facto de que, quer o uso aritmético das maiorias, quer o uso imoderado do veto, têm «influência negativa no desenvolvimento da ONU, que muito estimamos e para a qual queremos contribuir positivamente.»

. Depois de referir que eventualmente serão mantidos encontros em Nova Iorque com os seus congéneres que lá se encontrem, o ministro Medeiros Ferreira afirmou que a viagem não está directamente ligada com a digressão pela Europa que Mário Soares fará ainda este ano, a qual depende de contactos bilaterais mantidos com os membros do Mercado Comum, já que é a admissão de Portugal nesta organização o objectivo principal da deslocação do Primeiro-Ministro.

Medeiros Ferreira deverá usar da palavra na próxima quarta-feira perante a Assembleia Geral das Nações Unidas.

Cinco de Outubro em liberdade

● (PÁG.2)

24 PÁGINAS

APESAR DO AVANÇO CDU-CSU

SCHMIDT CONTINUA NO PODER

Tal como se previa, as eleições de ontem na República Federal Alemã deram uma escassa vitória à coligação governamental. Tão escassa, na verdade, que tanto o actual chanceler Helmut Schmidt como o seu concorrente, Helmut Kohl, clamam vitória e reivindicam o direito de formar o próximo governo. A decisão final sobre a feição que irá ter o novo gabinete está nas mãos do pequeno Partido Liberal, de Hans Dietrich Genscher, actual ministro dos Negócios Estrangeiros. Mal foram conhecidos os resultados provisórios da consulta, logo os liberais — que dispõem de 39 lugares no novo Bundestag — foram assediados pela C.D.U. para desistirem da coligação com os sociais-democratas e se virarem para uma com os democratas-cristãos. Genscher declarou já que antes das eleições se tinha comprometido a permanecer na coligação com os sociais-democratas e que não iria agora voltar atrás, depois da maioria realmente obtida pelos dois partidos. Se as eleições não foram tão convincentes como a esquerda necessitaria para uma tranquila acção governamental nos próximos tempos, constituíram indiscutivelmente uma derrota da direita. A «democraticidade» dos que clamam por «liberdade» em vez de «socialismo» durante a companha está agora à vista: a pretexto de terem recuperado a antiga qualidade de partido maioritário, os democratas-cristãos pretendem agora uma interpretação dos resultados eleitorais, que não tem em conta o respeito pela vontade efectivamente expressa dos cidadãos, eleitores. No caso de a actual coligação se manter no poder, como tudo indica, o governo terá grandes dificuldades a enfrentar e a sua sobrevivência poderá ser ameaçada.

(Pág. 15)

O actual chanceler da RFA, Helmut Schmidt, que continuará no poder, apesar do avanço da oposição de direita

Diário de Lisboa

Amanhã, feriado nacional do Cinco de Outubro, estão encerradas todas as secções do nosso jornal, motivo por que o «Diário de Lisboa» volta ao contacto com os leitores só na quarta-feira

SINDICATO DOS PROFESSORES ALERTA

Ano escolar pode ser "um desastre"

..«O ano escolar que começa, está ameaçado de ser um desastre» — alerta a Direcção do Sindicato da Zona da Grande Lisboa. «Muitos milhares de professores do Ensino Secundário e Preparatório vêem-se actualmente afastados das suas funções, ameaçados de desemprego pelo Decreto-Lei 672/76 que determina as normas de colocação de professores. Milhares de professores do Ensino Primário devidamente habilitados, são nomeados compulsivamente para longe do local onde sempre ensinaram e votados ao desemprego por força das disposições da portaria número 548-A/76».

Após pormenorizar o que se revela de preocupante aos professores, comenta o comunicado do Sindicato: «Quando o País precisa de mais de 18.000 salas de aulas para o Ensino Primário de modo a cobrir as necessidades da população escolar, quando seria necessário criar milhares de novos postos de trabalho neste sector, cerca de 800 professores agregados só em Lisboa estão já no desemprego, ao mesmo tempo que se limita o número de entradas para os candidatos às escolas do Magistério Primário. Quando o país precisa de mais 5.300 turmas para o Ensino Secundário e Preparatório, quando seriam necessários muitos novos professores neste sector, afastam-se do ensino milhares de professores em exercício, ao mesmo tempo que se não reconhecem como habilitação própria para ensinar os diplomas dos licenciados de muitas escolas do Ensino Superior como o ISE, ISCTE, ISCSP, ISPA, ISEL».

E pergunta o sindicato: «Como se pode pretender contribuir para a melhoria real da qualidade do ensino quando se reduz o número de centros de estágio para os professores devidamente habilitados e se oferecem apenas 3.000 vagas para mais de 12.000 concorrentes ao estágio pedagógico que desejam tornar-se profissionais do ensino? (...) Como se pode defender a qualidade do ensino quando se suprimem as duas horas que os delegados de disciplina tinham por semana para coordenar o trabalho pedagógico?»

Assim, face às acusações e às perguntas, a direcção-geral do Sindicato da Grande Lisboa «propõe responsavelmente ao sr. ministro da Educação e Investigação Científica, dr. Mário Sottomayor Cardia, debater em conjunto, diante das câmaras da RTP e frente ao País, a situação presente».

Futebol no charco

. Aguaceiros confirmaram ontem o dito inglês de que «o futebol é um desporto de Inverno», mas em alguns campos não chegou a haver jogo e noutros (ver foto ao lado) o «association» transformou-se em autêntico martírio. Aliás, o observatório portuense da Serra do Pilar registaria qualquer coisa como 38,3 milímetros de precipitação, acompanhada de vento forte, com uma rajada máxima de 106 kms/hora. Na capital nortenha não chovia assim desde Janeiro de 1975, e tanto bastou para os bombeiros terem de acudir a meia centena de inundações. Automóveis estiveram imobilizados um pouco por toda a parte, havendo a registar ainda grandes prejuízos em casas de habitação e estabelecimentos comerciais.

Cena do Boavista-Belenenses, disputado (ou nadado?) ontem à tarde no Porto

Política de A a Z

CINCO DE OUTUBRO

O Governo que é — cumpre recordá-lo — o primeiro «Governo Constitucional», o primeiro que, após o longo interregno ditatorial e fascista, emerge de uma situação democrática normal, decidiu comemorar com relevo a data histórica de 5 de Outubro. A efeméride teve sorte vária durante os arrastados anos do regime salazarista. Salazar era anti-republicano, era antidemocrático, e a sua intenção «de governar para a direita e com a direita» afrontava, no país, a resistência de «uma verdadeira mística republicana» cuja existência, pujança e profundidade sagazmente reconhecia. Mas durante a vigência do «Estado Novo» a República, identificada com os homens e as ideias que a ditadura militar combatera e que a ditadura salazarista perseguia e civicamente marginalizara, passou a ser uma referência da oposição democrática e antifascista. Da parte dos governantes evidenciou-se a vontade de reduzir o período da República a um intencional apagamento. A data de 5 de Outubro converteu-se, por réplica, numa jornada cívica de afirmação democrática, de luta antifascista. As comemorações do 5 de Outubro ficaram por muitos anos limitadas a romagens piedosas, banquetes comemorativos e sessões públicas sujeitas à autorização e ao controlo dos agentes administrativos e policiais da repressão fascista. Era uma resistência modesta, apagada, angustiada, com altos e baixos, claridades e trevas, mas pela qual se exprimia uma chama viva de protesto e de revolta, uma continuidade admirável, uma indómita coragem cívica.

E não havia equívoco quanto à brutalidade da repressão e quanto à orientação do ditador. Salazar dissera: «A nossa Ditadura aproxima-se, evidentemente, da Ditadura fascista no reforço da autoridade, na guerra declarada a certos princípios da democracia, no seu carácter nacionalista, nas suas preocupações de ordem social». Salazar era um admirador de Mussolini. Considerava o fascismo italiano um «caso nacional», mas «um caso admirável, único». De algum modo a ditadura italiana era o seu modelo. Salazar confidenciou ao seu panegirista António Ferro: «Tenho o orgulho de lhe dizer que a obra da Ditadura portuguesa, guardadas as proporções do meio, não é inferior, à obra da ditadura italiana».

A CONSPIRAÇÃO REPUBLICANA

Entre os documentos fundamentais que o historiador da República terá que compulsar, merece especial referência o «relatório» de Machado dos Santos. Independentemente das limitações inerentes a qualquer testemunho pessoal, Machado dos Santos redigiu um «relatório» que não só narra os acontecimentos dos dias 3, 4 e 5 de Outubro, como invoca os trabalhos conspirativos que se arrastaram por mais de três anos, desde aquele dia, do mês de Agosto de 1907, em que o capitão-tenente João José Lúcio Júnior o abordou para lhe falar «sobre a marcha dos negócios públicos e o desaforo da ditadura de João Franco». Machado dos Santos não era um escritor mas narra com minúcia o andamento da conspiração. Nota-se mesmo uma flagrante ironia nas alusões a certos detalhes. Quando recorda a primeira entrevista com Marinha de Campos e Mascarenhas Inglês, comenta: «quase fiquei convencido de que a República era a cousa mais fácil de fazer, porque apenas faltava para isso a adesão de três homens: D. Carlos, João Franco e... eu; tudo era nosso, e a segurança no êxito era tal, que nunca vi tratar assuntos revolucionários com tanta liberdade, como por esse tempo se falava em Lisboa. Cheguei a convencer-me de que os espiões também eram nossos».

Por essa época, Machado dos Santos conheceu o almirante Cândido dos Reis e o jornalista João Chagas. São grandes a sua admiração e o seu respeito por Cândido dos Reis; de João Chagas escreve: «... o eterno sacrificado das revoluções frustradas, Chagas que melhor do que eu, melhor do que Cândido dos Reis, conhecia os nossos navios de guerra, por neles ter sido hospedado pela monarquia...».

O POVO NA REVOLUCÃO — 1

Escreveu Machado dos Santos: «Foi simplesmente *admirável* o povo revolucionário português. Os proletários, os famintos, a *ralè*, guardava os bancos e as casas dos seus inimigos, como guardaria a sua casa e os seus haveres, se tivesse qualquer destas duas coisas! Sereno, intrépido, afrontando desarmado, como na Rotunda as guardas e as tropas de linha, pasma-se como, alcançada a vitória, foi tão magnânimo, generoso, para com os vencidos, seus inimigos, que lhe não perdoariam se a sorte das armas lhes fosse favorável! A monarquia vitoriosa não se limitaria a ceifar o seu furor nos combatentes da Rotunda. Iria mais longe. A vitória do Povo, em vez da hecatombe, trouxe a alegria e o riso!»

E foi assim, também, no 25 de Abril de 1974! Ainda no dia 26, os *pides*, hoje em liberdade, ceifaram as vidas de alguns manifestantes que vitoriavam a liberdade reconquistada. Um crime esquecido. E há mulheres, e há crianças, que ficaram abandonadas à sua dor.

O POVO NA REVOLUÇÃO — 2

Escreveu João Sarmento Pimentel, o fabuloso escritor das «Memórias do Capitão», ele próprio revolucionário da Rotunda: «Com a parte de Infantaria 16 que tinha aderido ao movimento, não faltavam armas para quantos se apresentavam e iam depois, encostados às casas, colocar-se nas esquinas, defender o acesso aquele pequeno e improvisado Campo Entrincheirado, cuja frente mais aberta era a extensa Avenida da Liberdade, mas também o melhor campo de tiro até à Praça dos Restauradores que lhe ficava ao fundo, garotos, mulheres, iam ao quartel de Artilharia buscar granadas para as peças postadas no Parque Eduardo VII e cunhetes para a Infantaria civil e militar. Homens traziam pão, vinho, aguardente, azeitonas e seu naco de presunto, salpicão, bacalhau da peça, linguiça, e tudo era repartido irmamente entre os da tropa e paisanos».

E foi assim também, no 25 de Abril de 1974!

REPÚBLICA, DEMOCRACIA, SOCIALISMO

A melhor homenagem à memória dos revolucionários do 5 de Outubro de 1910, a mais digna comemoração desse passo histórico, será nestes nossos dias de inquietação e de esperança, empenharmo-nos na defesa e no cumprimento da actual Constituição. Pacto de progresso e de avanço social, a Constituição deverá ser considerada à luz do ensinamento de Raul Proença: «O verdadeiro socialismo só é possível numa sociedade democrática onde o poder se encontre profundamente socializado».

Nacional

Celebrações do 5 de Outubro começaram hoje de madrugada

Enquanto no primeiro minuto da madrugada de hoje uma salva de 21 tiros inicou as comemorações do 5 de Outubro, o Ministério da Comunicação Social, comungando do significado da data e das comemorações, abre amanhã ao público, à nossa memória colectiva, uma exposição intitulada «5 de Outubro de 1910 — 5 de Outubro de 1976», que Mário Soares inaugura hoje às 21 horas. Devidamente documentada a exposição oferece ao público até 31 de Outubro uma retrospectiva histórico-fotográfica do que nós fomos e quisemos ser (1.ª República), no que nos impuseram (Estado Novo) e no que reconquistamos (25 de Abril).

«A democracia portuguesa conta uma data gloriosa, que é o começo de uma nova era: o 10 de Junho de 1880» — escrevia Teófilo de Braga, o impulsionador da ideia de celebração condigna do tricentenário de Camões. Iniciava-se a marcha dos acontecimentos que haveriam de culminar no 5 de Outubro. A propósito afirmou Basílio Teles: «antes dessa data não há história do *partido republicano* mas apenas história da *ideia*, da *aspiração republicana*...» (Do Ultimatum ao 31 de Janeiro). Recorda então a útil síntese da Direcção-Geral da Divulgação de que nos estamos a socorrer, a memória de Henrique Nogueira (1825-1858), «o verdadeiro fundador-doutrinário do partido republicano». Vinte anos após a sua morte, seria eleito para o parlamento o primeiro deputado republicano, Rodrigues de Freitas. Entretanto, prosseguindo na sinopse, o ultimatum inglês de Janeiro de 1890, a dimensão de afronta nacional que ganhou, vieram radicalizar e popullarisar o movimento republicano. Como consequência imediata: a gorada revolução do Porto (31 de Janeiro de 1891. Dela escreveria comovido Sampaio Bruno: «Noite de sonho, noite de anelo, em que pelo ar espesso perpassou a cândida imagem de liberdade fulgurou crepitante o clarão sagrado do futuro».

O regicídio estava próximo. Buiça e Alfredo Csota foram os seus executores. Guerra Junqueiro e o seu «Caçador Simão», em parte a sua voz. A Imprensa de todo o mundo ocupou-se largamente do atentado. Em cinco de Outubro de 1910, finalmente, a revolução triunfa. O cenário é Lisboa; actor é o povo que se arma e vigia e monta barricadas. Dois quartéis rebelam-se: o regimento de Infantaria 16 e o quartel dos marinheiros de Alcântara. Machado dos Santos, comissário naval, é a alma militar do cinco de Outubro. É ele que toma de assalto, com civis e militares, o regimento de infantaria 16, unidade que logo adere à revolução. Populares acampam na Rotunda. Com soldados e um sargento da Marinha montam guarda às peças de Artilharia vindas do Regimento de Artilharia Um que o movimento revolucionário assaltara. Os marinheiros revoltam-se; os cruzadores «Adamastor» e «S. Rafael», fundeados no Tejo, bombardeiam o Palácio Real das Necessidades onde estava o Rei D. Manuel. O rei abandona a capital, segue para Mafra e depois para o exílio com a família. A Revolução triunfara. A República é proclamada. Dois velhos paladinos republicanos seriam figuras destacadas do Governo Provisório (1910-1911). Teófilo de Braga, presidente do Governo Provisório e Bernardino Machado. Em 1911, Manuel de Arriaga seria o primeiro presidente eleito da República. Teófilo ocuparia a suprema magistratura em 1915 e Bernardino Machado, eleito em 1915 e 1925, seria o derradeiro presidente democrático deposto em 1926 pelo «putsch» de Braga. Durou 16 anos a Primeira República começada no 5 de Outubro, revolução popular em estreita aliança com as forças Armadas. «Embora a timidez das suas reformas — observa o texto da Direcção-Geral da Divulgação —, as insuperáveis contradições dos seus chefes e cizânias partidárias viessem posteriormente a fazer gorar os seus planos de salvação do País, a República democrática nunca deixou de viver no coração dos portugueses, identificando-se com a geral aspiração da Liberdade, Paz e trabalho resgatador. Depois foram os 48 anos negros que se seguiram. Faça-se luz: e de novo em 25 de Abril de 1974, as Forças Armadas apoiadas na vontade popular devolviam a Portugal a legalidade democrática e as liberdades banidas durante o eclipse fascista.

EANES NO MUNICÍPIO

No âmbito das comemorações, o Presidente da República discursará amanhã, pelas 12 horas no Município de Lisboa, durante a cerimónia do hastear da bandeira. Antes da alocução do general Eanes, usarão da palavra o presidente da Comissão Administrativa do concelho de Lisboa, o ministro da Administração Interna e o dr. José Magalhães Godinho, representando a Comissão Nacional das comemorações do cinco de Outubro. As celebrações serão encerradas, as 17 e 30, de amanhã, no Teatro S. Luís, numa cerimónia em que o Presidente da República fará a entrega de algumas condecorações.

NO PORTO

PORTO, 4 — A exemplo dos anos anteriores será comemorada amanhã no Porto a data do 5 de Outubro.

O programa já elaborado é o seguinte: às 8 horas alvorada com 21 morteiros, às 09 e 30 romagem ao Cemitério do Prado do Repouso, com deposição com uma coroa de flores no monumento aos vencidos do 31 de Janeiro; às 10 e 30, romagem à campa do coronel Hélder Ribeiro no cemitério de Agramonte; às 12 horas hasteamento da bandeira nacional na Praça Humberto Delgado e alocução pelo sr. dr. Cal Brandão, governador civil do Porto, em nome do Governo. Às 17 horas haverá uma sessão comemorativa da data do 5 de Outubro, em local a designar.

Entre as 15 e 17 horas haverá concerto pelas bandas do Regimento de Infantaria do Porto, na Cordoaria; pela banda da GNR na Praça Marquês de Pombal e pela banda da PSP na Praça 9 de Abril.

Em ambas as romagens estarão presentes deputações dos bombeiros.

Paulo VI recebe ministro Almeida Santos

O Papa Paulo VI recebe hoje, em audiência especial, o ministro da Justiça português, António Almeida Santos, que por esse motivo adiou por um dia o seu regresso a Lisboa, previsto para hoje.

O ministro da Justiça deslocou-se a Roma para, em representação do Governo português, assistir às cerimónias de canonização de Beatriz da Silva, que ontem decorreram na Basílica de S. Pedro.

O ministro Almeida Santos já tinha tido um encontro com Paulo VI, antes da cerimónia de canonização.

Beatriz da Silva, a nova santa portuguesa, nascida em Ceuta e residente, durante a sua infância em Campo Maior, morreu em Toledo, cidade em que fundou a ordem religiosa da Conceição, hoje espalhada por Espanha e pela América Latina.

Às cerimónias de canonização assistiram, além do ministro da Justiça e de membros da Embaixada portuguesa na Santa Sé, uma representação de 400 peregrinos portugueses e ainda membros da hierarquia católica da Peninsula Ibérica como o cardeal-patriarca de Lisboa e o cardeal primaz da Espanha.

Apelo da Comissão Nacional das Comemorações

A Comissão Nacional das Comemorações do 5 de Outubro dirige um instante apelo aos cidadãos de todo o País para que se associem às celebrações da histórica data da implantação da República em Portugal.

No pensamento do Governo, a que a Comissão Nacional entusiasticamente pretende dar expressão, procura-se que as solenidades tenham este ano particular relevo, por se tratar da primeira comemoração a empreender após a vigência da nova Constituição Política da República Portuguesa e o legal restabelecimento das liberdades públicas, postergadas durante os 48 anos de ditadura.

Nesse sentido, as comemorações em Lisboa terão a honrosa presença do Senhor Presidente da República, que discursará no acto solene marcado para a Câmara Municipal de Lisboa, de cuja varanda, em 1910, a República foi proclamada, acto em que estarão igualmente presentes o Governo, altas autoridades civis e militares e instituições representativas de nível nacional.

Em todas as capitais de distrito e sedes de concelho haverá, com apoio e presença das autoridades constituidas, solenidades da mesma índole, na execução de programas que, à escala local, secundarão o modelo das comemorações que decorrerão em Lisboa.

A Comissão Nacional espera que a população de todo o País, que ao longo dos 48 anos de fascismo sempre fez das comemorações do 5 de Outubro o pretexto para a reafirmação da sua inquebrantável fé, se associe em massa às solenidades deste ano, fazendo do 5 de Outubro de 1976 a expressão revigorada da vontade popular de construir a democracia e de defender a Constituição da II República.

O que é o 5 de Outubro

Testemunho de Elina Guimarães

Esta participação nas comemorações Cinco de Outubro dos filhos daqueles que fundaram a República e a serviram, parece-me bela, emocionante e de transcendente significação.

Não se trata de evocação passadista, mas do acto de fé que atesta a perenidade dos ideais.

Além do meu pai, Vitorino Guimarães, eu, na minha qualidade de mulher, sinto-me também a representante de duas feministas que muito estimei e que me honraram com a sua confiança: Adelaide Cabette e Ana de Castro Osório, que foram intensas propangandistas dos princípios republicanos e que fabricaram, por suas mãos, a nova bandeira nacional, que foi hasteada na Câmara Municipal de Lisboa.

A minha, a nossa geração, entrou na vida com ambições legítimas e espírito renovador, como se vê pelos movimentos da Seara Nova e, em 1925, da Liga da Mocidade Republicana, de que meu marido e eu fomos activos participantes.

Brutalmente, sistematicamente, fomos ignorados, oprimidos, marginalizados. Roubaram-nos a juventude e hoje a vida já está atrás de nós...

Ter-nos-ia bastado uma simples palavra, um **sim**, para satisfazer as nossas ambições. Mas o **não** foi a nossa constante, e o nosso orgulho.

O pior sofrimento ao longo de décadas, foi sermos forçados a ouvir em silêncio as calúnias sobre os nossos pais, e a assistir à tentativa de desvio dos nossos filhos, simples tentativa, porque eles também souberam resistir.

Não há aqui nenhuma evocação passadista, mas uma transmissão de testemunho, não de familiares, mas de correligionários.

Recordo-me do dia Cinco de Outubro de 1910 como de uma explosão de alegria e esperança, que me marcou para sempre. Embora tenha recordações mais antigas, foi nesse dia que nasci espiritualmente.

Por isso o considero um dia que já foi de tristeza, nos tempos da ditadura, mas, hoje, é de esperança. O Cinco de Outubro é mais do que uma data; é um IDEAL.

post scriptum

A diferença que vai do jornalista ao «escriba»

Classifico as pessoas que escrevem para a Imprensa diária ou periódica, em duas categorias: jornalistas e «escribas».

Os primeiros são aqueles que objectivamente e sem partidarismos escrevem com isenção, e quando incumbidos de missões especiais, chegam a arriscar a própria vida para informarem com verdade os seus leitores.

Os segundos, por via de regra, vendilhões, fanáticos, alguns até capazes de atraiçoar por dinheiro o próprio pai, exercem normalmente as suas actividades em pasquins reaccionários, onde a sua primordial missão é mentir descarada e despudoradamente, no intuito de estabelecer a confusão e a dúvida nos espíritos das pessoas menos esclarecidas.

Vem isto a propósito de um artigo tendencioso publicado num semanário que sai às terças-feiras, o qual se referia ao Muxito, situado na margem Sul, mais precisamente em Vale de Gatos que, no dizer do articulista, era um complexo turístico florescente há meia dúzia de anos.

É inacreditável que se falte à verdade com tanto despudor. Senão vejamos:

À data da sua ocupação, o Muxito não era um complexo turístico e muito menos florescente, isto muito simplesmente porque cinco ou seis anos antes a dona o havia fechado e abandonado, encontrando-se algumas instalações com evidentes sinais de ruína, como é óbvio.

Não me consta que sejam da F.S.P. e do P.R.P. os «activos revolucionários», quem dirige a «Comuna Che Guevara». Mas sejam destes ou de quaisquer outros partidos e tenham um ou outro oportunista infiltrado, tal facto não invalida a obra de aspectos muito positivos que ali têm levado a efeito, dos quais destacarei um infantário, cuja manutenção está a seu exclusivo cargo.

De um leitor devidamente identificado.

«Venham as picaretas sr. Presidente»

Acerca da notícia publicada no «DL» de 28/9/76, a pág.ª 5, sob o título «Venham as picaretas sr. Presidente» há correcções a fazer, sob pena de ferir susceptibilidade, porque a notícia não corresponde à realidade.

O assunto pode ser relatado da seguinte maneira: desde início — cerca de quatro anos — que as ruas 1 e N da Reboleira enfermavam da falta de água no Verão. Este ano o caso agravou-se e desde Maio que apenas éramos abastecidos de noite com toda a série de inconvenientes, pois que tínhamos de retirar ao repouso tempo precioso para se guardar água e pôr maquinas a trabalhar. Nestes termos, em Julho, foi feito um abaixo-assinado, expondo mais uma vez a nossa situação.

Tal exposição foi entregue pessoalmente pelo signatário ao sr. eng.º Ascenso Pires em fins de Julho. E como a parte nascente da Rua 1 era abastecida por outra rede, logo o sr. eng.º deu a auspiciosa informação de que seria viável as ruas 1 e N passarem a ser abastecidas pela rede. Como se avizinhava o mês de Agosto, ficou assente que após este, e depcis de obter dados concretos sobre a potência do compressor, fogos já abastecidos, fogos em vias de passarem a ser habitados por estarem a ser ultimados e fogos que mudariam de rede, daria o seu veredicto sobre a ligação.

Equacionada a questão como ficou referida, uma delegação, que na comissão de moradores, de cerca de vinte moradores, deslocou-se a Oeiras em 7/9/76. Tendo-se avistado com o sr. eng.º após breve conversa, já de posse dos elementos apontados supra, logo ali deu ordem ao sr. Vergilio — chefe dos Serviços Técnicos — para se proceder às obras. Então surgiu o problema da falta de braços para abrir cerca de 50 metros de vala. Mas, elementos da delegação presente, prontificaram-se a abrir a vala...

No dia 23/9/76 falei com sr. Aníbal — encarregado geral na Amadora — o qual disse ter já ordem para proceder ao trabalho. Simplesmente não podia prever para quando, pela mesma razão da falta de pessoal para abrir a vala. Comunicado tal facto à vizinhança, novamente a boa vontade de alguns se constituiu em equipa para o trabalho. Os Serviços forneceram três pás e igual número de picaretas, e as ferramentas não faltaram para quem quis trabalhar...

Assim, no dia 25/9/76 foi aberta a vala e colocados os canos em parte da estrada que foi necessário atravessar, pelo piquete de serviço da Câmara, e no dia seguinte, tal como estava projectado, a Câmara compareceu, ultimou os trabalhos e procedeu à ligação, com grande gáudio dos beneficiados que passaram a ter água nas torneiras.

Do exposto. e com omissão de certas fases para não me alongar mais, se infere:

1.º Ter havido da parte dos Serviços de Abastecimento de Água a melhor boa vontade em resolver o problema das ruas 1 e N.

2.º Manifestar publicamente aos srs eng.º Ascenso Pires, Vergílio e Aníbal o nosso agradecimento pela maneira como nos receberam e deram solução ao caso.

3.º Desconhecemos em absoluto se o sr. Presidente chegou a ter conhecimento do caso, uma vez que são serviços independentes.

4.º Não houve qualquer comissão de moradores metida no assunto, mas tão somente uma delegação de moradores que se sentiam lesados.

5.º A vala foi aberta pelos moradores que eu princípio se tinham oferecido sim, mas a colocação dos canos, ligação e subsequente fecho da vala foi tarefa exclusiva da Câmara.

Esta a realidade dos factos, à qual agradeço seja dada a devida publicidade.

Francisco Monteiro Valente
— AMADORA

AS QUESTÕES DO CONSUMO

VÍTOR BENTO

A economia portuguesa entrou num período de crise que vai significar, definitivamente, uma mudança de padrões de vida e de algumas estruturas sociais, durante um largo período.

As insuficiências do sistema económico fascista, o qual não aproveitou os escassos recursos naturais, nem desenvolveu os conhecimentos técnicos e profissionais, de modo a valorizar a posição do nosso país dentro da organização capitalista internacional, acrescentaram-se factores conjunturais, como o aumento de custo da energia, a desorganização e perda em muito larga escala dos mercados dos países africanos de língua portuguesa e a retracção dos mercados tradicionais à compra dos nossos produtos, que não sendo essenciais ou matérias-primas importantes, deixaram de ser procurados com o mesmo interesse, ou foram substituídos, isto em economias que atravessam elas próprias uma grave crise.

Que podemos oferecer, no contexto da organização internacional das economias, quer se trate da zona dita de livre mercado, quer da zona dita de cooperação centralmente planificada? Matérias-primas bastante escassas (pelo menos até onde estão descobertas) posição geográfica e acesso ao mar, características climáticas e sobretudo mão-de-obra técnica e culturalmente mal preparada — o que a formação da pequena burguesia, retórica fascista, ajudava-o pprincipal «produto» de compensação das deficiências do sistema económico, já antes do 25 de Abril. A emigração, reduzindo o consumo e proporcionando a compensação em divisas para um comércio deficitário a instalação de indústrias de tipo mão-de-obra intensiva (textil, vestuário e electrónica) quer controladas por capitalistas estrangeiros, quer portugueses, abusando de um sistema político e socialmente repressivo e por fim a própria «emigração» dos contingentes militares, fornecendo «mão-de-obra guerreira», na defesa dos interesses da ordem capitalista internacional, constituiram os mecanismos do controle exercido pelo sistema, na década de sessenta num país fornecedor de mão-de-obra e sem matérias-primas para transformar em quantidade significativa, torna-se necessário adaptar os níveis de consumo ao poder de compra dessa mão-de-obra (dependendo esta da possibilidade da sua venda», ao nível do desenvolvimento actual) em função das variações de custo dos produtos comprados (como sejam o aume to de energia e produtos industriais importados) das variações do quantitativo de mão-de-obra (como sejam o seu aumento pela quebra da emigração e a chegada dos retornados) e das variações dos mercados compradores.

Mantido artificialmente o nível de consumo à custa das reservas que garantiam a cobertura do escudo, sem quaisquer medidas compensatórias, quer no sentido de reconversão e moderação de hábitos, quer no do aumento da produção para o mercado interno ou exportação, quer por maior «colocação» de mão-de-obra, isoladamente, torna-se agora urgente, com o fim próximo das reservas, reduzir por um lado o consumo global, ou de preferência, aumentar a produção, quer para a substituição dos produtos importados, por semelhantes ou sucedâneos, quer a exportação, na medida do possível, de tudo o que possa levar, incorporados, mão-de-obra, matérias-primas ou outros elementos locais e, com vistas ao futuro, um mínimo de retribuição do capital que permita repôr os investimentos que se vão gastando e é necessário renovar e para criar novas fontes de rendimento futuro.

O custo dos sacrifícios resultantes da quebra de consumo, exige uma direcção política que os torne justamente distribuídos, através de uma política global de salários e rendimentos, compreendida e aceite pelos trabalhadores (os agentes produtores em qualquer sociedade) uma política de justiça e de mobilização dos serviços de apoio ao bem-estar (saúde, habitação, assistência social, saneamentos, transportes, etc,) de modo a tirar o maior proveito dos recursos financeiros já neles investidos e daqueles que lhe são escassamente atribuídos, pois que o desvio de quantias significativas para esses fins não vai ser possível, devido à necessidade de os aplicar na produção.

É indispensável um clima nacional de austeridade e de justiça social e fiscal, que tem de ser politicamente aceite. O Estado deve ainda, através do crédito que controla por completo e das suas responsabilidades de decisão em importantes sectores económicos, tomar as medidas necessárias, ao nível do comércio externo e dos circuitos de comercialização interna, fomentar a produção agrícola e industrial e acordar com os representantes dos trabalhadores, as medidas excepcionais de prestação de trabalho adicional, de modo a maximizar a utilização dos meios de produção existentes.

A outra alternativa para esta orientação política (que é a do quadro constitucional), será a de o consumo possível (bastante menor, em quantidade e valor, ao de antes de 25 de Abril) ser apenas acessível a uma minoria, que exercerá repressão sobre a maioria, que vai incluir, como é evidente, as classes trabalhadoras (contudo as estatísticas mostram, na frieza dos seus números, que quando um come o frango e o outro lambe os ossos, em média, ambos comem meio frango).

A concepção que agora se tem pretendido pôr em prática e que está implícita no programa do governo constitucional, dando pela designação curiosa de «existência concorrencial entre os sectores público e privado» coloca, do lado do capital, o Estado, na situação de um supercapitalista que vive ao lado de uma iniciativa privada, que também vai ter ela própria as suas vítimas, em função do tal esquema «concorrencial» tanto mais que o supercapi t a lista é quem lhe fornece a seiva financeira. Do lado do trabalho, pretende-se a coexistência dos trabalhadores do sector nacionalizado, «devidamente» cooperantes e articipadores, que terão juntamente com os seus «patrões» oficiosos, mais ou menos certeza de emprego e do outro lado, os trabalhadores do sector privado que estarão sujeitos às leis do mercado e ao desemprego, este ainda a aumentar para além do nível actual, que já é bastante grande. Inexplicavelmente, o sector estatal que detém mais de metade do capital empresarial promove investimentos do tipo capital-intensivos, e de pouquíssimo emprego, deixando para a iniciativa privada, dele dependente em termos de crédito, a «resolução» do problema do desemprego. Como vai reagir este sistema ambíguo ao abanão que o corte do consumo vai impor e às tensões sociais consequentes, ao aumento das suas vítimas, quer os mais debeis e dependentes agentes, do lado da iniciativa privada, quer do lado dos trabalhadores? Só seria possível a sua manutenção, se trabalhadores do sector nacionalizado e os «patrões» oficiosos tivessem a pele de cor diferente e direitos diferentes dos restantes cidadãos, ou que um sistema policial os isolasse, ou não existisse um mínimo de unidade de classe entre trabalhadores. Logo restam-nos, na mesma e sempre duas alternativas: ou sacrifícios justamente repartidos e a mobilização colectiva dos trabalhadores, ou a carga desigual, beneficiando uma minoria que, exactamente por ser minoria, não poderá contar com os votos ou a vontade da maioria, mas tomará o Estado, pela força.

Estados Unidos

PLATAFORMAS DOS PARTIDOS MARGINALIZAM AMÉRICA LATINA

GREGORIO SELSER

CIDADE DO PANAMÁ — (IPS) — A simples leitura dos textos das plataformas eleitorais dos partidos Republicano e Democrata, em relação à América Latina, ratifica uma vez mais a ordem decrescente que, na escala de prioridades, atribuem ao continente, uma tendência que se iniciou durante a campanha para a reeleição de Lyndon B.Johnson em 1964, e alcançou o seu nível mais baixo em 1968 e 1972, datas em que Richard Nixon foi consagrado.

Este último, dando razão aos que afirmavam que nunca tinha perdoado à América Latina em bloco as cuspidelas e pedradas que teve de suportar em Lima e Caracas em Maio de 1958, na sua qualidade de vice-presidente dos Estados Unidos, alheou-se de facto dos problemas dos países situados ao Sul do Rio Bravo e nas Antilhas.

O único e possível gesto de certo interesse ficou a cargo do então governador do Estado de Nova Iorque, Nelson Rockefeller, que foi mandado por Nixon visitar governantes de alguns países hispano-americanos, visita que, no final de 1969, se traduziu num espesso relatório de título surrealista, «The Quality of Life in the Americas», mas cujo conteúdo e filosofia, hoje postos em prática em todo o continente, implicou a apareção e actual vigência de regimes autoritários de cariz conservador, em proporções jamais vistas.

A 16 de Agosto o Partido Republicano deu a conhecer os seus «Princípios de Política Internacional» relacionados com a América Latina, onde se lê:

«As relações dos Estados Unidos com as Américas são de importância vital e imediata. O modo de conduzir as nossas relações com os nossos vizinhos do Norte e do Sul continuará a ser uma das nossas prioridades.

«Recentemente a nossa atenção orientou-se por vezes para partes do globo mais afastadas. Sinceramente não pode haver outra alternativa sensata diferente da de manter relações e compreensão mais estreita entre as nações deste hemisfério.

«Já é tempo de estabelecer uma série de novos pontos de partida nas nossas relações com o Canadá, que é o mais importante dos nossos associados no comércio, como nós somos para eles. Nós, como norte-americanos, sentimos uma grande afinidade pelos nossos amigos canadianos e temos o maior interesse no desenvolvimento de relações mais estreitas, fundadas na compreensão mútua, e na completa igualdade.

«Aos nossos vizinhos do México, à América Central e à América do Sul (o documento esqueceu-se das Antilhas), também lhes dizemos que queremos ter a oportunidade de ampliar o nosso diálogo. São grandes as necessidades dos nossos amigos, mas isto não deve ser obstáculo para um esforço conjunto e para trabalhar mais intimamente. Os Estados Unidos adoptaram medidas para ajustar as pautas aduaneiras e assim aumentar ao mácimo o acesso aos nossos mercados. Reconhecemos que os nossos vizinhos não se interessam por planos de ajuda complexos e laboriosos — vêem a ajuda própria, a modernização e aplicação do comércio como fonte principal de progresso económico. Trabalhare-

Continua na pág. 4

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Feira em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado à Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/58171, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Milheirós de Poiares, concelho da Feira, de uma linha aérea a 15 kV, com 707 metros, do apoio n.º 6 da linha para o Posto de transformação de Romariz-Igreja, ao Posto de transformação de Milheirós de Poiares-Gaiate, da Câmara Municipal da Feira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 24 de Setembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Angelino Pires dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Gondomar em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/58076, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Valbom, concelholho de Gondomar, de uma linha aérea a 15 kV, com 525 metros, do apoio n.º 6 da linha para o Posto de transformação de Valbom, ao Posto de transformação de Valbom — Rua dos Bombeiros Voluntários, da Câmara Municipal de Gondomar.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 24 de Setembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Angelino Pires dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Mortágua em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/58020, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Mortágua, de uma linha mista a 15 kV, com 593 metros (tendo a parte aérea 528 metros e parte subterrânea 65 metros) do apoio n.º 4 da linha para o Posto de transformação da Vila de Santa Comba Dão, ao Posto de transformação de Mortágua-Caniveta, da Câmara Municipal de Mortágua.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 24 de Setembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Angelino Pires dos Santos

Estrangeiro

Plataformas de partidos marginalizam América Latina

Continuação da pág. 3

mos com eles para definir os passos concretos que é necessário dar para os ajudar a alcançar um maior progresso económico e para impulsionar os nossos interesses mútuos.

«Ao continuar a sua política de exportar a subversão e a violência, Cuba permanece fora da família das nações interam e r i canas. Condena mos as tentativas da ditadura cubana de intervir nos assuntos internos dos outros países, e enquanto prossiga nesta via continuará a não ser elegível como membro da Organização dos Estados Americanos.

«Continuaremos a partilhar as aspirações do povo cubano de recuperar a sua liberdade. Insistiremos em que se mantenham condiçõesdecentes e humanas no tratamento dos presos políticos que estão nas prisões cubanas, e trataremos de fazer acordos que permitam que organismos, tais como a Cruz Vermelha Internacional, investiguem e informem sobre as condições existentes nessas prisões.

«O actual tratado do Canal do Panamá determina que os Estados Unidos têm direitos jurisdicionais na Zona do Canal «como se estivesse sob sua soberania». Os Estados Unidos propõem que o Canal se mantenha como uma rota marítima internacional aberta aos barcos de todas as nações. Este acesso seguro fomenta-se com o tipo de relações que mereçam o respeito tanto dos norte-americanos como dos panamianos e que beneficiem os povos de ambos os países. No entanto, em toda a discussão com o Panamá, os negociadores norte-americanos de modo algum poderão ceder, diluir, invalidar, pactuar ou transferir nenhum direito ou faculdade, autoridade, jurisdição, território ou propriedade que sejam necessários para a protecção e a segurança dos Estados Unidos e de todo o hemisfério ocidental.

«Ratificamos a nossa fé na capacidade da Organização dos Estados Americanos, que continua a ser um valioso meio de consulta interamericana».

Para além das declarações de amor pelo Canadá e pela O.E.A., e as incongruências como negar a Cuba o ingresso numa organização a que Cuba se recusa a pertencer, a mais clara referência no texto programático indica que, de acordo com a tónica exasperada que o pré-candidato Ronald Reagan impôs no seio do Partido Republicano, a questão do Canal do Panamá mereceu aos redactores dos tais «princípios» o seu máximo esforço de concentração mental. De facto, dedicam a este tópico a maior quantidade de palavras e afirmações claras e precisas, seguindo-se o problema de Cuba. O resto são generalidades vagas, lugares-comuns, ninharias e banalidades repetitivas do fundo de ambiguidades evasivas de que se nutre a tradicional literatura panamericanista.

Mas é justamente nesta preferência do documento que se detecta o seu real conteúdo. O princípio básico de que o Partido Republicano e portanto Gerald Ford se for eleito, não deverá transigir em nada que implique para os Estados Unidos rever o tratado de Bunau-Varilla de 1903, é chave. Se as negociações, que neste momento estão paralisadas por decisão unilateral de Washington, não podem incluir nada que implique «ceder, diluir, invalidar, pactuar ou transferir nenhum direito ou faculdade, autoridade, jurisdição, território ou propriedade que sejam necessários para a protecção e segurança dos Estados Unidos e de todo o hemisfério ocidental», segundo reza o documento, que se poderá então discutir. A cor dos barcos que atravessam o Canal? O número de apitadelas de saudação que os barcos podem lançar?

. A insensatez da posição do Partido Republicano, que parecia ser um mero argumento para consumo partidário, transferiu-se com força de princípio de política internacional para o documento básico da campanha. É lógico supor que o candidato terá de sujeitar-se a estas prescrições uma vez que obtenha a vitória.

E é caso para perguntar se o próprio Ford, que alcançou o poder por delegação extemporânea e prometeu as negociações que agora são levadas a cabo — embora com grandes ausências — pelo diplomata Ellsworth Bunker, poderá continuar a mantê-las no caso de reter o poder após a eleição. Aí se atingirá o ponto crítico da decisão de suspender indefinidamente o que se segue em cumprimento do convénio Tack-Kissinger de 7 de Fevereiro de 1974. Prosseguir as conversações em torno de pontos que, tanto o Panmá — por exigências do próprio decoro nacional e do respeito pela sua essência histórica, desnaturada por um tratado iniquo —, como os Estados Unidos — constrangidos pelos pontos limitativos da paltaforma republicana —, não podem aceitar.

Sem recorrer a antecipações fáceis, poderia avançar-se a hipótese de que se chegará a um «impasse», a não ser que Ford resolva passar por cima dos princípios estabelecidos pelo seu partido ou que Torrijos aceda a renunciar à sua intransigência, algo que é muito mais improvável.

No começo do século XX, uma decisão programática eleitoral do Partido Republicano levou a que o Panamá fosse considerado como terra escolhida para que por ela passasse o canal interoceânico, decisão que deixou de lado a até então mais forte candidatura à obra do canal, numa mudança de atitude que os historiadores são unânimes em considerar como resultado da influência dos banqueiros Morgan e do consórcio dos advogados Cromwell e Sullivan, todos com interesse nos lucros que adviriam da «Nova Companhia do Canal do Panamá», empresa de accionistas franceses.

Foi em consequência destes lucros que o secretário de Estado John Hay assinou rapidamente um tratado com um francês que apresentava credenciais tão viciadas como duvidosas e que nem era panamiano nem podia representar o Panamá à luz da moral e do direito internacional.

O que ambos assinaram continua vigente hoje em dia para mal do povo panamiano e dos seus governantes.

eleições 76

autarquias locais

O Ministério da Administração Interna através do Secretariado Técnico dos Assuntos Políticos e Eleitorais esclarece:

Até 15 de Dezembro deste ano haverá eleições para os novos órgãos das autarquias locais. Iremos, assim, eleger a Assembleia de Freguesia, a Assembleia Municipal e a Câmara Municipal.

Participar na vida pública local, candidatando-se ou apenas votando e, futuramente, assistindo às sessões daqueles órgãos ou intervindo directamente junto dos seus representantes, é um direito dos cidadãos eleitores.

A vida pública local é a base da democracia.

DE FÉRIAS COM O Diário de Lisboa

Aceitam-se assinaturas de férias pelo período mínimo de 10 dias, ao preço de 6$00 por exemplar

NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Albergaria-a-Velha em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República» o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/57133, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Frossos, concelho de Albergaria-a-Velha, de uma linha aérea a 15 kV, com 694 metros, do apoio n.º 8 da linha para o Posto de transformação de Angeja, ao Posto de transformação de Frossos-Cemitério, da Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 24 de Setembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Angelino Pires dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto, apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/56140, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Rio Tinto, concelho de Gondomar, de uma linha aérea a 15 kV, com 288 metros, do apoio n.º 3 da linha para o Posto de transformação «Rio Tinto» da Câmara Municipal de Gondomar ao Posto de transformação «Rio Tinto - Rua do Bazar» da Câmara Municipal de Gondomar.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 27 de Setembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Angelino Pires dos Santos

Nacional

A mesa que presidiu à conferência de Imprensa desta manhã

G.D.U.P.'s E ELEIÇOES

Listas de unidade popular no maior número de locais

Os GDUP's vão participar nas próximas eleições para os órgãos das autarquias locais, trabalhando para a elaboração de listas de unidade popular, apoiando-as e defendendo-as, em todos os locais onde isso for possível — garantiram responsáveis pelos Grupos Dinamizadores, esta manhã, durante uma conferência de Imprensa. Nos locais onde isso não for possível, (por dificuldades levantadas pelas forças reaccionárias e fascistas), os Grupos concorrerão com listas próprias identificadas pela sua própria sigla. No primeiro caso, a apresentação de lista dependerá da aprovação do programa-GDUP em plenários a realizar em cada local; das listas farão parte representantes da população trabalhadora local, independentemente da sua filiação partidária: as estruturas dos GDUP promoverão reuniões para que o seu programa seja discutido. No segundo caso, admite-se ainda que as dificuldades não sejam criadas apenas pelas forças de direita: as forças políticas reformistas, por exemplo, poderão — preveniram os responsáveis no seu encontro com a Imprensa esta manhã — manipular os plenários de modo que o programa dos GDUP's seja preterido em favor do programa dessas forças; então os GDUP's não darão aval a tais listas. A propósito, foi referida em termos muito críticos a criação da Frente Eleitoral «Povo Unido». Um dos presentes na mesa de conferência afirmou que os GDUP's não consideram como unitária as listas da Frente: «São listas partidárias, do PCP, e a sua proposta vem demonstrar como não se faz a unidade dos trabalhadores. Nós, pelo contrário, estamos interessados em demonstrar como se faz a unidade dos trabalhadores». Mais: «Os GDUP's estão abertos à colaboração de todos, independentemente da sua filiação partidária».

Presentes, na mesa, três responsáveis dos GDUP: Afonso Barros, Pedro Goulart e Vieira Lopes. A reunião serviu para divulgar as principais conclusões do Encontro Nacional dos GDUP realizado este fim-de-semana em Lisboa. Durante o Encontro — afirmaram os conferentes — as posições dos GDUP's foram amplamente debatidas, e, no final, consideradas correctas pelos participantes na reunião. Estiveram presentes representantes dos GDUP de Norte a Sul do País. Fez-se um balanço do estado de organização dos Grupos com vista à participação nas eleições do dia 12 de Dezembro. Ficou decidido concorrer no maior número possível de locais e principalmente nos locais onde a votação em Otelo nas presidenciais foi mais forte. A propósito de Otelo: o programa dos GDUP's para as eleições das autarquias remonta ao programa do candidato nas eleições presidenciais, naturalmente, e mantem-no nas suas linhas.

Do Encontro deste fim-de-semana em Lisboa saiu um documento intiluado «Linhas Gerais de Actuação dos Candidatos de Unidade Popular» onde se resumem os compromissos que os futuros candidatos dos GDUP's assumem perante o povo português. Onze compromissos, resumidamente: Lutar pela ampla participação democrática do povo trabalhador em todas as decisões que lhe dizem respeito; apoiar activamente as organizações populares de base; agir de acordo com as prioridades definidas colectiva e democraticamente; lutar pela aplicação de uma política popular; lutar pela unidade do povo trabalhador das cidades e dos campos; dinamizar a luta contra o desemprego e pela criação de postos de trabalho; assegurar o bom funcionamento dos serviços públicos; submeter ao controlo popular a elaboração dos orçamentos das autarquias locais; incentivar todas as formas de luta contra a repressão sobre o povo; exigir do poder militar que os meios técnicos e logísticos das unidades sejam postos ao serviço das populações; pugnar pela atribuição de amplos poderes às autarquias locais.

«Aqueles que de nós forem eleitos e entrarem, por via disso, no aparelho do Estado — disse um dos responsáveis dos GDUP — continuarão aí a lutar e a defender os interesses dos trabalhadores que os elegerem.»

COMISSÃO ELEITORAL

Durante o Encontro Nacional este fim-de-semana, os GDUP elegeram uma Comissão Eleitoral de Unidade Popular, com vista à participação dos Grupos nas eleições para as autarquias. A Comissão é constituída pelos seguintes nomes: José Hipólito dos Santos, Acácio Barreiros, Nuno Teotónio Pereira, Vítor Wengorowious, José Afonso, Afonso de Barros, Vieira Lopes, José Mário Branco, António Luís Moita e Amadeu Lopes Sabino.

Entretanto conhece-se a data em que os GDUP's realizarão o seu I Congresso: é nos dias 5, 6 e 7 de Novembro, segundo foi anunciado depois do Encontro Nacional.

C.D.S. ABRE HOSTILIDADE

Suspensão da Reforma Agrária vai ser proposta em S. Bento

PORTO, 4 — O C. D. S. apresentará à Assembleia da República projectos de lei no sentido de suspender a execução da lei da Reforma Agrária e dos decretos aprovados pelo VI Governo que aumentam algumas contribuições e impostos e ainda um projecto de Estatuto da Oposição, de acordo com decisões tomadas na reunião do grupo parlamentar daquele partido, que ontem decorreu na cidade do Porto.

Concretizando a já manifestada intenção de ser uma oposição mais actuante ao Governo, de Mário Soares, ao contrário do apoio crítico que parecia resultar da atitude tomada durante a discussão do programa de Governo, na Assembleia da República, o C. D. S. abriu as hostilidades através do seu grupo parlamentar. O primeiro alvo será, para já, a Reforma Agrária. Amaro da Costa, como porta-voz do C. D. S., considerou um abuso a intenção manifestada pelo Governo de expropriar as terras que ultrapassem os 50 mil pontos, já que, justificou, a Reforma Agrária é um assunto da exclusiva competência da Assembleia da República, razão por que o Governo não devia aplicar «a lei gonçalvista», sem primeiro consultar o Parlamento.

Segundo Amaro da Costa, um outro projecto aprovado pelo seu grupo parlamentar diz respeito ao Estatuto da Oposição que conterá disposições respeitantes à definição de oposição, aos seus direitos (nomeadamente informação e consulta prévia, colaboração administrativa e participação legislativa, depoimento e acesso aos meios de comunicação social), bem como aos seus deveres — respeito da legalidade, sigilo, comunicação prévia, informação e participação.

O C. D. S. apresentará ainda na Assembleia da República um requerimento ao Governo sobre a forma como tem sido aplicado o Código dos Investimentos Estrangeiros e acerca do afluxo de capitais estrangeiros ao nosso País, desde que esse diploma foi publicado, em Abril passado.

MINISTRO LINO MIGUEL RECOMENDA

FIM ÀS QUERELAS PARTIDÁRIAS

FUNCHAL, 4 — «Este povo não deve aceitar que o Governo se envolva em querelas partidárias que paresem a sua acção, nem aceitar desfalecimentos ou derrotismos que levem ao imobilismo», declarou aqui o coronel Lino Miguel, ministro da República para o arquipélago, ao dar posse ao Governo Regional da Madeira, que sendo liderado pelo P.P.D., tem a presidi-lo o eng. Ornelas Camacho.

Depois de sublinhar a importância do acto que «ficará a assinalar a encruzilhada da História em que o povo da Madeira passa a ser governado pelos seus legítimos representantes escolhidos de acorco com a vontade do povo», Lino Miguel referiu que a partir de agora «ficam criadas as condições para o exercício da democracia política, mas não podemos ignorar que esta é apenas o abrir da porta que permitirá o acesso à democracia social, económica e cultural, para que se consiga a igualdade de oportunidade para todos os cidadãos e para que as condições de vida digna e o acesso à cultura deixem de ser privilégio de alguns para passar a ser condições de todos».

PUB.

SINDICATO DOS TRABALHADORES GRÁFICOS DO SUL E ILHAS ADJACENTES

CONVOCAÇÃO

Nos termos estatutários, convoco a Assembleia Geral Extraordinária do Sindicato, para reunir dia 14 de Outubro de 1976, às 21 horas, na Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário», sita na Rua Voz do Operário, n.º 13, em Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

I. Congresso dos Sindicatos;
II. Informações

Lisboa, 4 de Outubro de 1976

O Presidente da Assembleia Geral
a) António Luís Eça Tavares

PASSAROLA

UM RESTAURANTE DIFERENTE
Ambiente moderno, acolhedor, requintado.
Ementa escolhida de entre as mais apreciadas da cozinha portuguesa e internacional.
Localizado no LISBOA PENTA HOTEL.
Com parque de estacionamento privativo, o Restaurante Passarola oferece-lhe sempre mais do que aquilo que você paga.
RESERVE A SUA MESA PELOS TELEFS.: 740141 / 787141
Av. dos Combatentes, à Praça de Espanha.

VÁ AO PASSAROLA
UM RESTAURANTE DIFERENTE

CASINO ESTORIL

Amanhã, dia feriado, "matinee" dançante as 17 horas
CHÁ COMPLETO 70$00
(TAXAS E IMPOSTOS INCLUIDOS)

Nacional

Tenente-coronel Carlos Azeredo responde ao "Diário de Lisboa"

A propósito de algumas notícias publicadas sobre a Madeira no nosso jornal, recebemos do tenente-coronel, Carlos Azeredo, representante do Governo naquela ilha, alguns esclarecimentos que passamos a transcrever:

«Acabo de ler no número 6 do corrente, desse jornal, dois artigos sem assinatura, um na pág. 4 sob o título «Machico. Há um ano que a Câmara não è do Povo», e o outro nas pags 6 e 7, intitulado «Brigadeiro Azeredo a uma b o r dadeira. Vou vingar-me seja de que maneira for!» acerca dos quais, porque está o meu nome em causa e usando dos direitos que a Lei me confere, solicito a publicação destes esclarecimento, na íntegra, nas mesmas páginas e com a saliência igual que mereceram do jornal os artigos acima referidos.

1 — No que se refere à Câmara de Machico, ela continua a ser tanto do Povo como as restantes dez Câmaras do distrito. O que deixou, foi, de ser tutelada, através do seu ex-presidente José Martins, por meia dúzia de parasitas do Centro Popular de Informação de Machico, organização ao tempo afecta à O.C.M.L.P., minoritária e altamente agressiva para a grande maioria da boa gente do concelho.

O Ministro da Administração Interna foi na altura posto ao corrente dos graves atropelos à Lei, praticados pelo tal ex-pároco, e sobre os quais o mesmo senhor tem processo pendente no tribunal da comarca de St.ª Cruz. A demissão do padre do cargo de presidente da CA da Câmara, surgiu na imediata sequência de um pseudo julgamento popular, promovido pelo José Martins, contra todas as leis e direitos do indivíduo, que a actual Constituição veio confirmar, e tomou tais foros de gravidade que o Chefe da Polícia local teve que intervir para salvaguardar a integridade física dos menores em causa.

2 — Relativamente a uns panfletos anónimos, cujo estilo denuncia o ex-pároco Martins, e dos quais alguns eram assinados pela União das Bordadeiras, pela Cooperativa local e por organizações que nem existem legal e realmente, houve o seguinte: O governo Civil pretendeu ouvir, sobre esses mesmos panfletos, representantes da União das Bordadeiras e da Cooperativa, o que não foi possível, já que a última pessoa da União a ser notificada enviou um atestado de gravidez no 5.º mês sem qualquer alusão a «precário estado de saúde» e desapareceu em seguida, e o representante da Cooperativa arranjou uma gripe que durou até à minha partida para o continente, portanto 12 dias.

As afirmações que o jornal refere e atribui à minha pessoa, relativas a vinganças através de Deus (?), são por demais ridículas e falsas para aqui as comentar; elas classificam-se por si.

O que esse jornal, honestamente poderia fazer, era apurar junto do Vogal da Junta Regional para a Industria da minha posição relativamente à União das Bordadeiras, e qual o montante dos subsídios que essa cooperativa recebeu, proporcionalmente e em absoluto, em relação às outras bordadeiras da Madeira. Aliás, fui pessoalmente criticado, até porque em vários sectores se levantaram dúvidas quanto aos destinos dados a essas avultadas quantias. Jamais me permiti que aspectos pessoais interviessem em aspectos de administração pública de mim dependentes.

4 — Relativamente às acusações da chamada «Comissão de Vigilância Popular de Machico», associação cuja existência só agora por esse jornal conheci e que nunca se revelou anteriormente, acusações e factos que são a consequência directa da agressividade do ex-pároco Martins e dos seus apaniguados sobre a própria população, apenas me merece aqui um reparo a que se refere às Forças Armadas na Madeira que andariam a «roubar» casas, e pelas quais fui, como Comandante-Chefe o responsável. Os Oficiais, Sargentos e Praças que actuaram em Machico, fizeram-no, honestamente, dentro da mais estreita disciplina militar, no cumprimento de uma missão que lhe estava cometida. Os militares na Madeira ganham honestamente e duramente o seu soldo ou pré, e não estão habituados a viver à custa de gordos envelopes apanhados a devotas simples e bem intencionadas, mistificadas por êxtases e outras pantominices que ocorriam nas missas do ex-pároco Martins, nem podem agora servir de bode expiatório para o esbanjamento de verbas que agora algumas das vítimas começam a reclamar do tal senhor.

5 — Quanto aos comentários que o «DL» tece sobre a minha pessoa, o comando da Região Militar Norte, aliás nas mãos de um competente e brilhante oficial general, é bom que esse jornal se capacite de que, após quase 30 anos de vida militar, é natural que sobre o Oficial do Exército que sou, haja já uma opinião formada; se algum dia eu vier a assumir aquele ou qualquer outro posto de comando, é assunto de natureza estritamente militar com o qual o «DL» ou a tal comissão de vigilantes nada terão a ver.

6 — Resta-me agradecer-lhe sr. Director, a promoção que da minha pessoa tem sido feita, nos últimos tempos, através das páginas do seu jornal. Quando as críticas têm este nível, e saem de uma linha francamente minoritária e golpista, elas são uma autêntica promoção positiva para o visado. Lamento o espaço que com esta intervenção ocupei nesse jornal, mas julgo que esta foi a primeira e última vez.»

NOTA DE REDACÇÃO

Diz a certa altura, no seu esclarecimento, o sr. tenente-coronel Carlos Azeredo, que a «a Câmara de Machico continua a ser tanto do Povo como as restantes dez Câmaras do distrito». Resumindo as Câmaras não «são do povo». Registamos. Mas o que podemos assegurar é que a Câmara do Machico o tentou quando lá esteve o padre Martins.

O nosso correspondente na Madeira, cujo nome não revelamos, por razões que o sr. tenente-coronel compreende «muito bem» esclarece-nos:

— Em 5/9/75 a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Machico era presidida pelo padre José Martins após consulta à população sobre quem desejariam naquele lugar.

— Havia comissões de aproximadamente 6 elementos com pouca oscilação numérica para Obras Públicas, Assuntos Sociais, Inquérito e Contas, Assuntos Marítimos, Abastecimento e Preços e Comissão de Habitação.

Afastado o Padre Martins estas comissões foram todas dissolvidas. Também neste período, de Maio a Setembro de 1975, em 5 meses fizeram-se mais obras de beneficiação e abertura de caminhos (pequenas estradas) e também colocação de fontanários.

Poderíamos continuar a esclarecer alguns pontos da carta que o sr. tenente-coronel nos enviou e que reproduzimos com o máximo prazer sem ser necessário recorrer à Lei de Imprensa. Mas só mais duas questões.

Aquelas «criancinhas» a que o sr. tenente-coronel se refere, tinham idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos e foram apanhadas a pintar «Fora Portugal, etc.» nas paredes do Complexo Turístico da MATUR. Nessa altura a população juntou-se em frente da Câmara onde se encontravam as «criancinhas». E a certa altura gritou-se «Morte aos fascistas». Isto não é um Julgamento Popular; quanto muito é a indignação popular.

Mas, passados sete meses, não estas mas outras «criancinhas» mantiveram sequestrado um cidadão português, prof. Francisco Simões e intimidaram-no a deixar a Ilha no dia seguinte. De facto, este regressou no primeiro avião a Lisboa, por acaso, acompanhado de V.Ex.ª. As «criancinhas» foram logo postas em liberdade. Que nome terá este «julgamento»?

Por último, apenas um pormenor: quando o sr. tenente-coronel afirma «qualquer outro posto de comando é assunto estritamente militar com o qual o «DL» ou a tal Comissão nada terão a ver».

Olhe que não sr. tenente-coronel, olhe que não!

IARN

INSTITUTO DE APOIO AO RETORNO DE NACIONAIS

Abonos aos candidatos a adidos

Avisam-se todos os candidatos a Adidos com marcações efectuadas para os meses de Setembro e Outubro, que a partir do próximo dia 6 de Outubro, das 9.30 às 12 horas e das 14.15 m às 16 horas, se começa a pagar os adiantamentos sobre os futuros ordenados, segundo o escalonamento diário abaixo discriminado:

Data que estava fixada:	Recebe em:
13 de Setembro	6 de Outubro/76
14 de Setembro	7 de Outubro/76
15 de Setembro	8 de Outubro/76
16 de Setembro	11 de Outubro/76
17 de Setembro	12 de Outubro/76
20 de Setembro	13 de Outubro/76
21 de Setembro	14 de Outubro/76
22 de Setembro	15 de Outubro/76
23 de Setembro	18 de Outubro/76
24 de Setembro	19 de Outubro/76
27 de Setembro	20 de Outubro/76
28 de Setembro	21 de Outubro/76
29 de Setembro	22 de Outubro/76
30 de Setembro	25 de Outubro/76
1 de Outubro	26 de Outubro/76
4 de Outubro	27 de Outubro/76
6 de Outubro	28 de Outubro/76
7 de Outubro	29 de Outubro/76
8 de Outubro	3 de Novembro/76
11 de Outubro	4 de Novembro/76
12de Outubro	5 de Novembro/76
13 de Outubro	8 de Novembro/76
14 de Outubro	9 de Novembro/76
15 de Outubro	10 de Novembro/76
18 de Outubro	11 de Novembro/76
19 de Outubro	12 de Novembro/76
20 de Outubro	15 de Novembro/76
21 de Outubro	16 de Novembro/76
22 de Outubro	17 de Novembro/76
25 de Outubro	18 de Novembro/76

N.B. Os candidatos a Adidos devem fazer-se acompanhar do Atestado de Residência e os justificativos do agregado familiar.

Lisboa, 30 de Setembro de 1976

Chefe do Gabinete de Informação Geral

TEATRO / telef. 366745

ABC

Todas as noites
às 20.30 e 22.45 horas

Amanhã
matinée às 16 horas

NÃO DEIXE DE ASSISTIR

À melhor revista
dos últimos 2 anos

CASA COR SEM PARADA

Uma revista
apolítica

Para rir e divertir-se!

HERMÍNIA SILVA
NICOLAU BREYNER
RIBEIRINHO
VERA MÓNICA
VÍTOR MENDES
LURDES LIMA

à frente de um grande elenco

Não acons. a men. de 18 anos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/57677, arquivo 4, para o estabelecimento no lugar de Vale do Cunho, freguesia de S. Pedro da Cova, concelho de Gondomar, de uma linha aérea a 15 kV, com 137 metros, do apoio n.º 2 da linha para o Posto de transformação de S. Pedro da Cova — Rua da Paradela, ao Posto de transformação da Prequel — Produtora de Equipamentos Eléctricos, Lda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 20 de Setembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Angelino Pires dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/58265, arquivo 11 023, para o estabelecimento na freguesia de Amora, concelho do Seixal, de uma linha aérea a 15 kV, com 192 metros, do apoio n.º 5 da linha RA-15-23-7-1 BELO, para o Posto de transformação 15-3-226 FRAGATEIRO (RA-15-23-7-1-1 FRAGATEIRO).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 24 de Setembro de

Pel'O Engenheiro Chefe
Angelino Pires dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/57923, arquivo 4, para o estabelecimento em Vendas de Roncão, freguesia de S. Francisco, concelho de Santiago do Cacém, de uma linha aérea a 30 kV, com 169 metros, do apoio n.º 301 da linha Alcácer-Santiago ao Posto de transformação da Câmara Municipal de Santiago do Cacém.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 22 de Setembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Angelino Pires dos Santos

NO MATADOURO DE PAÇO DE ARCOS

Comboio esmagou camioneta: três mortos e um ferido

Sobe a três o número de mortos, vítimas da violenta colisão entre um comboio vindo de Cascais e uma camioneta de carga acontecida ontem, pelas 23 horas, numa passagem de nível junto do Matadouro de Paço de Arcos. O condutor da camioneta, José Velez Vasco, de Montargil, teve morte imediata. Dos três ocupantes da camioneta que deram entrada no Hospital de S. José com ferimentos graves. José Mota Domingues, ajudante de camionista, de 51 anos, casado, natural de Ponte de Sor, acabaria por sucumbir algumas horas depois. Já esta manhã, uma criança ainda não identificada, que aparenta cinco anos de idade viria a aumentar para três o número de mortos. Mantém-se no Hospital de S. José com ferimentos graves o outro passageiro da camioneta, Maria Campos Marcelino.

O desastre teve algo de insólito. A camioneta, uma «Bedford» com a matrícula EC-95-48, fez-se inesperadamente à linha já com as barreiras em baixo e apesar dos gritos da guarda de passagem de nível a senhora Maria Celeste da Conceição Duarte, de 34 anos. Diria ao «D.L.»: «Não sei como aconteceu. A camioneta que circulava pela parte de cima da linha, pela Rua Lino da Assunção, de repente, com as cancelas fechadas e o sinal e tocar e ainda com o comboio muito perto a apitar, entrou na passagem pelo lado falso da barreira. Ainda gritei ao camionista, mas já não havia tempo para nada. Se não fujo a camioneta tinha-me caído em cima, quando o comboio a colheu e sacudiu violentamente para o lado.

Julga-se que no último instante, o condutor da camioneta teria tentado saltar, sendo então completamente trucidado pelo comboio. Os Bombeiros Voluntários de Paço de Arcos e de Oeiras que compareceram no local, assim como a PSP da esquadra de Oeiras, tiveram de recolher restos do corpo do inditoso motorista numa extensão de mais de 100 metros.

Nacional

"Largada" em Vila Franca fez três feridos graves

VILA FRANCA DE XIRA, 4 — Três feridos graves foi o balanço da largada de touros que ontem marcou a inauguração da Feira Anual de Vila Franca, cujos festejos se prolongarão até ao próximo dia 7. A identidade dos sinistrados é a seguinte: Manuel da Silva Beleza, de 22 anos, natural e residente nesta vila, com ferida contusa na fonte; José Pereira Matias, de 23, natural de Montargil e residente em Ponte de Soure, com ferida contusa na região peitoral; e Adriano Roberto Maouco Prussiano, de 27, natural do Fundão e residente em Alverca, com ferida incisiva no cotovelo direito e escoriações várias. Tudo isto em consequência de marradas de touros que, saindo de uma praça improvisada, percorreram as principais artérias da vila, perante o entusiasmo, misto de tradição e de alienação secular, de muitos milhares de pessoas dependuradas nas árvores, varandas, terraços, e postes eléctricos.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO CENTRO, SUL E ILHAS ADJACENTES E MOAGENS DO CENTRO E SUL

Campo do Mártires da Pátria, 50-2.º Dt.º (Sede)
Tlef. 58934/558630 LISBOA

AOS CAMARADAS DOS SECTORES DE MOAGENS, MASSAS, ALIMENTOS COMPOSTOS E DESCASQUE DE ARROZ

COMUNICADO N.º 4

Como é do vosso conhecimento recomeçaram no dia 15 de Setembro as negociações do nosso Contrato na fase de conciliação, tendo até ao momento decorrido 19 reuniões directas e 7 reuniões na conciliação, completando-se no próximo dia 7 de Outubro 3 meses de negociações.

Camaradas, o patronato além de se negar a discutir cláusulas sobre controlo das actividades das empresas e indemnizações por despedimento, pretende manter o que os trabalhadores tinham no Contrato anterior para subsídio de turnos e subsídio de alimentação. Por outro lado até ao momento ainda não apresentou qualquer proposta para novos salários.

Será que o patronato pensa que os salários e subsídios de turno anteriores são suficientes para fazer face ao aumento do custo de vida, como afirmaram em relação ao subsídio de alimentação que com 25$00 os trabalhadores comem bem em qualquer parte?

CAMARADAS, A ESTAS PROVOCAÇOES DO PATRONATO É NECESSÁRIO DIZER BASTA!

Assim, a Comissão Negociadora Sindical propôs para dia 6 de Outubro a apresentação por parte do patronato de uma proposta sobre salários.

NO DIA 8 ÀS 14.30 HORAS REALIZAR-SE-Á EM LISBOA UM PLENÁRIO DE DELEGADOS SINDICAIS PARA SE DECIDIR, FACE À POSIÇÃO PATRONAL, AS MEDIDAS QUE ACHARMOS MAIS CONVENIENTES PARA A CONQUISTA DAS NOSSAS JUSTAS REIVINDICAÇÕES.

Camaradas, a partir deste momento é absolutamente necessário que todos os trabalhadores, conjuntamente com os Delegados Sindicais, promovam Plenários de fábrica de discussão e análise da situação, criando condições para melhor responder às provocações do patronato e começarmos a luta que levará, estamos certos, à obtenção das melhores condições de vida a que todos temos direito.

POR MELHORES CONDIÇÕES E VIDA!
EM FRENTE COM O CONTRATO!
A LUTA CONTINUA!

A DIRECÇÃO

Sindicato de Garagens, Postos de Abastecimento Transportes e Ofícios Correlativos do Centro e Sul

Av. Almirante Reis, 45, 1.º — Telefs. 83 93 18/84 86 33 — Lisboa-1

CONVOCATÓRIA
DELEGADOS SINDICAIS

Convocam-se todos os Delegados Sindicais dos Distritos de Lisboa e Setúbal para um plenário a realizar no próximo dia 6 de Outubro pelas 15 horas, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico, Av. Rovisco Pais — LISBOA, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Discussão do Projecto para o Congresso dos Sindicatos.
2.º — C. C. T. das Garagens.
3.º — A. C. T. dos Transportes.

Vamos oficiar à tua entidade patronal a solicitar a tua dispensa do serviço de forma a poderes estar presente neste plenário.

ESTE PLENÁRIO É MUITO IMPORTANTE, COMO DELEGADO SINDICAL TENS A OBRIGAÇÃO DE COMPARECER E PARTICIPAR NO MESMO.

NÃO FALTES

Lisboa, 29 de Setembro de 1976

O PRESIDENTE DA DIRECÇÃO
José Eduardo M. Borges

SHER
SOCIEDADE HIDRO-ELÉCTRICA DO REVUE
S.A.R.L.

CAPITAL: 250 000 000$00

OBRIGAÇÕES

Amortizações sorteadas em 27 de Setembro corrente

Nos termos dos anúncios oportunamente publicados, procedeu-se na data acima referida, para o efeito da amortização prevista para 1 de Outubro próximo, aos sorteios relativos às emissões que se indicam, tendo-se obtido os seguintes resultados:

EMISSÃO DE 40 000 CONTOS — 1956 — 5%

Títulos de 100 obrigações n.ºs: 95, 120, 191, 244, 265, 315, 337, 403 e 412

EMISSÃO DE 35 000 CONTOS — 1957 — 5%

Títulos de 1 obrigação n.ºs: 4, 40, 59, 172, 218, 235, 240. 368, 412, 450, 460, 472, 597, 667, 825, 841, 899, 1038, 1045, 1110, 1111, 1141, 1194, 1218, 1314, 1402 e 1416

Títulos de 5 obrigações n.ºs: 1515, 1561, 1606, 1617, 1745, 1799, 1809, 1884, 1905, 1960, 1972, 2007, 2061 e 2068

Títulos de 10 obrigações n.ºs: 2103, 2134, 2157, 2191, 2288, 2317, 2324, 2402, 2493 e 2497

Título de 20 obrigações n.º: 2504

Títulos de 50 obrigações n.ºs: 2524, 2568, 2592 e 2666

Títulos de 100 obrigações n.ºs: 2748, 2772 e 2788

EMISSÃO DE 65 000 CONTOS — 1959 — 5%

1.ª Fase

Títulos de 10 obrigações n.ºs 11298, 11355, 11379, 11404, 11562, 11583, 11618, 11659, 11679, 11694, 11745, 11746, 11781, 11802, 11814, 11869, 11872, 11951, 11998, 12073, 12184,

1.ª Fase

Títulos de 1 obrigação n.ºs: 70, 151, 313, 316, 342, 351, 357, 524, 534, 644, 681, 755, 958, 965, 996, 1020, 1044, 1155, 1200, 1261, 1303, 1306, 1313, 1372, 1373, 1568, 1649, 1702, 1821, 1827, 1877, 1900, 1924, 2020, 2062, 2117, 2136, 2137, 2222, 2250, 2263, 2288, 2326, 2370, 2397, 2441, 2455, 2507, 2524, 2626, 2699, 2760 e 2860

Títulos de 5 obrigações n.ºs: 2932, 2964, 3105, 3120, 3166, 3198, 3222, 3315, 3317, 3426, 3436, 3444, 3585, 3593, 3614, 3880, 4071, 4101, 4107, 4183, 4215, 4272, 4379, 4418, 4454, 4494, 4508, 4516, 4561 e 4583

Títulos de 10 obrigações n.ºs: 4678, 4698, 4801, 4926, 4996, 5005, 5024, 5098, 5112, 5208, 5231, 5318, 5365 e 5370

Títulos de 100 obrigações n.ºs: 5491 e 5496

2.ª Fase

Títulos de 1 obrigação n.ºs: 5561, 5576, 5659, 5785, 5800, 5905, 5912, 5987, 6154, 6171, 6226, 6236, 6350, 6386, 6513, 6575, 6617, 6664, 6723, 6725, 6820, 6972, 7036, 7098, 7124, 7315, 7384, 7387, 7414, 7453, 7656, 7661, 7674, 7710, 7727, 7730, 7748, 7768, 7770, 7771, 7988, 8088, 8103, 8257, 8333, 8373, 8421, 8548, 8558, 8635, 8673, 8691, 8705, 8801, 8954, 9061, 9194, 9196, 9273, 9331, 9349, 9397, 9468 e 9481

Títulos de 5 obrigações n.ºs: 9534, 9540, 9572, 9573, 9824, 9861, 9876, 9882, 9974, 10002, 10059, 10075, 10086, 10089, 10207, 10217, 10222, 10446, 10548, 10552, 10585, 10598, 10647, 10657, 10734, 10809, 10822, 10837, 11002, 11153, 11160 e 11166

Títulos de 10 obrigações n.ºs: 11298, 11355, 11404, 11562, 11583, 11618, 11659, 11679, 11694, 11745, 11781, 11802, 11814, 11869, 11872, 11951, 11998, 12073, 12184, 12244, 12403, 12555, 12575, 12664, 12691, 12774, 12881, 12896 e 12901

Título de 100 obrigações n.º 12968

EMISSÃO DE 15 000 CONTOS — 1967 — 6%

Títulos de 100 obrigações n.ºs: 35 e 127

JUROS

Na mesma data de 1 de Outubro, vencer-se-ão igualmente juros de todas estas emissões com os valores líquidos a anunciar antes do início do pagamento respectivo.

Lisboa, 27 de Setembro de 1976

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Nacional

5ª EXPOSIÇÃO CANINA
INTERNACIONAL DO ALGARVE
16 e 17 de Outubro de 1976
ALDEIA DAS AÇOTEIAS
ALBUFEIRA
PATROCINADA PELA
FEDERAÇÃO CINOLÓGICA INTERNACIONAL
INSCRIÇÕES
Contacte Clube Português de Canicultura
Praça D. João da Câmara, 4/3º LISBOA
das 16 as 20 horas –Telef: 321478
ENCERRAM NO DIA 6 DE OUTUBRO
ALOJAMENTO
PREÇOS ESPECIAIS DE 140$00 A 300$00
Contacte Touring Club de Portugal
Av. da Liberdade, 258 - 10º
Telefs. 561011 a 561019 - Telex 12321

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES ELECTRICISTAS DO CENTRO

Rua Simões de Castro, 159-1.º

COIMBRA

ASSEMBLEIA DE DELEGADOS SINDICAIS

Para continuação dos trabalhos, convocam-se todos os Delegados Sindicais, para uma Assembleia que se realiza na sede do Sindicato, no dia 6 de Outubro de 1976 às 9.30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — CONGRESSO DOS SIDICATOS
a) — Projecto de Regulamento
2 — LEGISLAÇÃO DE TRABALHO
3 — INFORMAÇÕES

Coimbra, 30 de Setembro de 1976

A DIRECÇÃO

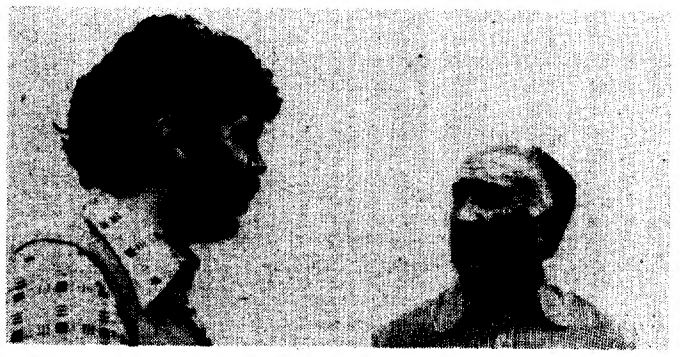
INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS
Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÉS
Telefone 2 10 29 10
INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO — RUSSO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS
MATRÍCULAS ABERTAS PARA OS CURSOS A INICIAR
Das 10 às 12 h. e das 17 às 22 h. excepto sábados

ANTUNES DA SILVA AO "D.L."

"Terras velhas semeadas de novo" foi a minha forma de escrever Revolução

ENTREVISTA CONDUZIDA POR MANUEL GERALDO

Antunes da Silva durante cerca de um ano tomou intensamente o pulso ao Alentejo. Não ao Alentejo que perpassa em toda a sua obra anterior, habitado por meia dúzia de grandes agrários e seus homens-de-mão e por uma multidão de homens famintos e explorados, mas uma planície revolvida em todas as suas estruturas mais canhestras por rurais em busca de uma nova condição. Assim nasceu «Terras Velhas Semeadas de Novo», obra vinda há dias a público com assinalável êxito, caldeada na construção hectare a hectare da Reforma Agrária, experiência sem precedentes na nossa história longa de oito séculos. Daí o interesse em ouvirmos Antunes da Silva, no momento em que algumas medidas governamentais ameaçam transformar essa grande conquista dos camponeses portugueses em mera burocracia formal, ao retirar-lhe grande parte do conteúdo revolucionário que, desde o início, a caracterizou.



Antunes da Silva: «As pessoas gostam de ler histórias simples, retiradas da origem, com sabor a povo»

«DL»: — **Que factores contribuiram para a sua longa e exaustiva digressão pelo Alentejo, proporcionando-lhe assim a oportunidade da recolha de elementos para a publicação do seu último livro?**

Antunes da Silva: — Logo após o 28 de Setembro fui requisitado pelo Ministério da Comunicação Social à empresa onde trabalho, para tarefas sobre assuntos de formação e análise que interessassem à Reforma Agrária, numa fase em que os camponeses explorados avançavam na conquista da terra para aqueles que efectivamente a trabalham. Fui requisitado não como técnico de Agricultura, que infelizmente não sou, mas naturalmente como narrador dos acontecimentos entroncados e visíveis da natureza humana que se estavam gerando em torno da atribulada vida do nosso povo. Assim, durante meses, estive em contacto quase permanente com as cooperativas e unidades de produção agrícola, falando com os trabalhadores dos três distritos alentejanos, registando tudo o que vi e escutei. Isto, até ao 25 de Novembro, data em que fui pura e simplesmente afastado.

«DL»: — **E nessa altura já tinha o livro totalmente planeado?**

Antunes da Silva: — Efectivamente assim acontecia, pois durante o período em que por lá me deixaram estar, andei de forma constante num trabalho diário de pesquisa e de reflexão, muito árduo, em diferentes períodos e por diversas zonas do Alentejo. E reparei logo em três coisas fundamentais que já estavam a acontecer: os rurais produziam mais que os agrários, viviam sem estarem debaixo de tantas tutelas e ameaças, semeavam terras há muito paradas, ao mesmo tempo em que auferiam melhores salários, trabalhando todos os meses do ano, o que dantes raramente acontecia. Logo era necessário e urgente contar isto às pessoas e foi precisamente o que fiz.

«DL»: — **O que pensa sobre as devoluções de terras que estão a ser feitas aos agrários e sobre o direito de reserva já instituído pelo Governo?**

Antunes da Silva: — Penso que são medidas completamente erradas na sua essência, embora exista a promessa do Governo de que elas serão compensadas por expropriações mais vastas, já que a terra deve pertencer a quem a trabalha. E com a entrega das herdades aos antigos latifundiários absentistas ou arrendatários de terrenos, mandarins exploradores do trabalho alheio, poderá vir a acontecer uma tragédia a médio prazo. Porque ao estiolarem-se os sonhos dos camponesinos que tão grande esforço desenvolveram ao longo destes dois anos de Revolução, quase traída, estão-se a criar as condições para que a reacção agrária, via CAP, volte a sentir-se com força para deitar as garras de fora, não deixando, entretanto, sequer amadurecer a ideia de podermos vir a findar com as excrescências do fascismo.

«DL»: — **E quanto às indemnizações a pagar ao agrários expropriados?**

Antunes da Silva: — Acho que uma injustiça! Pois se existiam grandes agricultores que se dedicavam à lavoura ou dela gostavam, portando-se como senhores medianamente civilizados e de certo modo humanistas perante as eternas canseiras dos seus semelhantes, a maioria deles viviam como senhores absolutos e feudais, deitando com frequência no desemprego centenas de famílias, sem a mais leve ideia de remorso a fustigar-lhes os espíritos. Para além disso, após o 25 de Abril, muitos praticaram sabotagens económicas, destruições de máquinas, casas e alfaias, levando ainda milhares de cabeças de gado para a Espanha. Delapidaram assim o património agrícola nacional. É preciso que nos lembremos disto! E agora vão receber uns milhares de contos, quase como prémio pelas tropelias cometidas. E, em contrapartida, quem paga aos trabalhadores das herdades agora devolvidas ou a devolver, o desbaste de matagal existente nas charnecas e das terras em poisio e ainda toda a casta de benfeitorias lá efectuadas? ...

«DL»: — **Em quinze dias foram vendidos 5000 exemplares de «Terras Velhas Semeadas de Novo». Como explicas este exito tão pouco vulgar no nosso meio editorial?**

Antunes da Silva: — Entendo que este facto se fica a dever sobretudo à forma pela primeira vez tentada pela editora ao chamar a atenção das comissões de trabalhadores para a saída do livro e para a sua temática, exactamente no momento em que as forças da direita intensificam os seus ataques à Reforma Agrária. Depois as pessoas gostam de ler histórias simples retiradas da origem, com intenso sabor a povo. E julgo que esta obra, que foi a minha forma de escrever Revolução, é precisamente isto: um retrato vivo e fiel da luta indómita dos rurais alentejanos pela sua libertação de uma «canga» que vem do fundo dos tempos e que forças obscuras tentam a todo o transe perpetuar.

PUB

INTERSINDICAL NACIONAL

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do artigo 43 dos estatutos da Intersindical Nacional convoca-se o Conselho Geral para reunir na próxima quarta-feira dia 6 de Outubro de 1976, pelas 15 horas, na Rua Victor Cordon, n.º 1, em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto único:

— **Discussão e medidas a tomar face às decisões tomadas no Conselho de Ministros do dia 30/9/76 sobre Legislação do Trabalho.**

NÃO FALTES — NÃO FALTES — NÃO FALTES

Lisboa, 1 de Outubro de 1976

SAUDAÇÕES SINDICAIS

Secretariado da Intersindical Nacional

PUB

AOS SINDICATOS
AOS TRABALHADORES

DISCUSSÃO DO PROJECTO
DE REGULAMENTO DO CONGRESSO

A Comissão Nacional Organizadora Provisória do Congresso de todos os Sindicatos, tendo em conta:

— A existência de dificuldades de distribuição pelos trabalhadores do Projecto de Regulamento do Congresso por parte de vários Sindicatos

— O grande volume de solicitações dos trabalhadores para sessões de esclarecimento sobre o Congresso

Decidiu:

Prolongar a discussão do Projecto de Regulamento do Congresso até ao dia 20 de Outubro.

Lisboa, 1 de Outubro de 1976

A Comissão Nacional Organizadora Provisória do Congresso

Nacional

Reforma Agrária prossegue sem problemas

Contra a vontade de certas forças políticas, as «correcções» ao processo da Reforma Agrária, continuam a desenrolar-se dentro da maior das calmas. No distrito de Beja, cavalo de batalha da Imprensa que ataca sistematicamente a direcção do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas, está a pretender-se criar um falso problema.

Falam de endurecimento dos trabalhadores rurais da incoerência dos mesmos. Diz-se que deram o dito por não dito. Um representante do Sindicato, por nós contactado, deixou transparecer uma certa perplexidade com «as invenções» de certa Imprensa. Com o empolamento de atitudes simples e claras que nada têm de incoerentes nem de duras.

O Sindicato Agrícola de Beja sempre afirmou que a Comissão de Análise está a basear-se nos argumentos dos agrários e que, portanto, quando aparecem casos incorrectos os trabalhadores contestarão as suas decisões. Foi o que aconteceu com a herdade do «Montinho», encravada na Unidade Colectiva «Flor do Alentejo». Os trabalhadores concordaram em abandonar a herdade depois da Comissão de Análise ter decretado que a propriedade tinha uma pontuação abaixo da estipulada na lei. Até aqui muito bem. Recusaram-se, todavia, a assinar um documento no qual vinha escrito que a herdade seria entregue a Bartolomeu Rodrigues, grande agrário de Aldeia Nova de S. Bento. Os trabalhadores estão dispostos a entregar a herdade ao proprietário, o eng.º Barroso que vive nos Estados Unidos. Sabem perfeitamente que o eng.º Barroso não precisa do «Montinho» para viver. Ganha bastante dinheiro nos Estados Unidos. Os trabalhadores saíram da herdade. Apenas contestam que a terra vá parar às mãos do agrário Bartolomeu Rodrigues que nunca trabalhou terra nenhuma.

Quanto à herdade de Vila Ruiva, no concelho de Moura, os trabalhadores não declararam «guerra» por a herdade ter sido desocupada. Acham, só a Comissão de Análise deve rectificar a sua decisão. Há uma dívida de 40 contos em aberto. Da parte do proprietário. Aliás essa herdade nem sequer tinha sido ocupada pelos trabalhadores. Estava integrada numa UPC porque o CRRA de Beja que ao confirmarem que o agrário José Nabas Del Val não pagava os salários nem explorava a terra resolveu entregá-la aos trabalhadores.

Mais uma vez a Comissão de Análise funcionou fundamentada na palavra do agrário. Pode, no entanto alterar o despacho se o CRRA lhe fornecer as provas do contrário. O Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Beja está, porém, convencido que o CRRA prefere encerrar-se no silêncio.

Entretanto do balanço da operação desencadeada nas zonas de intervenção da Reforma Agrária resultou até aqui a desocupação de 15 herdades, no distrito de Évora, somando uma área de 1373 hectares, mais 15 no distrito de Beja que atingem 840 hectares, 8 no distrito de Portalegre que correspondem a 624 hectares e 7 no distrito de Santarém, ou seja uma área de 792 hectares. Em Setúbal, ainda não se verificou qualquer desocupação mas as conversações prosseguem nesse sentido.

A CAP AO ATAQUE EM ALCÁCER DO SAL

O Grupo de Trabalho Permanente para a Coordenação dos Centros Regionais da Reforma Agrária divulgou um comunicado no qual comenta severamente os incidentes ocorridos no CRRA de Alcácer do Sal que culminaram com a agressão a dois funcionários do Estado por um agricultor.

A agressão deu-se na presença do governador civil de Setúbal, Hélder Madeira, do subdirector do CRRA de Alcácer, de um delegado do Ministério do Trabalho, de um delegado do Serviço de Emprego, e ainda de elementos do GGT dos perímetros de Rega do Vale do Sorraia, Campilhas e Alto Sado. A reunião foi interrompida por um grupo de indivíduos da Associação de Rendeiros (filial da CAP) acompanhados de pessoas estranhas. Tomados de uma grande excitação os «agricultores», afectos à CAP, provocaram vários desacatos e agrediram o subdirector do CRRA e um delegado do Ministério do Trabalho.

Segundo o comunicado este acto de desespero entronca num contencioso que existe entre o agricultor Vereda e a cooperativa de Casebres. Esta reivindica uma parcela de terreno que está a ser explorado pelo referido agricultor. Nesta questão o CRRA tem mantido uma posição isenta tentando apenas fazer cumprir a lei. Pelos vistos o sr. Vereda é que não está pelos ajustes.

O texto acrescenta ainda que «não se pode deixar passar em claro o facto de se ter verificado uma agressão física a dois funcionários do Estado no desempenho das suas funções.» Por isso o caso foi entregue às competentes vias judiciais.

P.S. de Arroios contra a C.A.P.

A Secção de Arroios do Partido Socialista «tendo analisado a conferência de Imprensa realizada no dia 21 de corrente mês, presidida pelo conhecido «capataz» da CAP José Manuel Casqueiro, conferência essa que visava a demissão imediata do Ministro da Agricultura e Pescas, incluíndo um apelo ao povo para que demita o Governo, caso essa exigência não fosse aceite», emitiu um comunicado em que manifesta o seu apoio total ao ministro Lopes Cardoso e ao Governo.

Afirmam os socialistas de Arroios: «Perante esta insolente ameaça ao Governo e as manobras de chantagem próprias de uma reacção organizada, a Secção de Arroios apoia sem reservas todas as medidas tendentes à consolidação da Reforma Agrária, tal como está expressa na Constituição, bem assim como todas as iniciativas do Governo que conduzam o nosso País na via socializante que a maioria do povo português escolheu.»

Depois de se congratular com a decisão do Conselho de Ministros em manter em pleno vigor o Decreto-Lei n.º 236-B/76 de 5 de Abril que delimita a zona da Reforma Agrária, resultante da plataforma aprovada quando da formação do VI Governo, pelos três partidos da coligação, a Secção de Arroios do PS sublinha:

«Tendo em conta a difícil tarefa que coube ao nosso camarada Lopes Cardoso na pasta da Agricultura e Pescas e o esforço incansável que vem desenvolvendo na missão que muito bem lhe foi confiada, muito embora esgotante por não querer agradar a gregos e troianos, reflectindo desta forma os verdadeiros ideais socialistas consagrados na Constituição e no Programa do nosso Partido, esta secção, com todos os seus militantes e aderentes, repudia energicamente as manobras e chantagens da reacção organizada que dá pelo nome de CAP e apela para todos os militantes socialistas e para o povo trabalhador em geral, para uma solidarização efectiva e um apoio em massa ao camarada Lopes Cardoso e ao Governo, principais alvos dos latifundiários e seus congeneres, que de modo algum aceitam a caminhada triunfante das classes trabalhadoras.»

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS TELECOMUNICAÇÕES

Ex- Sindicato dos Profissionais de Telecomunicações e Radiodifusão

Telefone 66 66 52

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do art.º 33, n.º 1, alínea b), dos Estatutos, convoco uma Assembleia Geral Extraordinária, a realizar na QUINTA-FEIRA, DIA 14 OUT. 1976, às 21.30 horas, na sede do Sindicato, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Único: — CONGRESSO SINDICAL — Discussão do Projecto de Regulamento.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) **Luís Filipe Correia da Costa**

DESENHE E GANHE BOM DINHEIRO

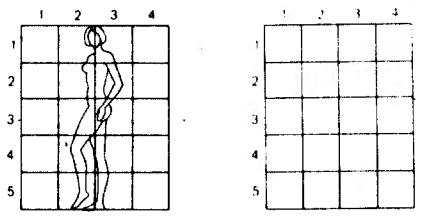
Em pouco tempo, e sem necessidade de possuir conhecimentos especiais, pode facilmente aprender a desenhar por correspondência e sem ter de sair de sua casa para ir às aulas. Graças ao novo curso de DESENHO ARTÍSTICO do CETOP.

Um grupo de conhecidos artistas e de experimentados professores ensiná-lo-ão, em pouco tempo, de uma maneira agradável, amena e fácil.

Obterá uma excelente formação artística sem abandonar o seu trabalho habitual. Este novo e moderno curso de DESENHO ARTÍSTICO será para si um verdadeiro repouso depois de um dia de trabalho.

Os desenhadores são dos profissionais que melhores remunerações obtêm e... há poucos. Por isso, se deseja mudar de profissão, poderá fazê-lo beneficiando de boas remunerações e das vantagens duma profissão cómoda e moderna.

O novo curso de DESENHO ARTÍSTICO do CETOP põe nas suas mãos algo de muito diferente do que costuma ser um vulgar curso de Desenho. São novos e seguros métodos pedagógicos de ensino. Desde a primeira lição começará imediatamente a desenhar. Aliás, vai começar agora mesmo. Pegue num lápis e comprove como é fácil desenhar: copie no quadriculado da direita, em baixo, a imagem feita pelos nossos professores e...



... preencha com letra clara o cupão junto e envie-o, por favor, a

CETOP - CENTRO DE ENSINO TÉCNICO E PROFISSIONAL À DISTÂNCIA
Apartado 7, Mira-Sintra, Mem Martins - Portugal

Queiram enviar-me, sem compromisso, o folheto do curso de _____

NOME: _____
MORADA: _____
LOCALIDADE: _____ Ref.ª _____

CETOP Membro do Conselho Europeu de [illegible]

PUB

SINDICATO DOS PROFISSIONAÍS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE SETÚBAL

DELEGAÇÃO DE ALMADA

Rua D. Francisco Xavier de Noronha, 5 - r/c. Dt.º
ALMADA

CONVOCATÓRIA

Nos termos da alínea **a**) do n.º 1 do Artigo 33.º dos nossos Estatutos, convoco para o próximo dia 13 pelas 21 horas, no Salão do Inatel em Setúbal, a Assembleia Geral, para uma Sessão Extraordinária com a seguinte Ordem de Trabalhos:

01 — Funcionalidade da Direcção

02 — Decisões sobre as posições a assumir pelo nosso Sindicato face ao Congresso dos Sindicatos.

Nota — Nos termos do Artigo 35.º dos nossos Estatutos, a reunião da Assembleia Geral terá início à hora acima referida com a presença de qualquer número de sócios.

Setúbal, 1 de Outubro de 1976

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Artílio Vasco de Pinho Batista

PUB.

SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL

PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, 6, 3.º - D. — LISBOA-1
TELEFONES 4 17 51 - 53 55 47

CONVOCATÓRIA

De acordo com a decisão tomada na Assembleia Geral de 22/9/76 e ao abrigo do art.º 77.º dos estatutos, convoco a Assembleia Eleitoral, que se realizará no dia 19 de Novembro de 1976.

Nos termos do art.º 84.º, a Assembleia Eleitoral terá início às 9 horas e encerrar-se-á às 24 horas, na sede do Sindicato, e às 21 horas nas restantes Assembleias de Voto.

Nos termos do art.º 88.º:

1 — Funcionarão mesas de voto na sede do Sindicato e em cada um dos distritos da área do Sindicato.
2 — Os associados votarão nas mesas de voto dos distritos onde trabalham.

Lisboa, 1 de Outubro de 1976.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA ELEITORAL
Rogério Pernes

PUB

FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

AVISO

Avisam-se os alunos desta Faculdade que as aulas do 1.º Semestre do ano lectivo de 1976/77 se iniciam no próximo dia 6 de Outubro. Exceptuam-se as do 1.º ano que, em virtude do atraso verificado nas matrículas, se iniciam a 25 do mesmo mês.

O CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE
João Vasco Ribeiro

Nacional

Nova ordem económica, desemprego e emigração

JÚLIO RODRIGUES

Os portugueses sem trabalho em Agosto último, eram, em números redondos 420 mil. Há um mês, como hoje, não se vislumbravam indícios que pudessem obviar a essa ameaça crescente, sendo inexistentes os indícios de novos postos de trabalho. O problema não é, no entanto, unicamente português, mas europeu e universal, o que mais agudiza a questão.

Aquele número e as explicações que se lhe seguem foram reveladas pelo «Diário de Lisboa» na sua edição de 24 de Setembro na sequência de uma entrevista travada com o director-geral do Emprego, o dr. Sérgio Ribeiro, que apontou como razões determinantes de tão acentuado índice de desemprego, essencialmente, a crise que o capitalismo mundial atravessa. Uma outra se lhe acrescenta, que é a da nova ordem económica e todo um conjunto de condicionalismos que aqui se apresentam, e que são bem no fundo factores de peso, no fenómeno, tal como a crise mundial do capitalismo no-lo demonstra.

Parece ser ponto assente que os trabalhadores para que possam responder, com eficácia e possibilidades, a essa nova ordem económica, terão que ver satisfeita, ainda este século, provavelmente até 1990, a sua maior aspiração: o aparecimento de um a dois milhões de novos postos de trabalho. Os números e os objectivos apontam claramente para um desafio ao desemprego e à crise do capitalismo, podendo o entendimento entre os povos e as nações ser factor determinante na resolução de tão agudo e ameaçador problema.

Para tal será necessário que agora as nações interessadas possam definir e ultrapassar aquilo que 132 países não lograram, há três meses, quando se encontraram reunidos em Genebra sob a égide da Organizaçãm Internacional do Trabalho (OIT), organismo que o dr. Sérgio Ribeiro, director-geral do Emprego, bem conhece. Há três meses, naquela cidade helvética, os participantes do BIT («Bureau International du Travail») ou OIT não chegaram a «definir de maneira precisa», como então salientou um dos participantes, «as condições de uma nova ordem económica mundial» que apontasse para a criação dos postos de trabalho acima referidos.

A Conferência Mundial sobre o Emprego efectuada em Junho ultimo, em Genebra, veio a terminar com aquilo a que se poderia chamar «um golpe de teatro»: o director-geral do BIT, Blanchard, de nome, posto perante diversos obstáculos, designadamente de índole política, e receando o próprio afundamento da organização anunciou no último dia de trabalhos o despedimento de 140 dos membros do seu pessoal, cerca dos 6 por cento que ali laboram. O argumento não podia ser outro que não fosse a recusa em os países membros aumentarem as suas quotizações, proposta que chegou a ser apresentada e que os Estados Unidos boicotaram logo no primeiro lance.

PETRÓLEO NÃO PODE SER ARGUMENTO

Não é fácil explicar, em termos persuasivos as razões por que aumenta o desemprego, embora o seu denominador comum varie conforme os países e o circunstancialismo político-económico. Na maioria dos casos, o fenómeno emerge como resultado dos dividendos da produtividade e, portanto, do crescimento económico. Quando tal não acontece, o que constitui excepção à regra, as razões encontram-se nas transmutações políticas operadas, e, logo, nas alterações «decretadas» na ordem económica então criada. Recuar no tempo e criar empregos sem produção de riqueza é solução que já não serve os (ou *para os)* tempos de hoje, sobretudo nos países em vias de desenvolvimento.

A explicação que mais correntemente é usada para justificar o problema do desemprego vai caindo em desuso, porque argumentar que a crise é devida à quintuplicação dos preços dopetróleo começa a tornar-se insensato e local, quando o fenómeno crítico é universal.QuandoSérgioRibeiro afirmou ao nosso jornal que a crise assentava nas próprias condições.do capitalismo mundial deve ter levado em conta que o aumento do desemprego vem sendo regular em França nos últimos anos, e que a situação não é muito distinta em países como a Alemanha Federal e a. Grã-Bretanha, onde hoje se contam por mais de um milhão os «desempregados» ou sem trabalho. Em qualquer dos países apontados o PNB subiu, nos últimos anos na ordem de 6 por cento.

q Ora, a moralização do trabalho, ou, se quiserem, a revalorização do trabalho manual, apontando no sentido dos desempregados, aceitarem um número significativo de trabalhos que hoje recusam, quer pelas habilitações de muitos deles, quer pelo crescimento do seu nível sócio-cultural, seria solução condenada ao fracasso. Por outro lado, um aumento substancial nos salários baixos, aí na ordem dos 20 por cento, em França ou em qualquer dos países atrás citados, sem falar na gravidade que tal medida acarretaria para o nosso débil mercado de trabalho, reflectir-se-ia em mais de 300 mil despedimentos resultantes, sobretudo da queda das exportações que provocaria pelo encarecimento dos produtos no caso dos mais industrializados.

Quando o fenómeno do desemprego que, repetimos, resulta da própria dinâmica da crise do capitalismo mundial, não tem a sua origem nas próprias condições políticas circunstanciais, é fruto da rápida elevação do nível sócio-cultural dos candidatos a trabalho, designadamente nos países mais industrializados onde o analfabetismo é problema que já não existe. Esse mundo de falta de trabalho, quando combatido pela redução progressiva da duração do trabalho semanal, ou pela aposentação mais cedo, como chegou a ser posto em prática na Argentina, embora implique uma ligeira redução no desemprego, não é solução que possa perdurar, exactamente por não disfarçar o elevado custo financeiro que tais medidas comportam.

Explorados estrangeiros nos países industrializados, ou vendedores de mais-valia na Europa da Imigração

TRABALHADORES ESTRANGEIROS

Claro que o fenómeno do desemprego nos países mais industrializados, se reflecte essencialmente nos trabalhadores estrangeiros, a quem se deve em larga parte, o crescimento económico que esses mesmos países conhecem. Recurso tornado obrigatório nos últimos quinze anos, esse de encontrar extra-fronteiras os elementos que substituissem os nacionais nada interessados nas tarefas ditas penosas, ele está hoje ultrapassado, muito embora muitas das indústrias, especialmente em França, e na RFA, não o possa dispensar.

Em qualquer daqueles países e também na Suiça, o fenómeno tende a diminuir por via do aumento de desemprego, e na Alemanha Federal e na França esses 7 ou 8 por cento de estrangeiros que aí labutam ocupam o essencial dos novos empregos criados a partir de 1965, conquanto a Confederação Helvética ainda não apresente condições para poder desprezar esse recurso por falta de material humano nacional que responda às suas necessidades industriais.

Medidas mais ou menos acentuadas visando travar o aumento do desemprego foram lançadas naqueles três países, não propriamente sobre os imigrados, aí radicados, mas, sobretudo, tentando impedir que o seu número crescesse. Na Suiça, essa restrição começou muito mais cedo, gerando-se até uma campanha chauvinista, animada por um dos deputados nazis do parlamento helvético, para evitar o desemprego. Schwarzemback veria o seu empenho parcialmente satisfeito com a interdição de mais entradas e o bloqueamento das naturalizações. Com tal medida, muitos dos imigrantes ali estabelecidos após 1969 foram expulsos depois de cumprido o seu contrato de trabalho, e, hoje, todos os que emigram para aí sabem que expirado o prazo da sua contração têm de voltar ao seu país.

O problema é o mesmo, hoje na Alemanha Federal, onde as medidas de repatriamento, que não incidiram sobre os portugueses, se fizeram sentir sobre os turcos e jugoslavos. Na França as medidas são, todavia, mais benévolas e, sem esquecer os privilégios que nesse aspecto valem para os portugueses, todos os que aí pretendam vender a força do seu trabalho têm que se munir previamente de um contrato para entrarem no território. Mas esses «permis» vão escasseando, para não dizermos, mesmo, que já não existem.

Dispostos a aproveitarem-se, em parte, da nova ordem económica, esses países industrializados da Europa, bem como o Japão, encontraram já solução para esse problema, começando a «exportar» as suas indústrias: a Suiça montou fábricas de produtos farmacêuticos no estrangeiro, e a RFA, com uma indústria fotográfica queocupa um dos lugares cimeiros no mercado mundial, copiou-lhe o exemplo, e instalou uma fábrica em Singapura. O Japão, por seu turno, que se pode gabar de produzir metade da tonelagem mundial da construção naval apesar dos protestos dos estaleiros europeus, montou arraiais na Coreia do Sul.

Sobre as questões acima expostas a Conferência Mundial, que decorreu, em Junho, último, em Genebra, não chegou a grandes resultados, e quando os participantes entraram na discussão do ponto relativo às sociedades multinacionais ou transnacionais foi o grande pandemónio, criticando-se a divisão do trabalho desfavorável ao Terceiro Mundo, o controlo das matérias-primas, a insegurança no trabalho e a expatriação dos lucros. A nova ordem económica saiu contestada dos trabalhos.

Industriais do Porto preconizam descentralização

«As poucas unidades industriais de algum vulto que existem no Porto dependem ou de capitais comandados por Lisboa ou de capitais estrangeiros», afirmou o presidente da Associação Industrial Portuense, eng. Almeida e Sousa que, sábado passado, abordou o tema de excessiva centralização industrial em Lisboa.

Na sua intervenção o eng. Almeida e Sousa afirmou nomeadamente que a capital tem de dar «não uma autonomia que não pedimos, nem queremos, mas uma perfeita igualdade de direitos em plena cidadania, que nos sentimos no direito e mais que direito, no dever de exigir». O orador acrescentou que a reconstrução da Associação Industrial é incompatível com «decisões que não são nossas e que, muitas vezes, não têm em conta a dignidade que temos o direito de exigir».

A intervenção do eng. Almeida e Sousa foi seguida de um debate que evidenciou a necessidade de se proceder a estudos de molde a criar em cada região meios para uma efectiva política de promoção e desenvolvimento baseada numa descentralização regional. O vice-governador do Porto, jornalista Manuel Ramos, levará ao Governo as principais conclusões desta reunião.

Missão do Conselho da Europa desde hoje no Norte do País

PORTO, 4 — Uma missão de técnicos do Conselho da Europa constituída por especialistas de diversas nacionalidades encontra-se desde hoje de visita ao Norte do País.

A visita vem na sequência da entrada de Portugal naquele organismo e inclui o estudo de problemas de desenvolvimento regional gestão administrativa e financeira das autarquias, ordenamento do território, protecção do ambiente, turismo, e agricultura, e outros sectores.

Da missão fazem parte 12 técnicos: alemães, suíços, belgas, italianos — que farão palestras na Faculdade de Economia desta cidade, nos dia 7, 8 e 9 do corrente.

Os técnicos estarão no Norte durante oito dias.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/56145, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Rio Tinto, concelho de Gondomar, de uma linha aérea a 15 kV, com 280 metros, do apoio n.º 15 da linha para o Posto de transformação de Manuel Serra em Comandita ao Posto de Transformação da Câmara Municipal de Gondomar em Rio Tinto.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 20 de Setembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Angelino Pires dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/55298, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Santo Tirso, de modificação da linha mista a 15 kV, para o Posto de transformação de «A. Correia da Silva», com aumento de comprimento do vão entre os apoios n.os 6 e 7 (por deslocamento deste), para 84 metros e inclusão de um troço subterrâneo com 32 metros.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 20 de Setembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Angelino Pires dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/58065, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Oliveira do Bairro, de uma linha aérea a 15 kV, com 21 metros, do apoio n.º 2 da linha para o Posto de transformação da Cerpol — Empresa Cerâmica Portugal, Lda., ao Posto de transformação pertencente à Melix, Lda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 17 de Setembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Angelino Pires dos Santos

Trabalho

Motoristas do Porto abandonam "Carta Aberta"

A Comissão de Redacção da «Carta Aberta», grupo de sindicatos que se tem recusado a integrar no trabalho unitário de preparação do próximo Congresso de Todos os Sindicatos, acaba de perder um dos seus elementos: o Sindicato dos Motoristas do Porto.

A direcção deste organismo decidiu cumprir o deliberado pelos delegados sindicais, em reunião efectuada este sábado. Abandonará, assim, a Comissão de Redacção da «Carta Aberta», que passa a contar apenas com um único sindicato operário: os Metalúrgicos de Aveiro.

Recorde-se que em diversos sindicatos os sócios, em assembleias gerais ou através dos delegados sindicais, têm exigido às respectivas direcções que se desvinculem do grupo da «Carta Aberta» e se integrem nos trabalhos preparatórios do Congresso, que decorrem sob orientação da Comissão Nacional Organizadora Provisória (CNOP).

No entanto, as direcções sindicais em causa têm-se recusado sistematicamente a dar cumprimento a essas deliberações. Tal é o caso do Sindicato dos Escritórios de Lisboa, que é o principal sindicato de serviços do País.

EM LISBOA

Cintura Industrial repudia recentes medidas legislativas

Cerca de duas centenas de delegados das comissões de trabalhadores de mais de 130 empresas industriais da cintura industrial de Lisboa (C.I.L.) reuniram este sábado na Amadora e analisaram as medidas legislativas recentemente tomadas pelo Governo. O plenário decidiu, após debate, repudiar as leis do trabalho aprovadas pelo último Conselho de Ministros, por as considerarem «contrárias aos interesses dos trabalhadores» e insconstitucionais.

As CTs da cintura industrial reclamarão, por isso, junto das entidades constitucionais, no sentido de «impedir a sua entrada em vigor». Segundo um orador, as medidas agora consagradas, que foram já objecto de severa crítica por parte da Intersindical, integram-se «na frente constituída por vários ministérios, favorecendo a recuperação capitalista». A legislação anunciada, na realidade, «põe em causa os direitos fundamentais dos trabalhadores», facilitando os despedimentos imediatos, permitindo a suspensão dos contratos colectivos em empresas nacionalizadas ou intervencionadas e a alteração do horário de trabalho nacional — lê-se numa moção aprovada por aclamação.

O secretariado das comissões de trabalhadores da C.I.L., promotor da reunião, ficou mandatado para realizar conferências de Imprensa periódicas para divulgação das posições adoptadas, e para estabelecer contactos com os órgãos do poder e as comissões parlamentares do P.C. e do P.S., «a fim de os alertar contra as tentativas em curso e requerer as medidas adequadas».

Os delegados presentes acusam o Governo de prestar «estímulo e apoio», em muitos casos, à «ofensiva do patronato reaccionário», perante a qual os trabalhadores «não podem permanecer na defensiva». Para a enfrentar com êxito — lê-se nas conclusões do plenário — há que trabalhar de modo unitário e organizado: «o momento é de lutar, vigilância e unidade».

CONGRESSO

Os delegados examinaram também questões respeitantes ao próximo Congresso de todos os sindicatos, concluindo com um apelo à participação no Congresso e na reestruturação da Intersindical. Aconselharam, ainda, os sindicatos eleitos para a comissão nacional organizadora provisória a integrarem-se efectivamente nos trabalhos.

Outro tema em debate: as eleições para as autarquias locais, que terão de «costituir uma vitória popular no combate ao caciquismo e pela defesa da Constituição». O plenário apelou para que sejam superadas as possíveis divergências existentes, no sentido da constituição de «uma ampla frente que vise para além dos interesses partidários os interesses do nosso Povo e as suas necessidades prementes».

Foi também analisado o caso da «Interto», empresa de materiais para a construção civil, onde foram suspensos os onze elementos da comissão de trabalhadores pela respectiva comissão de gestão. O plenário decidiu exigir a reintegração e recondução imediata dos elementos suspensos, com a abolição de qualquer sanção disciplinar. A situação será oportunamente exposta em conferência de Imprensa. Entretanto, msecretário da C.I.L. ficou mandatado para, juntamente com o movimento sindical, criar as condições necessárias para a realização de uma grande concentração na zona daquela empresa, caso se mentenha a suspensão.

Os delegados manifestaram-se desta forma solidários com os seus camaradas da Intento, vítimas de «manobras patronais, tal como nos casos da Sanimar, J.J. Gonçalves e Livraria Bertrand.

O plenário criticou as «afirmações acusatórias dirigidas aos trabalhadores e suas organizações» pelo Primeiro Ministro, na sua última comunicação ao País. «Sem sermos utópicos ao ponto de afirmar que fizemos tudo bem feito, estamos conscientes de que ninguém nos poderá acusar dos males de que enferma a nossa economia nacional», afirmou-se.

«Contrários à política de terra queimada também nós pensamos que o País, para se desenvolver, terá de aumentar a produção e a produtividade, diminuir os défices públicos e reduzir a diferença entre o que se consome e aquilo que se produz. Mas ninguém pense que isso será possível com desprezo pela opinião e participação dos trabalhadores» disse um orador.

Plenário da panificação decidirá formas de luta

Seis das quinze assembleias gerais dos sindicatos da Panificação que ontem se realizaram por todo o País aprovaram a greve a partir do dia 14, como forma de luta face ao boicote do patronato às negociações do contrato colectivo de trabalho.

Essa deliberação foi tomada pelos trabalhadores de Lisboa, Porto, Santarém, Vila Real, Braga e Setúbal. As formas definitivas de luta no entanto só serão determinadas no plenário desta tarde, na Federação dos Sindicatos da Panificação, onde os restantes sindicatos deverão comunicar as conclusões das respectivas assembleias.

A Comissão Técnica que tem a seu cargo a elaboração da portaria da Panificação promoveu já 15 reuniões desde que está a trabalhar há três meses e aprovou 39 das 140 cláusulas constantes do projecto. A dada altura, os trabalhadores estacionaram devido aos «representantes do patronato na Comissão Técnica» «que, através de um trabalho de sapa, inclusivé no aparelho de Estado, faz estacionar o desenvolvimento dos trabalhos da mesma», afirmam os trabalhadores numa carta a Mário Soares. No texto, os trabalhadores declaram ter confiado no ministro do Trabalho, verificando agora a incapacidade deste na resolução do conflito.

Nas assembleias realizadas ontem, foi também discutida a preparação do próximo Congresso dos Sindicatos.

Socialistas da Função Pública pretendem gestão democrática

Um milhar de militantes socialistas trabalhadores da Função Pública estiveram reunidos no fim-de-semana em S. Pedro de Muel, seu segundo EJncontro Nacional. Entre as principais conclusões, foram aprovados a regionalização dos trabalhadores da F. P., a definição governamental de carreiras e promoções e a execução de formas de gestão democrática no sector.

Mário Soares, que fez parte da mesa da Presidência na sessão de encerramento, afirmou que «o primeiro Governo Constitucional irá estudar e meditar com toda a atenção as conclusões que são resultado deste encontro».

Os presentes aprovaram por unanimidade quatro moções, uma de apoio à política governamental, outra de solidariedade para com os signatários da Carta Aberta; uma terceira exigindo a aposentação compulsiva de funcionários fascistas já reintegrados e uma quarta moção, de apoio ao ministro da Agricultura e Pescas. O eng. Lopes Cardoso foi um dos membros do Partido Socialista presentes no Encontro, que ao usar da palavra lamentou «que ão se tenha ido mais longe no debate do controlo de gestão da Função Pública (...), acrescentando: «a culpa provavelmente não é vossa e que continuaremos a falar do assunto, sem sabermos exactamente o que estamos a fazer».

Assistiu também ao Segundo Encontro da Função Pública o secretário de Estado da Administração Pública, ca. Mário Teixeira de Aguiar.

Sindicato da Função Pública prepara-se para o Congresso

A posição a assumir pelo Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública (Zona Sul) ante a polémica levantada à volta do Congresso de Todos os Sindicatos» dominou a Assembleia Regional de Delegação realizada no passado dia um de Outubro no Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Os delegados sindicais aprovaram uma proposta de metodologia da discussão e votação do Regulamento do Congresso. Ela engloba, em Lisboa, a sua discussão e votação, em reuniões gerais de trabalhadores, cujos resultados deverão dar entrada no Sindicato até ao próximo dia 11, a realização de sessões de esclarecimento e a realização de plenários distritais nos restantes distritos da área do Sindicato. Em todas estas reuniões deverão estar presentes elementos da Comissão Organizadora do Congresso.

RTP EM MOÇÃO

Durante a Assembleia, foi aprovada uma moção na qual são repudiadas «as afirmações feitas por trabalhadores da Função Pública em conferência de Imprensa realizada no Sindicato do Comércio transmitidas pela RTP». Os referidos trabalhadores são acusados de ignorar as estruturas sindicais.

Os delegados presentes na Assembleia do dia um manifestaram, ainda na mesma moção, «repulsa pelo acolhimento prestado pela RTP a esta conferência de Imprensa, ignorando as estruturas verdadeiramente representativas dos trabalhadores da Função Pública, como é o caso da A.R.D. de 16 de Setembro, cuja cobertura não fez, e onde foram tomadas as posições de classe quanto ao modo de discussão e participação democrática no Congresso de Todos os Sindicatos».

Comércio do Porto tem novos dirigentes sindicais

Os trabalhadores do Comércio do distrito do Porto elegeram no passado sábado os dirigentes do seu Sindicato para o triénio 76/79, por 2248 votos à lista A, contra 645 para a lista B e quatro votos nulos.

Os novos dirigentes que se candidataram com o lema «Por um sindicato do comércio ao serviço dos trabalhadores», são: António Silva, Américo Andrade e Luís Pereira (mesa da assembleia geral), António Jorge, Manuel Teixeira, Maria Rocha, Filinto Melo, Joaquim Soares, Emílio Sousa, Orlando Cardoso, José Lima e Manuel Pinto (Direcção) e António Ferreira, Lucinda Ferreira e Armando Pereira (conselho fiscal). Alguns são sindicalistas com provas dadas na luta dos trabalhadores, pois, entre outras actividades, pertenceram aos corpos gerentes cessantes. A tomada de posse deverá efectuar-se esta semana.

Entre outros objectivos os novos dirigentes do Comércio do Porto pugnarão pela revogação da Lei da Contratação Colectiva que «graves prejuízos tem causado às classes trabalhadoras, uma vez mais que possibilita a recusa sistemática das associações patronais à negociação.» Propõe-se também lutar pelo princípio de trabalho igual, salário igual e pelos mínimos salariais «que correspondam às necessidades dos trabalhadores, tendo em vista o custo de vida e a evolução global da economia». Mais concretamente, do programa da lista consta ainda a construção dum infantário, uma cooperativa de habitação e um serviço de consulta jurídica para os sócios do sindicato.

Rendeiros do Norte querem paz nos campos

Mais casos de atropelo à lei do arrendamento rural por parte dos senhorios são-nos referidos num comunicado do Movimento de Agricultores e Rendeiros do Norte (MARN), sob o título: «A paz tem de chegar aos campos do Norte».

Diz o comunicado que « o MARN mais uma vez alerta todos os responsáveis oficiais, toda a opinião pública e todos os que vivem do seu trabalho honesto para a grave situação que nós rendeiros estamos a viver no Norte, por vezes à sombra das autoridades competentes». Após adiantar que «parece haver mais interesses em fazer cumprir uma «lei» no Sul do que fazer cumprir uma «lei» no Norte», o comunicado interroga: «Qual a posição do Governo? Quando chegará a paz aos campos do Norte?».

E conclui: «Nós não seremos sempre martirizados. Havemos de lutar sempre pelo cumprimento de uma lei que nos defende e que é o nosso 25 de Abril. Há-de acabar a violência dos mais poderosos e dos ricos sobre os pobres».

Operárias da "Braço Forte" à espera de trabalho

As trabalhadoras da firma de carnes e enchidos C. Guerreiro e Braço Forte aguardam que a entidade patronal regresse ao local de trabalho para recomeçar a laboração normal.

As trabalhadoras paralisaram a sua actividade quando, ao regressarem de férias, verificaram que o patrão lhes retirara os bancos e elevara a altura das mesas de trabalho, obrigando-as a trabalhar de pé. Depois de intervenções do Ministério do Trabalho e da PSP, de Setúbal, a entidade patronal assinou um compromisso em como reporia as trabalhadoras nas anteriores condições de trabalho, fornecendo o Sindicato os pedreiros para as obras de modificação. A alteração fez-se, mas a entidade patronal não se apresentou na fábrica, pelo que as trabalhadoras continuam a ocupar as instalações, aguardando que lhes seja dado trabalho.

Reformados pretendem debate com o Governo

Um debate televisivo entre representantes do Governo e reformados foi proposto anteontem no plenário de reformados da Marinha Grande. O objectivo é provar a possibilidade de aumentar as pensões sem tocar no Orçamento Geral do Estado.

António Moiteiro, da Comissão Executiva da Marinha Grande e do Secretariado Nacional do Movimento dos Reformados salientou a incoerência do Governo ao argumentar que não tem dinheiro para igualar as pensões de reforma, mas pode indemnizar «latifundiários, monopolistas e outros exploradores do Povo».

Foram também denunciados os ataques dos quadrantes políticos reaccionários ao Movimento dos Reformados, tendo os dirigentes sindicais presentes a reunião (delegações de Leiria dos vidreiros, metalúrgicos e químicos) reafirmado o seu apoio à luta dos reformados.

Gador interroga

"De que lado está o Governo?"

«De que lado está o Governo?» pergunta-se numa moção proposta pelo delegado da firma «Gador», durante uma reunião geral de delegados sindicais do Sindicato dos Trabalhadores de Vestuário, Lavandarias e Tinturarias do Porto.

A moção, que considera existirem no sector trabalhadores sem salários num período que vai de dois a seis meses, interroga, depois: «Será para pôr os trabalhadores nesta situação que houve o 25 de Abril?». E exigem: «que o Governo (agora constitucional) obrigue os patrões a pagar o salário.

Estrangeiro

Chove em Cabo Verde desde 15 de Setembro mas o ano agrícola está quase perdido

Daniel Reis Enviado especial do "D.L."

Chove em Cabo Verde desde 15 de Setembro e em quantidades tais que bastariam para um ano agrícola normal. Mas a água chegou com um mês de atraso: estiolava já o milho semeado em Julho e Agosto e a precipitação foi de tal ordem e em tão curto espaço de tempo que, não raro, destruiu sementeiras, rebentou diques de construção recente e arrastou para o mar as melhores terras das encostas vulcânicas.

Ao fim de seis anos de seca rigorosa e de no ano passado ter chovido relativamente bem nas ilhas do Sul, a esperança em melhores dias renasce no arquipélago. Os camponeses, teimosos como os camponeses de todo o mundo, fizeram já novas sementeiras acreditando que até fins de Outubro volte a chover para que alguma coisa se possa salvar. As culturas de sequeiro, no entanto, devem estar perdidas. Resta o melhor aproveitamento dos regadios e a expectativa quanto à produção de grão se, em Outubro, chover com a regularidade necessária.

O próprio ministro da Agricultura e Águas da República de Cabo Verde que explicou-nos estes mecanismos da chuva e das sementeiras no jovem país atlântico:

«A precipitação atingiu os 200 mm nalgumas ilhas o que, a ter sido repartido por quatro chuvadas e a partir de meados de Agosto, bastaria para salvar o ano agrícola. Em Agosto a precipitação, e apenas nalgumas ilhas de Sotavento, só chegou aos 60 mm. Em 14 de Setembro foram declaradas perdidas as culturas mas com estas chuvas há quem faça novas sementeiras, principalmente nas ilhas de Fogo e Santiago. No Barlavento continua a seca de muitos anos: a máxima registada foi de 60 milímetros.»

Preparação de terrenos para regadio

ESTRATÉGIA PARA A LIBERTAÇÃO DA CONTINGÊNCIA DAS CHUVAS

«A nossa missão é lutar para nos libertarmos da contingência das chuvas» diria o ministro Sérgio Centeio, quando o procurámos na Cidade da Praia, em breve passagem pelo arquipélago, após as festividades do 20 aniversário do PAIGC, em Bissau.

Começara a chover com intensidade alguns dias antes, já depois de o presidente Aristides Pereira ter proclamado o estado de emergência e pedido o auxílio internacional para mais um ano de problemas alimentares graves. As sementeiras até aí efectuadas foram declaradas perdidas.

Com este quadro em mente, Sérgio Centeio expôs-nos as grandes questões que hoje se colocam aos responsáveis do jovem país, nos domínios da agricultura e as razões por que, ao fim de tantos anos de seca, se continua a acreditar nas possibilidades de o povo cabo-verdiano não morrer de fome cíclica, como nos tempos coloniais, e não ser obrigado a emigrar, indefinidamente, para as cinco partidas do Mundo.

Deste encontro com o ministro da Agricultura e Águas e da documentação consultada na ilha de Santiago resultaram as informações de base que trouxemos para os leitores do «DL» e que giram em torno das alterações estruturais nas relações de produção verificadas após a independência e dos projectos de desenvolvimento do sector agrícola, alguns dos quais já em fase de execução.

«Embora consideremos que a Agricultura não é a vocação económica de Cabo Verde, — afirmou Sérgio Centeio — ela terá de continuar no centro de todas as nossas preocupações enquanto existirem as condições actuais do desenvolvimento: 75 por cento da população a viver da agricultura. A actuação do Governo neste sector projecta-se em sete pontos orientadores: 1) Valorização e utilização racional das forças produtivas, com o acento tónico na formação de quadros; 2) Ordenamento agrário: definição das zonas ecológicas, rentabilidade das culturas, definição dos lugares adequados; 3) Reforma Agrária, que tenha em conta os aspectos técnico (aumento da produtividade), social e político; 4) Organização da produção, nomeadamente com a formação de cooperativas; 5) Vulgarização agrícola: através de um quadro de técnicos do ministério divulgar os meios e as formas de combater as pragas e introduzir inovações técnicas que melhorem a produtividade da terra; 6) Valorização dos recursos hídricos; 7) Conjugação das acções agro-pecuárias de modo a que ao aumento das áreas irrigadas e dos pastos corresponda, sempre, um avanço da produção animal.»

APROVEITAMENTO DAS ÁGUAS SUBTERRÂNEAS

Estas ideias gerais afloradas pelo ministro, sobre a orientação da Agricultura em Cabo Verde estão já a ser levadas à prática por forma bem visível. Um dos pontos — aproveitamento dos recursos hídricos — concretiza-se em várias ilhas.

Sérgio Centeio:

«Na ilha do Fogo havia uma nascente que despejava directamente no mar um caudal mínimo de 2000 metros cúbicos diários e máximo de 4000. Essa água perdia-se, enquanto no Monte Genebra havia bons terrenos inaproveitados ou servindo para pasto. Trouxemos essa água à superfície. Conseguimos bombá-la até uma cota de 350 metros e a partir daí irrigar 60 hectares de tereno, previamente preparados, além de podermos abastecer de água as povoações até uma distância de 30 quilómetros. Este empreendimento foi possível pela cooperação da Alemanha Federal e os terrenos assim aproveitados vão ser explorados em cooperativa estatal. Eram propriedades devolutas ou de absentistas. Vamos fazer o mesmo em S. Nicolau, Brava, Santo Antão, Maio e Santiago em colaboração com os governos de vários países entre os quais a Holanda, a França e a Alemanha Federal.»

Pudemos verificar também, durante esta breve estadia em Cabo Verde, a azáfama na construção de diques, pequenas represas e outras obras de hidráulica, com o objectivo de facilitar uma mais profunda infiltração das águas e combater a erosão. Iniciou-se, e cumpriu-se no primeiro ano, uma campanha de plantação de 300 mil árvores anuais. Informações de um técnico dos Serviços Hidráulicos dizem-nos que estão já construídos 540 diques dos quais cerca de 50 foram destruídos pelas chuvadas de meados de Setembro.

Por todo o arquipélago decorrem trabalhos de sondagem e abertura de furos para captação de águas subterrâneas: começa a tirar-se a prova real dos cálculos que apontam para a possibilidade de utilização do quíntuplo dos actuais recursos hídricos conhecidos.

Ainda Sérgio Centeio a garantir-nos:

«Aproveitando melhor as nossas possibilidades de regadio conseguiremos equilibrar a nossa balança de produtos alimentares, principalmente pela exportação de produtos hortícolas e de frutas. O objectivo imediato é cobrir as importações de cereais que estão dependentes das chuvas e dos géneros que as condições climáticas não permitem produzir em Cabo Verde. Importamos milho e feijão, devido às secas, e, nomeadamente, arroz e açúcar que não podem ser aqui produzidos. À medida que formos levando à prática o programa de Guiné-Cabo Verde poderemos comprar na Guiné vários desses géneros, (milho, arroz, açúcar) e também madeiras. Vão fazer-se planos de desenvolvimento que terão em conta a complementaridade dos dois países, tanto do ponto de vista alimentar como do ponto de vista do planeamento agrícola.»

Nas encostas do Monte Genebra (ilha do Fogo) 60 hectares de terreno foram rapidamente preparados para culturas de regadio, aproveitando águas subterrâneas que o colonialismo deixou sempre perder no mar

Ministro da Agricultura e Águas: "A nossa missão é libertarmo-nos da contingência das chuvas"

AS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO NA AGRICULTURA

A propriedade rural em Cabo Verde está extremamente fragmentada. Do total das terras cultivadas, 53,8 por cento têm uma área inferior ao hectar; 43,5 por cento oscilam entre um e cinco hectares e apenas 0,36 por cento têm superfícies superiores a 20 hectares. Esta pulverização dificulta o progresso agrícola e a aplicação de modernos meios da ciência e da técnica. Por outro lado, leva a concluir-se que só o desenvolvimento da cooperação entre os pequenos agricultores, que exploram directamente a sua parcela de terra, poderá trazer progressos sensíveis no sector.

De momento, as cooperativas de pequenos produtores ainda estão em fase embrionária ensaiando-se acções prévias de entreajuda. As transformações estruturais estão a dar-se a outro nível, quer pela legalização das ocupações de latifúndios, quer pelo combate à parceria, contrato em que uma das partes — o trabalhador — é mais duramente explorado.

Foi exactamente com uma referência sumária às alterações estruturais das relações de produção no campo que o ministro da Agricultura e Águas do Governo de Cabo Verde, Sérgio Centeio, concluiu a entrevista dada ao «DL», no início desta semana na Cidade da Praia:

«A forma principal da exploração da terra em Cabo Verde é a parceria, com o hábito generalizado de meio por meio, isto é metade da produção para o proprietário e metade para o trabalhador. A totalidade da terra cultivada está abrangida em 52 por cento da sua extensão por contratos de parceria. As outras duas formas correntes são o arrendamento (26 por cento) e a administração directa (22 por cento).»

«Certos latifúndios pertencentes a portugueses ou a cabo-verdianos absentistas e a traidores da nossa luta de libertação nacional foram ocupados pelos trabalhadores ainda durante o Governo de Transição. Logo após a independência, legalizámos essas ocupações. Foram também formadas cooperativas que ainda são muito incipientes por falta de material técnico e de conhecimentos de gestão por parte dos trabalhadores.»

«Pensamos que a parceria deve ser banida como forma de exploração violenta do trabalho alheio que efectivamente é. Mas em muitas ilhas tornou-se um hábito secular que se torna difícil eliminar. Entretanto foi publicada legislação que proíbe a celebração de novos contratos de parceria e dá aos actuais parceiros a possibilidade de requerem a passagem a uma situação de arrendamento.»

«Podemos dizer que a Reforma Agrária estacionou momentaneamente, enquanto aprofundamos os estudos para conhecer integralmente as nossas potencialidades agrícolas e passarmos depois ao reordenamento das terras de cultivo.»

Até nas mais íngremes encostas do arquipélago o povo de Cabo Verde semeia milho e feijão, bases da sua alimentação. Na gravura, preparação de banquetas para a sementeira de milho congo

Nacional

"ATITUDE SUICIDA?"

CASAS AVANÇAM EM LISBOA "RUMO ÀS PISTAS DO AEROPORTO"

Existem já poucos aeroportos nos centros das cidades. Agora «cidades» dentro de um aeroporto é que nunca tínhamos visto. Claro que «originais» como somos, arranjámos uma «via» diferente. E construímos casas «rumo às pistas do aeroporto».

É exactamente isto que está a acontecer no aeroporto da Portela. Já existe mesmo uma casa no enfiamento da pista principal. Sem que as autoridades ponham cobro a esta atitude «suicida». Claro que as pessoas precisam de habitação. Mais: têm direito à habitação.

Também é verdade que o aeroporto está mesmo no centro da cidade. Mas enquanto só tivermos aquele, não podemos, até por segurança das pessoas, permitir que se construam casas praticamente em cima das pistas, junto à vedação ou nos terrenos de serviço do aeroporto. No caso de acidente, também o acesso de bombeiros ou ambulâncias à pista está bastante dificultado.

Já nem falamos dos perigos que este tipo de construção pode provocar às manobras dos pilotos. Antes do 25 de Abril já tinham sido construídos prédios considerados no enfiamento de uma das pistas. Agora, porém, é um escândalo.

Estivémos num desses bairros. A construção de casas foi, segundo nos disse uma das moradoras, autorizada pela Câmara Municipal. No bairro que nos referimos, contam-se mais de 110 fogos. A maioria dos habitantes são retornados. Que precisavam de uma casa. São todas de pedra e cal; algumas, porém, nem sequer têm traves de suporte. «Aquilo são terras não solidificadas. São aterros. Terras que foram para ali transportadas. Se vêm chuvas imtensas, vai tudo pork água abaixo» — afirmou-nos um funcionário do aeroporto.

Mas as pessoas precisam de casa. Têm direito à habitação. E sujeitam-se a tudo: a um barulho ensurdecedor, ao estremecer da terra. Os aviões quando por ali passam, devem ir a uma altitude média dos 400 metros. As casas estão a um nível superir ao das pistas e a cerca de 200 metros. Basta imaginar...

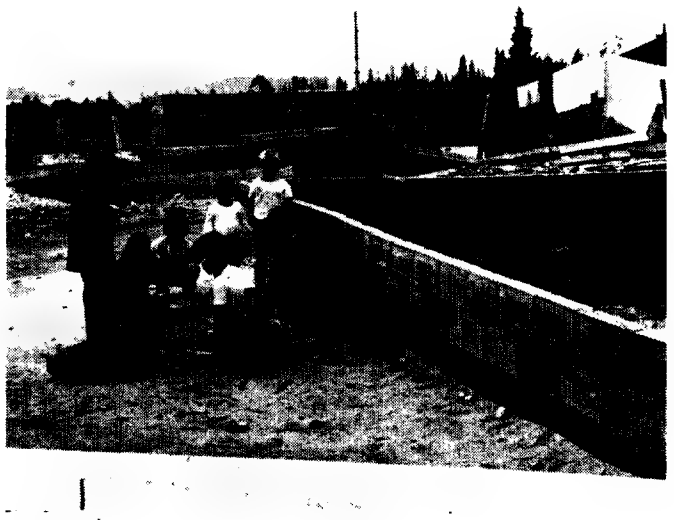
«É extremamente perigoso» disse-nos o coronel piloto-aviador Fernando Gouveia, director do aeroporto de Lisboa. As pessoas devem ter toda a liberdade, menos a de se suicidarem — acrescentaria no final.

Falámos com algumas pessoas desse bairro. Enquanto uma confirmou que sentia um certo ruido, uma outra foi peremptória: «não se sente nada. Os aviões descolam e aterram lá longe. A pista tem oito quilómetros. Quando passam por aqui vão já a grande altura». Soubemos depois que a pista tem exactamente 3805 metros. Estas afirmações resultam, talvez, da tentativa de não «levantar a lebre» ou de evitar problemas. Já construiram ali as suas casas, o que lhe custou alguns contos; já têm luz, prometeram-lhe a canalização de água e os esgotos. Para quê estar a pensar no barulho ou nos acidentes de aviação, se ainda não houve nenhum!!! E, depois, para onde iriam morar?

Muitos habitantes da Encarnação e de Moscavide queixam-se com frequência do barulho insuportável dos aviões. E fica a uma distância muito maior. Há uns anos, os responsáveis da TAP tiveram de interromper as experiências com motores, pois começaram a receber dezenas e dezenas de telefonemas de protesto.

Assistimos do interior de uma carrinha do aeroporto, e numa das pistas de serviço, à descolagem de dois aviões. Estávamos a uma distância considerável e, mesmo assim, pudemos verificar o tremer do veículo e o barulho ensurdecedor.

Transeuntes e condutores que passem diariamente pela Rotunda do aeroporto ou pela Avenída do Brasil podem confirmar o que nós dizemos.



A construção no enfiamento das pistas do aeroporto continua. «É extremamente perigoso» dizem os responsáveis. Os moradores dizem que não «sentem nada». Para onde iriam morar?

Por detrás da vedação do aeroporto continuam a construir-se casas. A pista fica a alguns metros

TRÊS VEZES MAIS

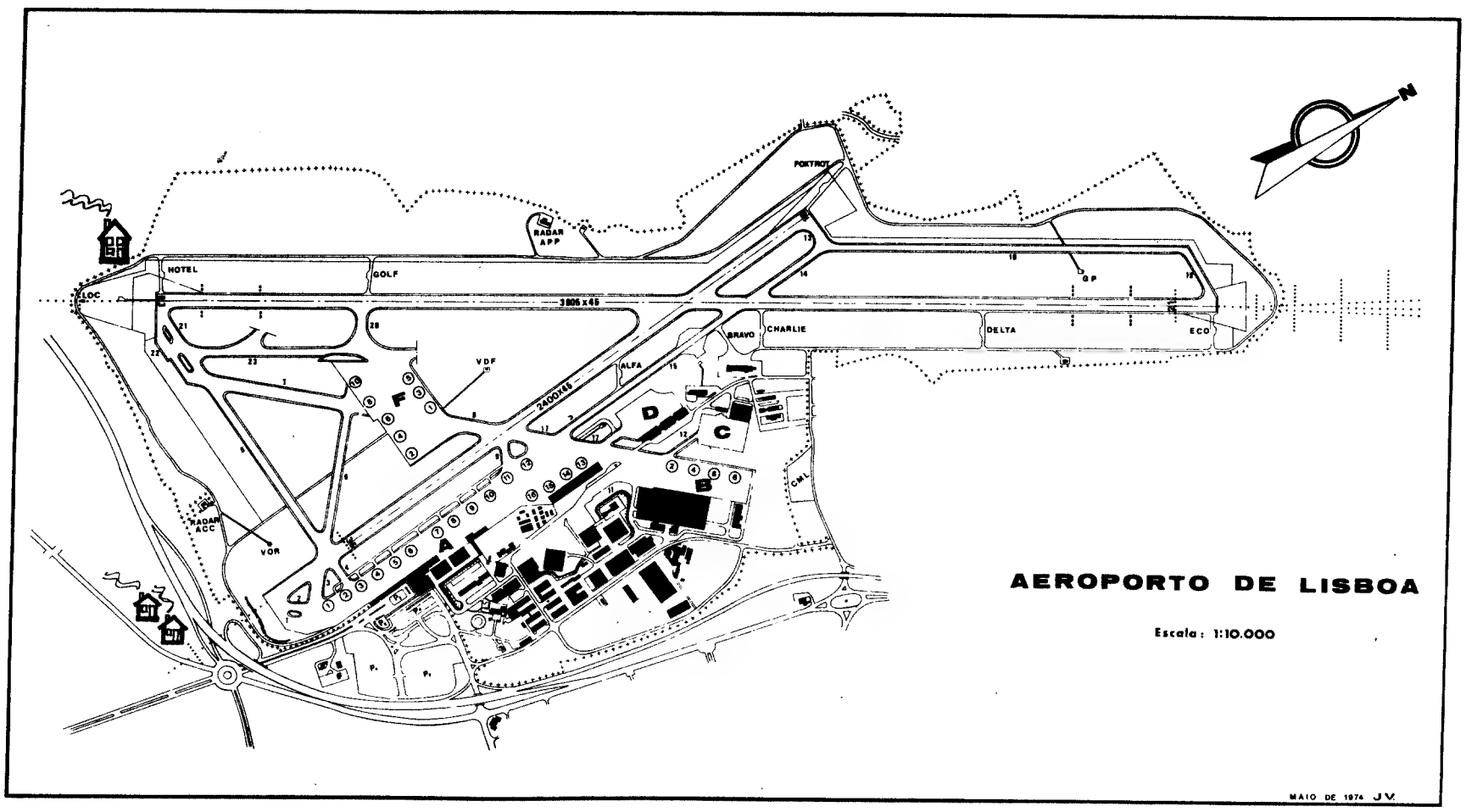
Indiferentes ao barulho, abrem-se os alicerces para novas casas como uma das fotografias documenta, isto é, mesmo por trás da vedação e nos terrenos considerados «anexos» ao aeroporto. Picaretas na mão, tronco nú, constroem casas e mais casas.

Os aviões aterram. A toda a hora. É um verdadeiro desafio. Vencem as casas ou os aviões? Quem irá resistir naquela zona: o aeroporto ou as habitações?

Um dia, esperemos que nunca, um avião, numa aterragem infeliz, que precise de sair da pista, irá afocinhar naquelas casas. Fácil será calcular as consequências de tal acidente. Serão instaurados inquéritos, apuradas responsabilidades. Indignação dos governantes. Espanto: «mas alguém podia ali viver? Nem sabíamos que havia ali habitações» argumentarão com certeza. Mas as pessoas lá estão. Porque o Estado não constrói casas de renda económica. E elas precisam de habitação, nem que seja quase nas pistas do aeroporto. E se a Câmara Municipal consentiu, como nos afirmou uma das moradoras...

Tudo aponta, entretanto, para o agravar da situação. Um dos objectivos da direcção do aeroporto da Portela é um aumento para o triplo do movimento das pistas. Nessa altura, a construir-se ao ritmo a que se está, aonde vão aterrar os aviões. Ou recusar-se-ão os pilotos a essa «aventura»?

F. M.



Eis uma planta do aeroporto de Lisboa. O desenho de algumas casas demonstra o perigo para a aviação e para as pessoas. Algumas estão mesmo no enfiamento das pistas

Nacional

REPÚBLICA DOMINICANA

Luta de tendências no seio das Forças Armadas

Manuel Guerreiro ("Prensa Latina")

O secretário-geral do Partido Comunista Dominicano (PCD), Narciso Isa Conde, afirmou que a crise militar que se produziu este Verão no seu país se deveu a «um confronto de tendências no seio das Forças Armadas».

A opinião pública nacional foi surpreendida pela renúncia colectiva do contra-almirante Ramon Emilio Jimenez Reyes, o general Enrique Perez y Perez, o general Salvador Lluberes Montás e o comodoro Manuel Logroño Contín, respectivamente secretários das Forças Armadas e chefes do exército, Força Aérea e Armada.

O detonador das lutas intestinas no alto comando das Forças Armadas dominicanas foi, na opinião do dirigente do PCD, a nomeação do general Neit Rafael Nivar Seijas para o comando da Polícia Nacional.

«A realidade era — sublinhou — que nos últimos meses se tinha produzido aquilo que se denominou por um desequilíbrio nos comandos militares, com o predomínio do grupo encabeçado pelos militares referidos»

Isa Conde especificou que «esse grupo tinha assumido os comandos fundamentais das Forças Armadas e tinha inclusivamente adoptado medidas de deslocação do outro grupo» (dirigido este por Nivar Seijas).

O general Enrique Pérez y Pérez, militar da linha «dura», muito próximo dos círculos dos EUA. Durante a sua permanência no comando da Polícia Nacional dominicana, foi criada, em 1971, uma organização paramilitar, «La Banda», que desencadeou uma feroz repressão

«LA BANDA»

Aprofundando as causas das discrepâncias dessas tendências, recordou que, durante a permanência de Perez y Perez no comando da Polícia Nacional se criou em 1971 a organização paramilitar «La Banda», que desencadeou uma feroz repressão.

Depois de indicar que esses crimes provocaram um protesto nacional e internacional, disse que entre os militares que reagiram contra esse terror estava o grupo encabeçado por Nivar Seijas, o general que agora passou a comandar a Polícia Nacional.

«Toda a gente reconhece que o seu comando é diferente do anterior» sublinhou o dirigente comunista dominicano.

«Não significa isto que se tenha excluido totalmente a actividade repressiva da Polícia. Continuam a aplicar-se métodos repressivos, mas foi suspenso o terror selectivo, o assassínio».

Na opinião de Isa Conde, o grupo militar de Perez y Perez é «de franca tendência fascizante... É o grupo que mais tem estado ligado aos adidos militares norte-americanos, máquina de terror donde partiram em grande medida os crimes que assolaram o país».

POLÍTICA DE EQUILÍBRIO

«Em geral a gestão do presidente Joaquin Balaguer tem-se desenvolvido, fazendo uma política de equilíbrio entre esses grupos. Esse equilíbrio ficou praticamente desfeito nos meses em que o grupo de Perez y Perez assumiu total proeminência» — esclareceu.

Profundo conhecedor da realidade dominicana, o dirigente do PCD sublinhou que o problema surgido «está indubitavelmente ligado à situação agrária».

Recordou que as leis agrárias promulgadas por Balaguer em 1972 provocaram cisões na equipa governativa e que sectores de latifundiários assumiram posições de boicote aberto «chegando mesmo a níveis claramente conspirativos».

Isa Conde assinalou que o poder latifundiarista tem estreitas ligações com os militares renunciantes.

«Creio — disse — que a reacção de Balaguer, ao alterar o comando da Polícia, se destinou a modificar a situação, que poderia vir a desembocar na instauração de um regime fascista».

Acrescentou que deve ver-se o deslocamento do grupo de Perez y Perez «adentro destas contradições».

Referindo-se à designação de outros militares para os comandos das Forças Armadas explicou que «estão mais de acordo com a gestão tipo reformista desenvolvida por Balaguer».

O contra-almirante Jimenez Reyes e o general Perez y Perez foram nomeados respectivamente ministro dos Negócios Estrangeiros e secretário do Interior e Polícia. Segundo Isa Conde, estas alterações produziram certa confusão no exterior.

Esclareceu que a política externa dominicana «é dirigida, passo a passo, por Joaquim Balaguer», pelo que esse ministério «é um cargo cuja grande importância é mais formal que real».

O cargo que Perez y Perez ocupa agora tem sido aquele em que Balaguer tradicionalmente tem colocado os adversários que pretende captar para o regime.

«O que há a criticar — disse Isa Conde — é que saídas destas se têm já produzido noutras ocasiões e Balaguer não assume uma política definitiva, radical, perante problemas destes».

Acrescentou que o problema do terror na República Dominicana e as suas possibilidades de fascização «estão estreitamente ligados aos aparelhos de terror criados a partir da intervenção militar norte-americana».

A UNIDADE DA ESQUERDA

Participante da reunião de Partidos Comunistas da América Latina e das Caraíbas — que se celebrou este Verão em Havana — Isa atribui valor muito positivo à declaração final da conferência.

O documento, sublinhou, «é muito justo na ordem dos deveres normais da actividade dos partidos comunistas».

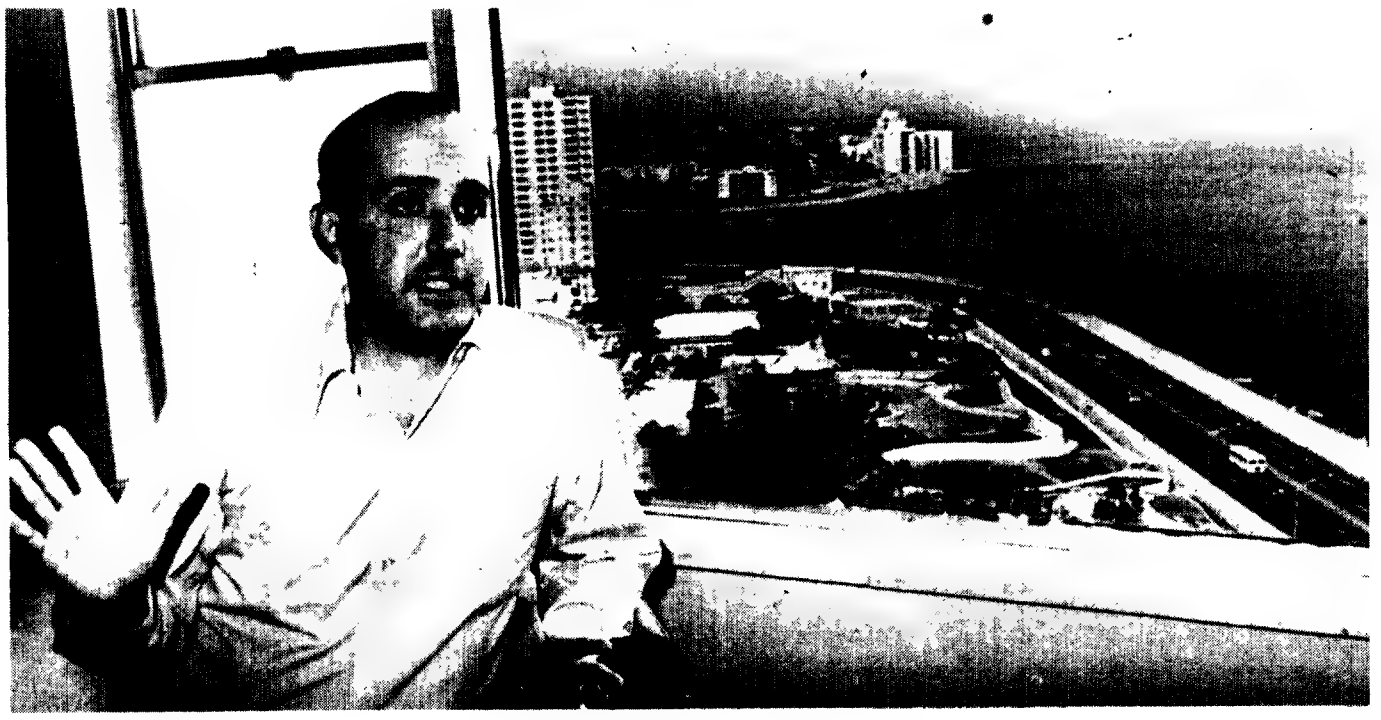
Analisando as perspectivas de unidade no seio da esquerda dominicana e entre as organizações democráticas e anti-imperialistas, mostrou-se optimista.

«O PCD tem desenvolvido uma política destinada a unificar o maior número de forças».

Depois de salientar que o país vive um momento de reagrupamento e reestruturação das forças políticas, disse que a maioria delas, incluindo grande parte das de esquerda, «se mostraram totalmente desorientadas quanto à política de aliança frente ao regime».

Sublinhou que forças de esquerda fizeram esforços de unidade com sectores de extrema-direita opostos ao governo, colocando o problema puramente em termos de pró-governamentais e antigovernamentais.

«Por nosso lado entendemos — frisou — que o problema deve ser colocado fundamentalmente na sua dimensão social e que a unidade das forças revolucionárias, da esquerda, e a unidade das forças democráticas, anti-imperialistas, deve assentar em bases programáticas bem definidas».



Narciso Isa Conde, secretário-geral do Partido Comunista da República Dominicana, frisou que nos últimos meses se gerou uma situação de desequilíbrio no seio dos altos comandos militares do seu país

O PROBLEMA CAMPONÊS

Isa Conde especificou que não é possível promover na República Dominicana um amplo movimento com perspectivas reais de produção de alterações, se não se tiver em conta o problema camponês.

A política de alianças das forças de esquerda acima referidas levou-as à união com sectores latifundiários e representantes políticos destes sectores para se oporem ao Governo de Balaguer.

«Nós entendemos — disse — que tem de se dar todo o destaque a essa força social, o campesinato, que representa 60 por cento da população dominicana e que tem de ser ganha para as modificações».

Referindo-se às leis agrárias promulgadas por Balaguer, o dirigente do PCD disse que o seu valor fundamental reside no movimento social que suscitou.

Acrescentou que a esquerda deve entendê-las «como um guia para a exigência da sua aplicação, e, ao mesmo tempo, da sua ampliação, e aprofundamento, de acordo com os critérios que devem presidir a uma reforma de muito mais profundidade e amplitude».

«Estamos dispostos a contribuir para o novo agrupamento de forças tanto nos factos como na unidade de acção, sobre bases programáticas bem definidas» — sublinhou.

A CRISE ECONÓMICA

A grave situação económica que a República Dominicana sofre e as medidas de emergência tomadas pelo governo são analisadas pelo dirigente comunista.

Depois de sublinhar que a solução «tem de implicar mudanças estruturais» apoiou a eliminação de alguns artigos importados, mas advertiu que «isso se disse já muitas vezes e só agora se vem aplicar».

Isa Conde comentou que a poupança de divisas é boa, embora a «solução não esteja só em fazer novas economias de divisas, mas também em obter novas divisas».

Nesse sentido, afirmou que o país melhoraria as suas reservas liquidando o domínio das empresas multinacionais Gulf and Western, Falconbridge, Alcoa e Rosario, a primeira ligada a mais de 80 empresas, e as três últimas, que extraem respectivamente ferro-níquel, bauxite e ouro.

Na opinião de Isa Conde, o país tem capacidade para fazer funcionar essas empresas, porque os problemas que se levantam são de financiamento e não de tecnologia.

«Porque é que a República Dominicana não se lança decididamente na manutenção de relações, ao menos comerciais, com os países socialistas?» — perguntou.

Vaticinou que a crise económica vai agravar-se e sublinhou que «o movimento popular tem de se dirigir no sentido de fazer exigências e defender um programa para superar os problemas de tipo estrutural nos planos agrícola e industrial...»

A ENTRADA DE ANTIGOS GUERRILHEIROS

A repressão desencadeada pelo governo dominicano em consequência de uma suposta entrada de três revolucionários, Claudio Caamaño Grullón, Toribio Peña Jaquez e Manfredo Casado Villar, é analisada por Isa Conde.

O facto foi utilizado com fins repressivos, mas o objectivo principal era pressionar o governo no referente à votação sobre Cuba na próxima reunião da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Recordou que na assembleia da OEA, celebrada em Novembro passado na capital do Equador, a República Dominicana votou, juntamente com onze nações, pelo levantamento das sanções contra Cuba.

Disse que as medidas de repressão de massa não se justificavam porque «o acto não era de desembarque, mas apenas de entrada clandestina», como depois viria a explicar-se.

Acentuou que as Forças Armadas e a Polícia informaram que Caamaño Grullón e os seus dois companheiros procediam de Cuba.

Depois esclareceu que «qualquer um que entre no país, membro de qualquer dos sectores da esquerda, fá-lo à responsabilidade do grupo a que pertence».

Isa Conde assinalou que se aproveitou a conjuntura para atacar sectores do movimento popular. (Entre as 16 pessoas inicialmente acusadas perante os tribunais figuram Francisco António Santos e outros dois importantes dirigentes da Central Geral de Trabalhadores — CGT).

Essa repressão em massa (efectuaram-se mais de 500 prisões) produziu-se numa altura em que se agudizava a crise económica da República Dominicana, onde há mais de 400 mil desempregados.

Isa Conde pôs a nu o contraste entre esta situação de desemprego para centenas de milhares de trabalhadores e a taxa de lucros dos sectores comercial e industrial, que se situa a níveis muito acima dos de outros países, como é reconhecido pela ONU.

Segundo Isa Conde, para fazer frente à actual situação económica, o governo de Balaguer tem de onerar as classes dominantes e pôr termo à especulação que provocou uma alta do custo de vida superior a 60 por cento.

Estrangeiro

ELEIÇÕES NA R.F.A.

Reduzida para oito a maioria de Schmidt no Bundestag

BONA, 4 — (R.) — O chanceler Helmut Schmidt segurava hoje o poder em Bona, depois de as eleições gerais terem reduzido para oito a maioria parlamentar da sua coligação, esquerdista liberal.

O Partido Cristão-Democrático (centro-direita) saiu das eleições como maior partido isolado com 244 lugares no Bundestag (Câmara Baixa) e o Dr. Helmut Kohl, seu dirigente, de 46 anos de idade declarou em certa altura que deveria ter a primeira possibilidade de formar um governo.

O actual governo continua no cargo até 13 de Dezembro, mas a próxima iniciativa compete ao presidente Walter Scheel, que tem de convocar um dos dirigentes dos dois principais partidos para formar um novo governo.

A coligação de Schmidt, embora afectada pela perda de 19 lugares no Bundestag de 496 assentos ainda possui uma maioria e existem poucas dúvidas de que continuará no poder depois de 13 de Dezembro.

Mas outra questão é saber por quanto tempo poderá actuar com tão escassa maioria.

O facto de o dr. Kohl conquistar 48,6 por cento dos votos surpreendeu a maioria dos políticos e observadores em Bona, que parecem ter subestimado a força da corrente que estava a atrair votos para a direita.

Nas eleições gerais da Suécia, o mês passado, a direita derrubou um governo de esquerda que estava no poder há 44 anos.

Os cristãos-democratas alemães-ocidentais fizeram a sua campanha sob o «slogan» liberdade em vez de socialismo, o que levou os sociais-democratas de Schmidt a protestar, alegando que isso os acusava de comunistas.

A campanha eleitoral foi isenta de questões de fundo e consequentemente nenhum dos dirigentes políticos conseguiu apontar o dedo para um motivo particular para os desaires do governo.

O desemprego, atingindo ainda quase 900.000 trabalhadores ou 3,9 por cento da força de trabalho, deve ter sido um factor adverso para o governo.

Mais de 38 milhões de eleitores depositaram os seus votos, nos dos Estados Federais numa elevada afluência de 91 por cento, isto é, pouco menos do que o recorde de 1972 — 91,2 por cento.

A tendência para a direita foi mais marcada nas regiões do Sul, que são predominantemente católicas, do que no Norte. Especulava-se que a proximidade da Itália, onde o Partido Comunista está a conquistar influência política, provocou uma reacção defensiva.

Na Baviera, o antigo ministro de gabinete, Franz Josef Strauss obteve 60 por cento dos votos com o seu partido conservador direitista, a União Social-Cristã. Esta forma uma aliança parlamentar com o partido do dr. Kohl.

Muitos observadores pensam que as perdas do partido teriam sido mais pesadas não fora o prestígio do chanceler Helmut Schmidt, considerado por muitos eleitores como um conservador, apesar do seu partido.

Não existe qualquer razão para que a coligação não sobreviva ao próximo mandato de quatro anos, apesar da sua escassa maioria. No sistema político alemão-ocidental não há eleições secundárias que possam alterar o equilíbrio da Câmara.

O partido do dr. Kohl já controla a Câmara Alta (Bundesrat) que está autorizada a vetar certas legislações. A Câmara Baixa será futuramente controlada, com efeito, pelos liberais com os seus 39 lugares.

Resultados finais

São os seguintes os resultados finais oficiais das eleições parlamentares de ontem na República Federal da Alemanha:

— Democratas Cristãos: 48,9 por cento (44,8 em 1972)
— Sociais-Democratas: 42,6 por cento (45,9 em 1972)
— Liberais: 7,9 por cento (8,4 em 1972)

Sob a designação de democratas-cristãos estão englobadas a União Democrática Cristã (C.D.U.) e a União Social Cristã (C.S.U.).

Por seu lado, sociais-democratas e liberais, que constituam a actual coligação governamental, obtiveram em conjunto 50,5 por cento do total de votos.

Em consequência destes resultados, os 496 lugares do Parlamento ficaram distribuídos deste modo:

— Democratas-Cristãos: 244 lugares (225 em 1972)
— Sociais-Democratas: 213 (230 em 1972)
— Liberais: 39 (41 em 1972)

Dos 244 lugares que os democratas-cristãos irão ocupar, pertencem 191 aos representantes da União Democrática Cristã (C.D.U.) e 53 aos da União Social Cristã (C.S.U.).

Em conjunto, a coligação de sociais-democratas e liberais obteve 252 lugares.

Soares felicita Schmidt e Brandt

O Primero-Ministro português, dr. Mário Soares, enviou dois telegramas de felicitações aos sociais-democratas da República Federal Alemã, depois de conhecer os resultados das eleições.

Um dos telegramas foi endereçado ao chanceler Helmut Schmidt e era do seguinte teor: «Nome PS congratulo-me pela vitória coligação que confirma apoio povo alemão política seu Governo e representa marco fundamental importância toda a Europa».

O outro, dirigido ao antigo chanceler e actual presidente do Partido Social-Democrático, Willy Brandt, era como se segue: «Nome socialistas portugueses abraço-te pela grande e histórica vitória SPD».

Helmut Kohl diz ser o verdadeiro vencedor

BONA, 4 (ANOP e R) — O dirigente da Oposição, Helmut Kohl, declarou-se a noite passada o verdadeiro vencedor das eleições gerais alemãs ocidentais e disse que deveria ser convidado a formar governo.

Contudo, os resultados provisórios oficiais mostravam que a coligação de esquerda-liberal do Chanceler Helmut Schmidt havia obtido uma escassa vitória com uma maioria de oito assentos no Bundestag (Câmara Baixa).

Sorridente e descontraído, o dr. Kohl, de 46 anos de idade, declarou aos jornalistas esperar que, como chefe do grupo parlamentar mais forte e aquele que obteve maiores vitórias, seria o primeiro político convocado pelo presidente Walter Scheel para formar um governo, quando o novo Parlamento se reunir em meados de Dezembro. Foi o dirigente mais jovem que o Partido Cristão Democrata (CDU) teve quando foi eleito em 1973.

O dr. Kohl, uma figura alta que cultiva uma imagem genial, foi largamente responsável pelo relançamento da abalada organização do CDU e pela criação dos mecanismos que provocaram as últimas vitórias eleitorais.

Ao ser nomeado presidente do CDU, afastou muitos dos seus principais dirigentes e nomeou para secretário-geral o dr. Kurt Biedenkopk, um professor de Economia e antigo reitor da Universidade do Ruhr.

Lançaram imediatamente uma campanha que duplicou para 650 000 o número de militantes do CDU. Mesmo militantes veteranos do rival Partido Social-Democrata (SPD) admitem que os cristãos-democratas estavam melhor organizados na fortemente disputada campanha eleitoral.

O dr. Kohl falou em 140 comícios, quase tantos como o chanceler Helmut Schmidt e o presidente do Partido Social Democrata, Willy Brandt, juntos.

Especialistas políticos recordaram que teria apenas 50 anos quando se realizarem as próximas eleições gerais e que a escassez da maioria governamental poderia levar à sua antecipação. O dr. Kohl era quase totalmente desconhecido fora da Alemanha Ocidental antes das eleições, nas quais reclamou uma vitória moral.

Dirigentes do governo têm-se esforçado para salientar a sua falta de experiência fora do seu Estado-natal, sublinhando que não fala qualquer outra língua além do Alemão e insistindo que foi o homem-chave de Franz Josef Strauss, o antigo ministro de Gabinete que chefia o partido-irmão do CDU na Baviera.

A eleição do novo chanceler realizar-se-á no Parlamento Federal em meados de Dezembro e a sua designação dependerá apenas da obtenção de uma maioria simples, o que torna problemática a designação de Kohl, devido à coligação dos sociais democratas com os liberais.

Entretanto, os liberais do FDP darão ainda hoje a conhecer a sua posição em relação à coligação que desde 1969 mantêm com os sociais-democratas.

Margem de vitória perigosa para o SPD

BONA, 4 — (ANOP) — Observadores políticos alemães manifestaram a opinião de que a escassa margem de maioria da coligação SPD-FDP no Bundestag, uma câmara com 496 lugares, poderá tornar-se perigosa para a sobrevivência de Schmidt na Chancelaria Federal, caso a coligação tenha de enfrentar problemas políticos que gerem controvérsia.

Os mesmos observadores lembraram que há quatro anos, o antigo Chanceler Federal, Willy Brandt foi forçado a convocar novas eleições, que, aliás conseguiu vencer, depois da maioria de seis lugares no Parlamento se ter desfeito, em virtude dos debates acesos sobre a sua «política de abertura a Leste», com a qual pretendeu melhorar as relações com os países socialistas europeus.

Por outro lado, a legislação doméstica poderá vir a ser bloqueada no Bundesrat, a Câmara Alta do Parlamento que representa os interesses dos dez Estados que formam a República Federal Alemã, onde os cristãos democratas detem uma vantagem de 26 para 15 em número de votos.

Entretanto, o dirigente conservador Hans Filbinger, ministro presidente do Estado de Baden-Wurttemberg, disse numa entrevista para a Televisão que a maioria parlamentar obtida pela coligação dos sociais-democratas e liberais «não era suficiente para governar durante quatro anos».

Filbinger predisse ainda que esta escassa vantagem conduziria a curto trecho a um colapso da coligação governamental de Schmidt.

Por seu turno, Helmut Kohl, deverá tentar minar a coligação governamental através de uma táctica de bloqueamento na Câmara Alta do Parlamento Alemão (Bundesrat) tentando ao mesmo tempo, aliciar os liberais dirigidos pelo ministro federal dos Negócios Estrangeiros, Diectrich Genscher, para se coligarem com os conservadores.

Atentado frustrado contra Videla

BUENOS AIRES, 4 — (ANOP, FP, R. e DL) — Um pequeno erro de cálculo na programação dos actos comemorativos do dia da arma de Comunicações salvou a vida do presidente da Argentina, general Jorge Rafael Videla. Dois minutos depois de ter deixado a tribuna de onde assistia às festividades, esta foi pelos ares após a explosão de uma bomba de grande potência que havia sido colocada no interior da armação metálica que a sustentava. Mais sete generais, um capitão militar e os chefes das três armas, que estavam ao lado de Videla também escaparam do atentado, que feriu dois militares que estavam mais próximos do local do rebentamento.

Pouco tempo depois, os Montoneros, organização da extrema esquerda peronista, reivindicavam a acção, atraves de telefonemas para os diversos órgãos de Informação.

O atentado contra Videla, que tomou o poder pela força na Argentina no passado dia 24 de Março e que desde então tem sido cada vez mais comparado ao seu colega chileno Augusto Pinochet, ocorreu no Campo de Maio, a 30 quilómetros de Buenos Aires, e um dos mais importantes campos militares argentinos. De acordo com as testemunhas que presenciaram a explosão, na maioria jornalistas, Videla ainda estava no Campo de Maio quando a bomba rebentou. Entretanto, esses jornalistas nada disseram nas suas publicações em razão da imediata proibição do Governo de mencionar o assunto, que seria divulgado através de um comunicado oficial. Este foi o primeiro atentado contra Videla, depois do golpe de Março. Nove dias antes do golpe, escapou ileso de outra bomba, junto ao Estado-Maior do Exército, num atentado em que morreu uma pessoa e outras 29 ficaram feridas.

Maioria espanhola é moderada — diz Suárez numa entrevista

MADRID, 4 — (ANOP e «D.L.») — «A grande maioria do povo espanhol é moderado, «a esquerda esforça-se por combater um passado que já não existe, enquanto uma parte da direita chora um passado quejá não voltará» e «a Espanha não pode dar-se ao luxo de ficar dividida em duas» — estas são algumas das declarações do primeiro-ministro Adolfo Suarez, a uma entrevista à revista francesa «Le Point», que foram dadas a conhecer à Imprensa espanhola ontem à noite.

Na mesma entrevista o chefe do Governo de Espanha diz que em alguns sectores políticos existe uma certa dificuldade de adaptação «às verdadeiras necessidades do Estado», condena o aparecimento de um pluralismo espontâneo e afirma que o Exército está agrupado à volta do rei e não demonstra temores quanto aos resultados do referendo previsto. Sobre a Catalunha o País Basco e as Canárias, Suarez declara que não pretende dramatizar essas questões, que a unidade espanhola existe e a evolução dos acontecimentos nessas regiões será mais fácil do que se supõe.

Entretanto, uma rectificação feita oficialmente quanto à informação sobre o ultimo conselho de ministros, segundo a qual dois decretos reais passavam à reserva os generais Santiao Mendivil e Iniesta Cano, não significa uma volta atrás nessas decisões. A rectificação foi apenas motivada por um erro de carácter jurídico e administrativo e a passagem à reserva dos dois oficiais que mostraram sérias divergências em relação ao Governo, é um facto.

Caleidoscópio

TEERÃO, 4 — (R.) — O presidente Valéry Giscard d'Estaing, da França, chega hoje a Teerão num Concorde, o jacto supersónico anglo-francês de passageiros e espera persuadir o xá da Pérsia a comprar aviões e centrais nucleares, nos termos de um acordo de petróleo em troca de armas.

BEIRUTE, 4 — (R) — Forças progressistas e direitistas atacaram-se mutuamente com violentas barragens de artilharia durante a noite, em Beirute e nos campos de batalha nas montanhas, mas a maioria dos libaneses observará hoje inicitivas diplomáticas no estrangeiro, considerando-as o próximo grande acontecimento relacionado com a guerra civil libanesa que se trava há 17 meses.

MANILA, 4 — (R) — O presidente do Banco Mundial, Robert MacNamara, apelou hoje para a consciência dos dirigentes financeiros internacionais dizendo-lhes que a vitória sobre a pobreza estava nas suas mãos. MacNamara disse na inauguração da sessão anual conjunta do Banco e do Fundo Monetário Internacional (F. M. I.) que as soluções para os problemas económicos do Mundo cabiam às pessoas conscientes e que estavam dispostas a fazer sacrifícios.

BOGOTÁ, 4 — (R) — O cônsul honorário da Holanda, Eric Leupin, raptado por guerrilheiros esquerdistas há 20 meses, acaba de ser posto em liberdade — confirmou a noite passada a polícia.

LA PAZ (MÉXICO), 4 — (R.) — Pessoal especializado começou hoje a restaurar o abastecimento de água e electricidade a La Paz, a cidade arrasada onde cerca de 625 pessoas perderam a vida devido ao pior furacão que fustigou o México, este século.

Estrangeiro

WASHINGTON INSISTE COM O "EIXO" DO ATLÂNTICO SUL

Os acontecimentos na África Austral desenvolvem-se mais depressa do que se poderia supor há um ano (ou ano e meio), quando o império colonial português se desagregava. Mais: o terror desencadeado pelas autoridades racistas e as suas sortivas contra os Estados independentes vizinhos aceleram o processo impetuoso de libertação do Sul de África. Será por acaso que o progresso da luta libertadora na RSA tenha tido o seu ponto de partida pouco depois da derrota da aventura intervencionista em Angola? O regime racista tinha-se decidido pela primeira vez a enviar tropas para além do seu território e foi obrigado a bater vergonhosamente em retirada impotente perante a África que derrubou o jugo colonial. A Namíbia (ilegalmente ocupada) serviu como testa de ponte para o lançamento desta operação. Presentemente é na Zâmbia que as tropas sul-africanas fazem incursões a partir deste território. Entretanto torna-se praticamente impossível manter por mais tempo o jugo racista sobre a Namíbia.

O recente acordo entre Kissinger e Ian Smith sobre a formação de um governo de maioria negra na Rodésia é, no fundo, uma tentativa de paralisação do movimento nacional libertador, uma vez que pretende jogar com as suas divisões internas. Com este acordo, Ian Smith tenta ganhar tempo, tempo que cada vez lhe vai faltando mais. Para Smith, verdadeiramente «com a corda no pescoço», todo e qualquer acordo ou compromisso que assegure a sua sobrevivência por algum tempo é-lhe altamente favorável na medida em que conta que as divisões no Movimento de Libertação possam alterar a sua dificílima situação (recordemos sobre a questão «ganhar tempo» as conversações de Smith com Nkomo).

Por outro lado, a criação de um governo de maioria negra, fiel aos interesses de Washington e Pretória, juntamente com o «adoçar» do «apartheid» permitiria ao imperialismo salvaguardar os seus interesses nesta região do mundo, principalmente na África do Sul.

No entanto, a guerra de libertação nacional do Zimbabwé conduzida pelo ZIPA (Zimbabwe People's Army) prossegue, indo ser intensificada como o declarou Robert Mugabe, dirigente da Administração Externa do ANC do Zimbabwe, numa declaração posterior ao acordo entre Smith e Kissinger, declaração essa na qual o próprio acordo é recusado. A recusa por parte dos Chefes de Estado dos países da «primeira linha» em aceitar o plano de Kissinger, consubstanciada na palavra final do comunicado emitido no fim da reunião de Lusaka («A luta continua»), não faz esquecer as questões militares, nomeadamente a tão falada criação da SATO (Organização do Tratado do Atlântico Sul).

AS ARMAS DOS RACISTAS

No Vietname a guerra era conduzida por um corpo expedicionário dos Estados Unidos de 500.000 «punidores» profissionais. A Aviação dos Estados Unidos dominava os ares, enquanto a sua frota bloqueava as costas da Indochina. Ora acontece que os racistas não dispõem de tais meios...

Segundo a Imprensa, o Exército sul-africano contava até há pouco com cerca de 15.700 militares de carreira (para 90.000 aptos para todo o serviço). As tropas regulares da Rodésia dispõem de 5700 soldados e oficiais, aos quais é preciso juntar 10.000 reservistas no activo. As suas armas estão longe de serem modernas. Os dois regimes dispõem ainda de corpos de Polícia (35.000 na RSA e 5000 na Rodésia) e forças de segurança (a «Guarda Nacional» sul-africana com 75.000 homens e as reservas da Polícia rodesiana com 35.000). No entanto, as autoridades não podem contar com os africanos e mulatos que mobilizam. Como pode Vorster incorporar muitos soldados brancos, se a população branca ascende unicamente a 4,2 milhões de habitantes? Ora no país vivem e lutam pela liberdade 18,1 milhões de africanos, com os quais os «homens de cor» (mulatos) e os originários da Asia se mostram solidários. Aliás a efervescência entre os brancos da RSA agrava-se: os Afrikaners entendem-se mal com os descendentes dos ingleses — e entre os jovens crescem sentimentos anti-racistas. Em Joanesburgo os estudantes desceram à rua levando cartazes com os seguintes dizeres: «Nós estamos contigo, Soweto». No que toca à Rodésia (cerca de 6 milhões de africanos e 300 mil brancos) assiste-se ao princípio de um êxodo de colonos europeus. Segundo os dados oficiais, o número de brancos diminuiu em cerca de 2800 pessoas, 1330 das quais partiram em Junho, isto no primeiro semestre do corrente ano. A maioria eram homens susceptíveis de serem mobilizados.

A «perda» da RSA privaria os monopólios internacionais e a sua estratégia global de uma testa de ponte militar e política bastante importante entre os oceanos Índico e Atlântico. Veriam comprometido o controlo pelo Ocidente sobre riquíssimos recursos, recursos esses nada desprezíveis se atentarmos na prolongada crise de matérias-primas que atravessa a Ocidente.

Quanto às consequências políticas, sociais e ideológicas da liquidação dos redutos do racismo não é preciso adivinhá-las: seria uma derrota impressionante do imperialismo.

ISRAEL ÁFRICA DO SUL E CIA:

Não será por isso que continuando a falar de «liberalização» da política africana, os meios imperialistas e os monopólios neocolonialistas continuam a armar os racistas? O mais perigoso é que não lhes fornecem apenas armas clássicas, mas também meios para a eventual fabricação de armamento nuclear. A Conferência dos Países Não-Alinhados, em Colombo, criticou vivamente os fornecimentos aos racistas sul-africanos de material de guerra. A França, por exemplo, entregou ao regime de Pretória reactores atómicos.

Informações filtradas na Imprensa indicam que o urânio sul-africano é entregue a Israel que, por seu lado, constrói nos seus estaleiros navios de guerra para os racistas. Existem também informações que referem a existência de conselheiros militares israelitas entre as tropas sul-africanas acantinadas na Namíbia. «Os sul-africanos têm os israelitas na conta de especialistas na guerra do deserto — declarou numa conferência de Imprensa, em 22 de Agosto, em Lusaka, Sam Nujoma, presidente da SWAPO (Organização do Povo do Sudoeste Africano) — temos provas que confirmam a sua presença».

Tudo indica que Pretória e Telavive concluiram na prática uma aliança militar. Este novo «eixo» é o produto dos cálculos globais dos estrategos imperialistas. Não é por acaso que se vê esse «eixo» prolongado através do Atlântico até à América Latina.

O ELO FRACO

Retomam-se os velhos projectos do «bloco do Atlântico Sul» que compreenderia a RSA e certos países latino-americanos. Em 22 de Agosto, *La Opinion* (Argentina) achaca muito provável a formação no Atlântico Sul de um «organismo equivalente à NATO, ainda que «num futuro bastante distante». Mas já está aser preparada desde agora. A Imprensa registou que diplomatas norte-americanos tentavam esclarecer no Brasil «se a opinião do país iria aceitar um pacto militar anticomunistas com a RSA. Apesar do desmentido do Brasil, torna-se claro que este país não desdenharia a criação do bloco anticomunista no sul do Atlântico em que desempenharia importante papel. No entanto as tentativas de penetração na África negra (vide reconhecimento da RPA) criam-lhe alguns problemas.

Vorster em pessoa atravessou o Atlântico, tendo escolhido como fim da sua viagem o Uruguai em 1975. Os racistas estabeleceram laços estreitos com a Junta de Pinochet: os jornais africanos chegaram mesmo a falar de um projecto de envio para a RSA e para a Namíbia de um contigente de 1500 mercenários chilenos formados nas bases da CIA na zona do Canal do Panamá. Segundo a revista «Jeune Afrique» que se publica em Paris, prepara-se a conclusão de um acordo naval entre a RSA e importantes países latino-americanos. A revista sublinha que se trata de ajudar a prosseguir «para Oeste a fileira de potências médias, garantes da ordem americana criadas para Este entre a África do Sul, o Irão e Israel».

Só que os sistemas não pode ser sólido se um dos seus elos essenciais da cadeia acusar já fissuras ao ponto de não se poder aguentar sem ser sustido do exterior. Atirar sobre manifestantes não é uma prova de força. É um testemunho indiscutível do medo e do desespero que pode levar a algum acto insensato, como, por exemplo, a chantagem nuclear em relação aos países africanos. Os meios ultra-reaccionários da RSA e da Rodésia visam, aparentemente, estender o conflito no Sul de África, agindo segundo o princípio de «antes morrer que deixar viver os pretos».

Os governos que fazem por esta ou aquela razão bloco Pretória correm grandes riscos. Nomeadamente no que toca ao seu prestígio internacional, sem falar de duras perdas como o demonstrou a decisão da Conferência de Colombo. Quanto à ordem racista ninguém a poderá perpetuar: nem os novos «eixos» ou blocos, nem a «fileira de potências garantes». Porque os milhões de africanos da RSA, da Namíbia e da Rodésia já sentiram o sopro da liberdade — e tendo em conta a correlação de forças no mundo têm possibilidades de a conquistarem («Temps Nouvaux»/APN)

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA VIDREIRA

Sede: Rua 18 de Janeiro, n.º 13 — Telefone 52 783
MARINHA GRANDE

MOÇÃO

Os delegados sindicais do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira (Zona Centro) reunidos em plenário no dia 28/9/76 tendo apreciado a nota oficiosa da Secretaria de Estado da Segurança Social referente a um comunicado emitido pela União dos Sindicatos de Leiria, decidiram:

1 — Repudiar a atitude desse Senhor Secretário de Estado, Vítor Vasques, que embora diga pertencer a um Governo de trabalhadores para trabalhadores, usa na prática manobras sujas para criar a confusão e portanto a divisão do Movimento Sindical.

2 — Repudiar veementemente essa nota oficiosa e a maneira como o Sr. Secretário de Estado trata os representantes dos trabalhadores, através do seu organismo de classe, o Movimento Sindical.

3 — Repudiar as calúnias contra a União dos Sindicatos inseridas nessa mesma nota oficiosa, que só por si demonstra bem a política anti-sindical preconizada por esse Senhor Secretário de Estado.

4 — Exigir o cumprimento da portaria 431/76 e por conseguinte a nomeação para a Comissão Administrativa dos Serviços Médico-Sociais dos dois representantes do Movimento Sindical já eleitos.

Marinha Grande, 28/9/76

OS DELEGADOS DO S. T. I. V.
ZONA CENTRO

PUB.

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica do Distrito de Lisboa

PLENÁRIO GERAL DE DELEGADOS SINDICAIS

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do Decreto-Lei n.º 215-B/75, convocam-se todos os Delegados Sindicais para o Plenário a realizar no próximo dia 7 de Outubro, pelas 16,30 horas, no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. **Análise e discussão do Projecto de Regulamento do Congresso**
2. **Informações**

NOTA:

Este Plenário de Delegados Sindicais substitui a Assembleia Geral convocada para este mesmo dia, que ficou adiada para o dia 15 de Outubro, às 20.30 horas, no mesmo local — Pavilhão dos Desportos de Lisboa.

Este adiamento é devido ao atraso da saída do Projecto de Regulamento do Congresso de Todos os Sindicatos vir diminuir o prazo de um mês, que tinha sido estipulado, para análise e discussão do mesmo pelos trabalhadores, na Reunião Geral de Sindicatos de 4 de Setembro.

Atendendo às sugestões de muitas Direcções Sindicais a CNOPC alargou o prazo de discussão do projecto, para assim se poder dar cumprimento ao aprovado na mesma Reunião Geral de Sindicatos.

— PARTICIPA! NÃO FALTES!
— EM FRENTE PELO CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS!

Lisboa, 1 de Outubro de 1976

A DIRECÇÃO

PUB

Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos e Metalo-Mecânicos do Distrito de Leiria

Sede em VIEIRA DE LEIRIA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do art.º 33.º alínea a), dos nossos estatutos, convocam-se todos os trabalhadores metalúrgicos a assistir às Assembleias Gerais Extraordinárias, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — **Discussão e deliberação do Projecto de Regulamento do Congresso de todos os Sindicatos.**
2.º — **Informações sobre o C. C. T.**

As referidas Assembleias Gerais terão lugar nas seguintes localidades:

— **Dia 8 de Outubro pelas 21 horas em Marinha Grande**
— **Dia 9 de Outubro pelas 15 horas em Leiria**
— **Dia 11 de Outubro pelas 21 horas em Caldas da Rainha**
— **Dia 12 de Outubro pelas 21 horas em Vieira de Leiria**

Oportunamente sairá uma circular com a indicação das salas onde se realizarão estas Assembleias.

NOTA: TODOS OS TRABALHADORES SE DEVEM APRESENTAR DEVIDAMENTE IDENTIFICADOS.

Vieira de Leiria, 30 de Setembro de 1976

A DIRECÇÃO

Andrei Gromyko em Bruxelas

BRUXELAS, 4 — (R) — O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, chegou a noite passada a Bruxelas, vindo de Nova Iorque, para uma visita oficial de três dias à Bélgica. Estão programadas conversações entre Gromyko e o primeiro-ministro belga, Leo Tindemans.

Estrangeiro

DENÚNCIA EM ROMA

Lopo do Nascimento contra armadilha do Pacto

DINA NASCETTI (EXCLUSIVO IPS)

ROMA, 4 — (IPS) — «Enquanto Kissinger procura impor a sua solução para os problemas da África Austral, dá ao mesmo tempo livre curso à criação de um pacto militar do Atlântico Sul, de que fazem parte, além da África do Sul, a Argentina, o Brasil, o Uruguai e os Estados Unidos, e cujo fim é concentrar em torno da África Meridional e de Angola forças imperialistas.»

. Esta foi uma das declarações mais importantes do primeiro-ministro da República Popular de Angola, Lopo do Nascimento, ao terminar a sua visita particular a Itália.

Lopo do Nascimento acrescentou que o seu Governo examinou o problema com o Governo de Madagascar e comunicou a sua preocupação às autoridades brasileiras.

Além disso, o primeiro-ministro angolano recordou que decorreram recentemente manobras navais argentino-norte-americanas, denominadas «Unitas», presenciadas por um alto funcionário do Brasil e outro da África do Sul.

Referindo-se em seguida à viagem de Kissinger à África Austral, Lopo do Nascimento disse que «as promessas feitas por Kissinger aos povos do Zimbabwé, da Namíbia e da África do Sul são as mesmas que nos foram feitas há muitos anos pelas forças imperialistas e que nos custaram tantos mortos e sacrifícios».

«O chamado plano de paz do secretário de Estado norte-americano, acrescentou, não é mais do que a sua resposta à derrota sofrida em Angola e o seu verdadeiro e único objectivo consiste em perpetuar o Poder efectivo (mesmo que formal) da minoria branca sobre a maioria negra, tal como os enormes interesses económicos dos Estados Unidos e das outras potências ocidentais na África Austral.»

. O primeiro-ministro angolano precisou que, «no que se refere ao Zimbabwé, com certeza que não se está a respeitar o princípio da maioria ao projectar a criação de um Conselho de Estado composto por três dirigentes negros e três brancos, com um presidente branco e tendo estabelecido, além disso, que todas as decisões têm de ser tomadas por dois terços dos votos».

«É inconcebível pensar, acrescentou, que as funções de ministro da Defesa e do Interior durante o Governo Provisório sejam confiadas a brancos, já que se chegaria à situação absurda em que eu próprio me encontrei quando era ministro da Defesa do Governo Provisório de Angola e o controlo das Forças Armadas estava nas mãos dos portugueses: qualquer oficial subalterno podia desobedecer às minhas ordens.»

Acrescentou que, nessas condições, «os brancos manterão o controlo da Polícia e do aparelho repressivo».

Lopo do Nascimento disse que, «na Rodésia, na Namíbia e sobretudo na África do Sul, joga-se agora o futuro da África», acrescentando que «a batalha apenas começou e podem vencer as forças reaccionárias, impondo novas formas de neocolonialismo na África Austral, com o que poriam em perigo o destino de Moçambique, de Angola e dos outros países livres e anti-imperialistas do continente».

Uma foto de arquivo do primeiro-ministro de Angola

«Mas também podem prevalecer, acrescentou, os nacionalistas negros e as forças progressistas, assegurando aos povos em luta a plena independência e o controlo do seu destino.»

Posteriormente ilustrou a situação militar no seu país, afirmando que «já depois da visita de Kissinger à África, as tropas da F. N. L. A. (Frente Nacional de Libertação de Angola), de Holden Roberto, foram praticamente destruídas».

Acrescentou que, no entanto, agora, se «assiste à infiltração de elementos da F. N. L. A. que, a partir do Zaire, atravessam as nossas fronteiras e sabemos que recentemente se constituiram seis bases de treino no Zaire e nós suspeitamos que grande parte dos elementos de F.N.L.A. são, na realidade, soldados do Zaire».

Em relação ao «outro movimento divisionista, a U. N. I. T. A. (União Nacional para a Independência Total de Angola), há alguns focos de resistência que sobreviveram ao avanço para o sul das forças do M. P. L. A. (Movimento Popular de Libertação de Angola), mas estão agora em vias de serem exterminados».

«Localizámos na Namíbia», disse, «uma base onde os sul-africanos estão a treinar mercenários de várias nacionalidades e elementos da U. N. I. T. A. que se empenham em acções contra Angola. O objectivo dessas infiltrações no Norte e no Sul é criar instabilidade.»

Lopo do Nascimento explicou a situação angolana no final de anos de guerra de libertação e dos últimos acontecimentos dramáticos — invasão sul-africana, ataque mercenário — que terminaram na batalha que agora se define como a Segunda Guerra de Independência.

A invasão dos racistas sul-africanos causou a Angola danos nas redes de comunicação, a destruição ou roubo de 23 mil dos 28 mil camiões, avarias nas redes telefónicas, semidestruição e roubo de unidades da frota pesqueira e destruição de uma vasta zona da área cultivada.

O primeiro-ministro angolano disse que esse «era o preço da guerra. Mas a vitória do M. P. L. A. em Angola representa uma vitória para todos aqueles povos que lutam contra o imperialismo e pela sua liberdade e autodeterminação».

PUB

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS

CONVOCATÓRIA

REUNIÕES DISTRITAIS DE BANCÁRIOS

DEBATE SOBRE O CONGRESSO DEMOCRÁTICO DE TODOS OS SINDICATOS PARA A UNIDADE

A direcção do Sindicato e as respectivas Comissões Distritais de Delegados Sindicais convocam todos os trabalhadores para participarem activamente nas sessões de debate sobre o CONGRESSO DEMOCRÁTICO DE TODOS OS SINDICATOS PARA A UNIDADE, a realizar de acordo com o seguinte calendário:

DIA	HORA	CIDADE	LOCAL
4.ª feira, 6	21.00	CASTELO BRANCO	Av. 28 de Maio, 39 - 2.º, Dt.º
4.ª feira, 6	21.00	FUNCHAL	Rua das Murças, 25
5.ª feira, 7	21.00	PORTALEGRE	Praceta dos Lusíadas, s/n.º 1.º Esq.º
2.ª feira, 11	21.00	BEJA	Soc. Filarm. Capricho Bejense Rua da Moeda
2.ª feira, 11	21.00	ÉVORA	Rua do Raimundo, 95 - 1.º Dt.º
3.ª feira, 12	21.30	FARO	Rua Vasco da Gama, 54 - 2.º Dt.º
4.ª feira, 13	21.00	SANTARÉM	Largo do Seminário, 22 - 1.º
4.ª feira, 13	21.00	SETÚBAL	INATEL — Praça da República

A TUA PRESENÇA É INDISPENSÁVEL! COMPARECE!

A LUTA CONTINUA:
— PELO CONGRESSO DEMOCRÁTICO DE TODOS OS SINDICATOS PARA A UNIDADE!
— PELA CENTRAL SINDICAL ÚNICA, AUTÓNOMA, DEMOCRÁTICA E INDEPENDENTE!

TODOS À ASSEMBLEIA GERAL, NO DIA 15, NA F. I. L.

A DIRECÇÃO

Lisboa, 1 de Outubro de 1976

SINDICATO DOS OPERÁRIOS CARPINTEIROS, SERRAÇÕES DE MADEIRA E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO DISTRITO DO PORTO

Camaradas:

As negociações do nosso CCT já vão longas! Iniciámo-las em 17 de Março deste ano e ainda não se vê o seu fim.

Os patrões tinham-se comprometido a acabá-las no passado dia 20 de Setembro, mas, chegados a esta data, eles ainda não tinham apresentado a sua proposta de grelha de enquadramento de profissões e salários. Os sindicatos demonstrando a sua vontade de negociar continuaram as negociações e aceitaram um último prazo (11 de Outubro) para que essa grelha fosse apresentada.

Antes os patrões tinham proposto uma grelha só com o enquadramento das profissões mas que os Sindicatos não podiam aceitar.

CAMARADAS:

— Porque é que os patrões aceitam discutir os documentos apresentados em Julho pelos Sindicatos sobre a verticalização?

— Porque é que exigiram depois um mês para os analisar?

— Porque é que se insurgiram contra o parecer do Ministério do Trabalho que determinava o prosseguimento das negociações com a discussão desses documentos?

— Porque é que sucessivamente compareceram fora do horário previsto e requerem interrupções às negociações!

— Porque é que se comprometem a apresentar uma grelha negociável e entregam outra perfeitamente inaceitável!

— Porque é que conhecendo há meses a proposta de salários dos Sindicatos não apresentaram ainda a sua?

— Porque pretendem continuar a explorar os trabalhadores pagando-lhes salários de miséria e de fome que oscilam entre os 3750$00 e os 6750$00!

Para isso querem arrastar pelo maior prazo possível as negociações.

Por isso querem dividir os trabalhadores e pô-los contra os seus dirigentes Sindicais.

Por isso utilizam a táctica da mentira e da confusão boicotando o andamento do CCT à mesa das negociações e fazendo correr nas empresas o boato de que ele não sai por culpa dos dirigentes Sindicais.

CAMARADAS:

O que acontece com o nosso CCT acontece também com a grande maioria dos contratos em negociação (Construção Civil, Químicos, Metalúrgicos, Cerâmicos, Gráficos, Panificação, Vinhos, Texteis etc. etc! Tudo isto se insere na política de recuperação capitalista do patronato que procura explorar cada vez mais os trabalhadores tal como fazia no passado anterior ao 25 de Abril.

CAMARADAS!

Só a nossa força organizada os deterá! Comparece aos plenários que vamos realizar nos próximos dias 5 no Porto, Lordelo e Braga, 6 em Amarante, 7 em S. João da Madeira, 8 em Aveiro, 9 em Coimbra, Figueira da Foz e Leiria e 10 em Viseu e Covilhã.

UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

EM FRENTE COM O NOSSO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO VERTICAL!

A LUTA CONTINUA!

A COMISSÃO NEGOCIADORA SINDICAL em representação de:

Federação dos Sindicatos de Madeiras
Federação dos Sindicatos Metalúrgicos
Federação dos Sindicatos Hoteleiros (Norte e Sul)
Federação dos Sindicatos do Comércio
Federação dos Sindicatos de Escritório (Norte e Sul)
Federação dos Sindicatos da Construçao Civil Norte
Sindicato dos Trabalhadores de Armazém
Sindicato dos Cobradores e Profissões Similares
Sindicato dos Engenheiros Técnicos (Norte e Sul)
Sindicato dos Electricistas (Norte, Centro e Sul)
Sindicato dos Trabalhadores dos Serviços de Portaria e Limpeza
Sindicato dos Técnicos de Desenho
Sindicato dos Telefonistas (Norte e Sul)
Sindicato dos Técnicos de Venda

Porto, 3 de Outubro de 1976

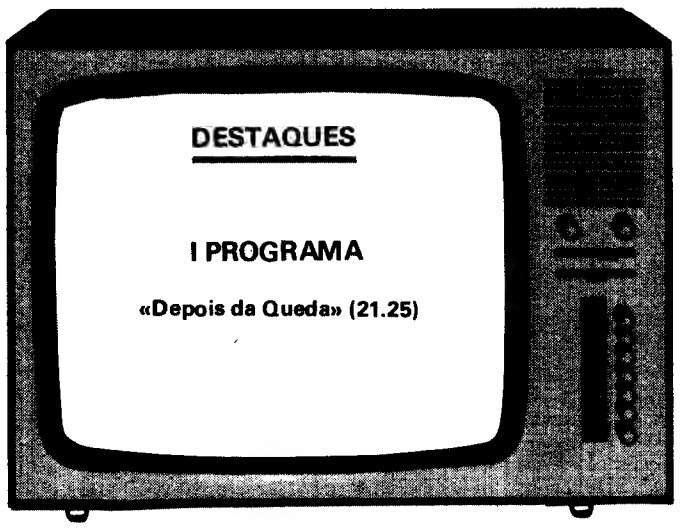
Televisão

Hoje

Arthur Miller

I PROGRAMA

18.30 Abertura e **«Abre-te Sésamo!»**
19.00 **A História à Vista**
19.25 **Tropicália**
19.55 **Teledesporto** — magazine dos principais acontecimentos desportivos do fim-de-semana.
20.30 **Telejornal** — 1.ª edição
21.05 **A Noite de Walpurgis**
21.25 **«Depois da Queda»** — de Arthur Miller, numa realização de Gilbert Cates. Produção de Studio Hamburg/Gyula Trebitsch. Intérpretes: Faye Dunaway, Christopher Plumer e Bibi Anderson.
23.40 **Telejornal** — 2.ª edição
23.45 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

18.30: Abertura e «Heidi» — desenhos animados; **19.00**: Peço a Palavra; **19.25**: Caravelli non Stop; **19.55**: Telecinema; **20.30**: Telejornal — 1.ª edição; **21.05**: Momento Político; **21.15**: 5 de Outubro; **21.15**: «O Detective Aristocrata» — série realizada por Hugh David com Ian Marnichale no papel de Lord Peter Winsey; **23.15**: Telejornal — 2.ª ediçao; **23.20**: Fecho.

PARA REPARACÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786 - 831271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

CHARLÓ: UMA RICA TARDE DE DOMINGO

. A rapsódia de Charló na tarde de domingo. Charló, a importância de sermos curtos, isto é, conscientes da nossa condição humana, isto é, da nossa dignidade.

Na tarde de domingo. Quando, pelo que representa neste país onde o cinema não chega a tantas regiões, se justificaria um horário de ouro.

Charló lá de muito de quando em quando. Quando se justificava uma presença constante. Charló, que nem precisa de palavras...

Das palavras causadoras de tantos engulhos. Como se viu ontem no folhetim-bis da **Civilização**: o apresentador falava, entre outros exemplos, das prisões na Espanha da actualidade. Nas legendas, a menção não vinha. Só toscou sa.

Deve dizer-se que este folhetim vem de antes de 25 de Abril. Verdade se diga. E já agora não vale a pena mexer nas legendas, não é?

.. Charló. Vem mais vezes, Charló. Tu que chamas ao teu reino os homens e as crianças. Tu que sabes o segredo da grande comunhão, Charló, traz-nos sempre a riqueza da tua humanidade. Da nossa humanidade.

TOURADA EM PAIO PIRES

Paio Pires não sabemos se tem biblioteca, ou creche, ou hospital, ou casa de cultura, ou teatro, coisas assim. Ms sabemos que tem uma belíssima praça de touros. Ainda por acabar, já dispõe de quatro mil lugares. Quando estiver apta para todo o serviço, terá sete mil lugares. Isso acontecerá em Julho do próximo ano.

Soubemos tudo por intermédio de uma reportagem na rubrica **Barreira de sombra**. Ao nível das rubricas, assiste-se, com a sombra desta barreira, a um regresso ao antes. A coisa vai, como dizia o outro...

A reportagem valeu muito para cima de uma hora. Durante a qual tivemos o incrível privilégio de assistir à volta dessa figura de cavaleiro gentil que é D. José João Zoio.

D. Zoio cavalgou.
Cirandou.
Toureou.
D. Zoio, com frenética alegria.
E houve palmas para D. Zoio.
E chapéus para D. Zoio.
E flores, muitas flores, para D. Zoio.

Numa reportagem que passou muito além dos 60 minutos da hora.

Será que q tourada voltou já, ou se está preparando para voltar?

PLURALISMO?

O pretexto foi a reunião do grupo parlamentar.

Assim: o CDS juntou o seu grupo parlamentar. Juntaram-se os deputados do CDS, mais isto e mais aquilo, a Televisão foi lá e ouviu o dirigente Amaro da Costa.

Nada de novo, nada de excitante. Os grupos parlamentares é natural que reúnam. Bem arranjada está a Televisão se vai reportar sempre que os grupos se reúnem. Não terá mãos (nem pés) a medir.

Foi apenas um pretexto. Pretexto para falar do CDS. Para fazer a sua propagandazinha. Pela porta do burro, perdão!, pela porta do cavalo

E não se fica por aí. Também da notícia da reunião idêntica no PPD. Também informa da reunião dos trabalhores socialistas em S. Pedro de Muel.

Como se vê, pluralismo...

A FRONTEIRA

Depois do **telejornal**, a presença de alguns elementos da Comissão oficial para as comemorações do 5 de Outubro: Fernando Piteira Santos, Sarmento Pimentel, Elina Guimarães, António Vasconcelos Lomelino, Afonso Costa Filho.

Meia hora. Meia hora não mais. A dividir por cinco, façam a conta. Com a tristeza de ouvirmos Sarmento Pimentel dizer que não podia continuar nas suas interessantes memórias «por falta de tempo».

(Setenta minutos para a tourada de Paio Pires, lembram-se?)

. Contemos que da República se fale mais vezes, e durante mais tempo, e com novos motivos de interesse. No desconhecimento que entre nós grassa das conquistas do nosso povo no período de 1910 a 1926, a Televisão portuguesa pós 25 de Abril tem as suas responsabilidades. Pelo que este primeiro encontro tem o sabor de uma promessa, promessa a cumprir para além dos primeiroybbo e não a esgotar-se neles, como o espírito de solidaros dias de Outubro e não a esgotar-se neles, como o espírito de solidariedade e fraternidade na época do Natal.

Na certeza de que, para citarmos Fernando Piteira Santos **a ideia da República neste momento é sinónimo de democracia, de antifascismo, de defesa da Constituição, esta Constituição que o povo escolheu e que é um pacto de progresso para a sociedade portuguesa, a fronteira da democracia portuguesa pela qual nos devemos bater.**

Palavras que são um apelo à nossa lucidez, à nossa unidade. Palavras que nos responsabilizam.

"Abre-te Sésamo" para o público mais pequeno

O público mais pequeno da T.V. tem desde hoje ao seu dispor uma nova série, «Abre-te Sésamo», que é das mais cotadas em todo o mundo. Será apresentada semanalmente, sempre às segundas-feiras, destinando-se a crianças em idade pré-escolar.

Bonecos, desenhos animados, recursos electrónicos e filmes com imagens reais são os meios utilizados para os fins educativos que «Abre-te Sésamo» tem em vista. Há também canções, música e «efeitos» especiais — anuncia a RTP, que garante «uma fórmula (pedagógica) idónea».

HOJE: às 20.30 e 22.00
Domingos — Matinées às 16 h.

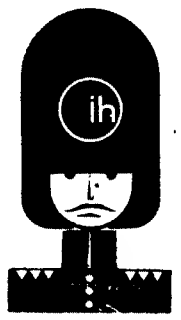
4.ª FEIRA
Descanso da Companhia
(Não acons. MEN. 18 anos)

TEATRO ABERTO
grupo 4
O CIRCULO DE GIZ CAUCASIANO
bertolt brecht
ÚLTIMAS
De 3.ª a 6.ª feira às 21.15
Sábado, também às 15.30
AMANHÃ E DEPOIS às 18.15
CONJUNTO PLEXUS

NOVA SOVENDO
AGENTE CITROËN
Na intenção de servir ainda melhor Clientes e público em geral, a Sovendo, reorganizando-se, aparece agora pronta a proporcionar o melhor acolhimento e as melhores condições na aquisição de um novo carro. Uma justa valorização pode ser base de vantajosa troca!
Av. Infante Santo, 15 A/C - Telf.: 607117
Lisboa
AGENTE CITROËN

EXTERNATO
CICLO PREPARATÓRIO
CURSO LICEAL NOCTURNO
— ABERTAS AS INSCRIÇÕES —
(das 16 às 23 horas)
Av. Duque de Loulé, 71, 2.º — Telef. 40345

FOTOCÓPIAS 2$50
E CÓPIAS HILIOGRÁFICAS
GP. — Av. António Augusto de Aguiar n.º 3 - 1.º-A
Telef. 55 74 09 — LISBOA



APRENDA LÍNGUAS
NA
ORGANIZAÇÃO INTERNATIONAL HOUSE
LISBOA — Central School of Languages — R. Marquês Sá da Bandeira, 16 — Telef. 571496
COIMBRA — Institute of Language Studies — R. Antero de Quental, 135 — Telef. 22971
BARREIRO — Central School of Languages — Av. Alfredo da Silva, 57 — Tel. 2073622
SETÚBAL — International Language School — Av. de Goa, 55 — Telef. 27934
PORTO — Instituto Técnico de Formação Intensiva — R. do Campo Alegre, 276 — Telef. 60055

Desporto

Sporting salta como leão

. A contar para a 5.ª jornada do campeonato de futebol da 1.ª divisão eis os resultados dos jogos Boavista-Belenenses 0-1; Setúbal-Benfica, 2-1; Académico-Guimarães, 2-1; Estoril-Portimonense,2-0;Braga-Leixões, 0-0; Atlético-Montijo, 1-0; Sporting-Beira-Mar, 4-0 e Varzim-F. C. do Porto, 1-0.

Classificação: 1.º Sporting, 10 pontos; 2.º, Varzim, 7; 3.º, F. C. do Porto, 6; 4.º, Sporting de Braga, 6; 5.º, Vitória de Setúbal, 6; 6.º Académico, 6; 7.º, Estoril, 6; 8.º, Boavista, 4; 9.º, Beira-Mar, 4; 10.º, Benfica, 4; 11.º, Vitória de Guimarães, 4; 12.º, Belenenses, 4; 13.º, Atlético, 4; 14.º, Portimonense, 3; 15.º, Montijo, 3; 16.º, Leixões, 3.

A 5.ª ronda do nacional de futebol da 2.ª divisão, forneceu os seguintes resultados:

. Zona Norte: Vila Real-Famalicão, 2-1; Fafe-Gil Vicente, 2-1; Riopele-União de Lamas, 1-1; Paredes-Régua, 2-0; Tirsense-Vilanovense, 2-1 e Lourosa-Chaves, 2-0.

O encontro Sporting de Espinho-Salgueiros não se realizou devido ao mau tempo. Também foi interrompido no começo da 2.ª parte, o jogo Paços de Ferreira-Penafiel. Nesse encontro o Paços de Ferreira vencia por 2-0.

O Fafe é o novo comandante desta série (com 7 pontos) seguido do Gil Vicente, Riopele, Uião de Lamas, Lourosa, Régua e Salgueiros, este com menos um jogo (todos com 6 pontos).

Zona Centro: Torriense-Portalegrense, 1-1; Calas-Marinhense, 2-0; Académico de Viseu-Alba, 2-1; Feirense-Sanjoanense, 1-0; Covilhã-União de Tomar, 2-1; União de Leiria-União de Coimbra, 1-2; Estrela-Peniche, 1-0 e Torres Novas-União de Santarém, 0-1.

O Feirense (com 10 pontos) é o 1.º da zona, seguido do União de Coimbra (8) do Peniche e do Covilhã (ambos com 7 pontos).

Zona Sul: Sesimbra-Lusitano de Évora, 1-0; Alcochetense-Barreirense, 0-0; União de Montemor-Odivelas, 1-1; Sporting Farense-Olhanense, 1-0; Oriental-Sintrense, 1-0; Cuf-Almada, 1-1; Juventude-Marítimo, 0-0 e Esperança de Lagos-Vasco da Gama. 1-1.

O 1.º classificado da série é o Vasco da Gama (com 8 pontos), seguido do Marítimo, Cuf, e Alcochetense (todos com 7 pontos.

O futebolista «internacional» Keitá, do Mali, presentemente a jogar no Sporting é o melhor marcador do campeonato de Portugal (1.ª divisão) com 6 golos marcados. Seguem-se o brasileiro Clésio (Estoril), Horácio (Varzim) Chico Gordo (Sporting de Braga) Jacinto João (Vitória de Setúbal) e Nené (Benfica) todos com 4 golos.

EM ALVALADE: 4-0 AO BEIRA MAR

Prometido e cumprido: vitória e espectáculo

Daniel Reis

. Com a maior das facilidades, em 90 minutos de futebol muito agradável, que até propiciaram alguns improvisos marginais e espectaculares, o Sporting conquistou a sua 5.ª vitória consecutiva derrotado, o Beira-Mar por 4-0, no sábado à tarde, em Alvalade.

E nem foi necessário forçar: nem o Sporting imprimiu ao seu futebol a velocidade continua que lhe parecia ser possível e que chegou a pensar-se viria a utilizar. Antes recorreu, por sistema, a acelerações bruscas, a mudanças de sentido de jogo e de corredor atacante, ao improviso individual de algumas das unidades que possuem, sem dúvida nenhuma, classe extra no meio futebolístico português. Como estes improvisos culminavam, quase sempre movimentos amplos e globais da equipa, altamente preparada para as exigências competitivas, tudo pareceu (e foi fácil para os guias do campeonato.

Nesta base, ainda nem um minuto havia transcorrido e já Manuel Fernandes se isolava e criava condições de golo. Uma rasteira que o árbitro não julgou passível de grande penalidade, contra a opinião da maioria e a nossa também, anulou o lance. Mas ficou o sinal. Por volta dos 12 minutos, emoção em torno do relvado pelo desenrolar da acção na área do Beira-Mar: três remates consecutivos, de novo com sinal de golo, encontraram pela frente pés e cabeças não chegando ao risco fatal mas provocando aplausos fartos.

Aos 20 minutos, o primeiro golo surgiu, com toda a naturalidade. Libânio levou a bola até à cabeceira donde atrasou para Inácio. O cruzamento partiu, por alto, para a frente da rede, raspando um defesa com a cabeça na bola. Keita, que estava no local exacto, como lhe é hábito, teve tempo e calma para escolher e acertar no golo.

Nessa altura já o Sporting estava balanceado no ataque, já Keita e Libânio trocavam repetidamente de posições, já Baltasar se instalara regularmente no flanco esquerdo e já Camilo ensaiava os seus fortíssimos remates de longe. Apenas Manuel Fernandes continuava acorrentado à marcação de Vitor, não ganhando espaços. Do lado do Beira-Mar, cinco defesas, quatro médios e um avançado fixo equilibravam o barco até onde podiam. Esse equilíbrio tornou-se mais periclitante quando, ainda antes do primeiro golo, Abel saiu lesionado para ser substituído por Garcès, um ex-sportinguista.

Foi, aliás, Garcès que provocou um certo perigo na baliza do Sporting ao aplicar um traiçoeiro toque de cabeça à bola vinda em cruzamento do lado direito e dos pés de Manecas. Conhé foi obrigado a um golpe de rins esforçado que lhe permitiu desviar a bola sobre a trave no momento exacto.

Quando morria a primeira parte Camilo acertou no golo em mais um dos seus centros-remates. A bola saiu-lhe dos pés de um ângulo muito fechado mas Domingos foi traído por ressalto inesperado na relva e deixou passar o esférico entre o corpo e o poste. Era o segundo golo e o repouso para a ansiedade «leonina», dois minutos antes do tempo intervalar de descanso.

Com o início da segunda parte todas estas indicações da primeira parte se concretizaram. O Sporting tornou mais frequentes as suas acelerações, as tabelinhas tentadas repetidamente.no primeiro tempo começaram a resultar, talvez por saturação da defesa e meio campo do Beira-Mar. Os efeitos de galeria que se pretendiam tirar desses toques (repetição de fintas, toques de calcanhar, tabelas esquisitas, remates amiudados e de ângulos inverosímeis) resultavam em pleno. Para além dos golos — Que surgiriam a seu tempo — o espectáculo tornou-se mais agradável e variado, os aplausos choviam com toda a regularidade.

Antes do terceiro golo (o melhor de todos, aos 15 minutos, por Manuel Fernandes) já a bola fora duas vezes à madeira, primeiro em remate de longe por Manuel Fernandes e depois por Keita. O mesmo Keita voltaria a tocar a madeira noutro dos seus múltiplos remates ao golo. O jogo tornara-se durante estes derradeiros minutos num espectáculo agradabilíssimo.

A assinalar, nesta fase, o quarto golo (Keita), um cartão amarelo (Baltasar, por pontapear a bola, ostensivamente, para fora) e as substituições de Libânio e Baltasar por Marinho e Valter. O Beira-Mar havia trocado, ao intervalo, Marques por Jorge. Um resumo: vitória certíssima do Sporting, demonstração de força por parte do guia e amostra de um repertório técnico-espectacular que não era muito usado para os lados de Alvalade. O Beira-Mar valorizou o espectáculo sem poder ir além disso. A saída de Abel com uns 15 minutos apenas jogados retirou-lhe possibilidades atacantes, se é que o «team» de Manuel Oliveira pensava atacar em casa do guia do campeonato.

Por parte do árbitro, Manuel Veiga, nada de positivo a destacar. Pelo contrário: os reparos justos seriam muitos e variados. Mas fica para outra oportunidade e para segundo teste.

Equipas: SPORTING — Conhé; Inácio, Laranjeira, José Mendes e Da Costa; Camilo, Fraguito e Baltasar; Libânio, Manuel Fernandes e Keita.

BEIRA-MAR — Domingos; Quaresma, Manuel José, Soares e Guedes; Vítor, Sousa e Rodrigo; Manecas, Abel e Sobral.

Substituições: no Sporting, Baltasar por Vítor Gomes e Libânio por Marinho; no Beira-Mar, Abel por Garcês e Quaresma por Jorge.

Golos: Keita (2), Camilo e Manuel Fernandes.

Keita: mais um golo para o «leader» da «Bola de Prata»

AOS CATILINAS DA ALEGRIA

Neves de Sousa

De hoje a 17 do corrente tem lugar o estágio dos jogadores convocados para a selecção que vai replicar à Polónia, nas Antas. Lista de elementos a concentrar: Botelho (Boavista); Bento, Artur, Pietra, Toni, Vítor Martins, Nené e Moinhos (Benfica); Tibi, Freitas, Teixeira I, Octávio, Celso, Seninho e Oliveira (F. C. Porto); Rebelo (Vit. de Setúbal); José Mendes e Manuel Fernandes (Sporting); Rui Rodrigues (Académico) e Alves (Salamanca). Esta rapaziada vai repousar e treinar no Norte: no Hotel Mirassol (em Miramar) com idas diárias às Antas para desentorpecimento e pontapés na bola.

É evidente que, mesmo a um leigo, surgiria como medida difícil de explicar o recrutamento em massa de jogadores benfiquistas quando (toda a gente o sabe...) tão deficiente forma estão a patentear no campeonato. E não só. Por acaso, os dois elementos-base dos «encarnados», neste tão infeliz como quase dramático início de temporada, não merecem a honra da convocação, sugerindo que os ilustres membros do Comité Técnico da Federação não devem ler os jornais ou, por falta de tempo, terem ultimamente assistido às exibições de Chalana e Barros. Por acaso, o **pequeno genial** nem sequer, neste momento, admite qualquer confronto com a concorrência e será, em todo o «team» benfiquista, o único jogador que ninguém pode retirar do «onze» mais representativo...

Aliás, esta lista de convocados tem que se lhe diga: se não chegasse a ser anedótica. Fraguito e Laranjeira são desconhecidos, Carlos Pereira e o seu colega Eurico moram pró Estoril que fica longe da Praça da Alegria, o Damas não interessa nem ao menino Jesus (há por cá melhores, aos punhados...), Conhé é um «nabo», (e anda cheio de sorte em não «comer» golos), o Varzim não vale um caracol (está em 2.º por bambúrrio), Quinito é **igual ao litro**, o Marinho do Braga é um **chouriço**, o Jacinto João está **velho** e o Caíca é novo demais, o Belenenses não passa de um zero e o Guimarães está pela hora da morte.

Não há dúvida: agora está encontrado o motivo que leva a Federação a interditar a sua selecçao dos olhos da Imprensa. Realmente, haveria o perigo de uma confidência: e lá ficaria o «inimigo» com a chave deste tesouro que parece feito de notas de cartolina, como quando no liceu brincávamos às covinhas no jardim.

Até quando ó Catilinas da Alegria, continuarão a abusar da paciência dos pagantes?

Portugal pedalou bem na "ronda da hispanidad"

. Marco Chagas perdeu a 2.ª posição na «Ronda da Hispanidad», na etapa (montanhosa) de sábado (entre Coslada e Tarancon), recuperou o lugar ontem (a caminho de Cuenca e nos últimos 10 quilómetros) em detrimento do italiano Cosatti, subindo célere a parte velha daquela cidade e ameaçando a «chefia» de Colotti, enqanto Alexandre Ruas consolidava a sua 6.ª posição, a equipa reforçava o 2.º posto colectivo e (duas vitórias classificativas) Alfredo Gouveia e Alexandre Ruas impunham-se no «Prémio da Montanha» e na classificação por pontos. Por fim, António Fernandes averbou um honroso 4.º lugar no «combinado».

Por todas estas razões (classificações) e, sobretudo, pelo comportamento inicial, ataques finais e domínio e astúcia impostos na última etapa (Tarancon-Cuenca), se poderá dizer que a actuação dos ciclistas lusos, a quem faltará rolar melhor nas etapas planas, foi altamente meritória e só suplantada pelos (quase) profissionais transalpinos. No entanto, para que o 2.º na «colectiva» não nos escapasse tornou-se necessário que Floriano Mendes participasse na fuga decisiva (110 quilómetros) da etapa final, com Caldara e Vidal, ao mesmo tempo que os seus companheiros controlavam a corrida. E foi essa colocação que permitiu a recuperação do «montanhoso» Marco Chagas.

Classificação geral-final (individual) da «III Ronda Ciclista da Hispanidade»: 1.º Colotti (Itália), 20h, 32m e 03s; 2.º MARCO CHAGAS, 20 h, 34m e 24s; 3.º Cosatti (Itália), 20,34,54; 6.º Alexandre Ruas a 3m e 26s de Colotti; 7.º Vicente Arquimbau (Castellón), 20,35,57,; 14.º Floriano Mendes, 20 h; 38m e 38 s; 16.º António Fernandes, 20, 40, 05; 18.º Alfredo Gouveia, 20h, 41m e 43s; 31.º João da Costa, 20, 55, 44; e 39.º José Léon, com 21 horas, 26 minutos e 55 segundos.

Classificação final na montanha: 1.º Alfredo Gouveia, com 21 pontos; 2.º António Fernandes, 17; 3.º Gutierrez (Castilla), 9 pontos. Classificação geral (final) por pontos: 1.º Alexandre Ruas, com 36 pontos; 2.º Colotti, 29; 3.º Alsonser, 27; 4.º Marco Chagas 21 pontos Prémio do «Cobinado»: Casatti, 15 pontos; 2.º Colotti, 24 4.º António Fernandes, 35.

TOTOBOLA

boletim com 13

Boavista - Belenenses	2
Setúbal - Benfica	1
Académico - Guimarães	1
Estoril - Portimonense	1
Braga - Leixões	X
Atlético-Montijo	1
Varzim - Porto	1
Vila Real - Famalicão	1
Riopele - União Lamas	X
Feirense - Sanjoanense	1
T. Novas - U. Santarém	2
Farense - Olhanense	1
Juventude - Maritimo	X

Desporto

Vítor Martins, Barros e Bastos: três homens para travarem Jacinto João (que não serve para a selecção)

BENFICA "ENFARDA" NOVA DERROTA

"Requiem" por Mortimore

João Ferreira

Após a 5.ª jornada do campeonato nacional de futebol da 1.ª divisão, o Benfica perdeu, nada mais nada menos, do que 6 pontos e encontra-se colocado no fundo da tabela, apenas com mais um ponto que os últimos. Não há dúvida: este Benfica de Mortimore, que ontem vimos pela 2.ª vez este ano (a primeira foi em Alvalade), é um sombra do Benfica dos últimos 20 anos (desde Otto Glória a Mário Wilson): equipa tímida, frágil, sem forças físicas nem morais, com jogadores, ora a disfarçar a «falta de pernas» (fazendo faltas sucessivas sobre os adversários) ora caindo para o chão, ao mais leve toque (ficando estendidos à espera que o massagista lhes traga do «banco» a «pedra filosofal» que resolva os problemas). Só que no «banco» está precisamente Mortimore...

Foi este Benfica que ontem vimos no Bonfim, perante um Vitória de Setúbal «à Fernando Vaz»: equipa cheia de força e de saúde, com personalidade, com a lição bem estudada por todos (desde os veteranos Wagner e Jacinto João aos mais novos Diamantino e Formosinho).

Na 1.ª parte, o Vitória fez dois golos: e até podia ter ido mais além. Por sua vez, o Benfica deu uns certos «ares», após ter feito o seu golo: mas a vitória da equipa sadina nunca esteve em causa. Mesmo no tal período de aparente domínio do Benfica, foram os donos da casa que estiveram mais perto do golo.

O Vitória de Setúbal ganhou bem esta partida contra o Benfica. Colocando 4 homens a meio campo, a turma de Fernando Vaz apossou-se desde o primeiro minuto dessa zona do terreno, neutralizando qualquer tentativa de Toni, Chalana ou Vítor Martins e criando jogadas de ataque que punham constantemente em pânico a débil defensiva «encarnada». Metendo à frente Jacinto João e Mirobaldo, obrigaram os laterais benfiquistas Pietra e Romeu a adiantar-se no terreno, tentanto compensar a inferioridade numérica e a inoperância dos seus homens de meio campo. Só que tanto um como ouperdiam quase sempre a bola para os pés de Wagner, Tomé, Jaime Graça ou Rebelo, que logo lançavam os seus homens da frente, dois óptimos executantes, que punham em água a cabeça de Barros e de Bastos Lopes. Porque Pietra e Romeu não tinham capacidade de recuperação e deixavam desguarnecido o seu sector mais recuado. Então, os homens do Bentica, incapazes de se bater com os adversários, travavam os jogadores de Setúbal usando de todos os processos à margem da lei, sucedendo-se os «livres» contra a equipa encarnada, numa sequência assustadora. Assim, os dois golos do Vitória nasceram de outros tantos «livres». O 1.º, marcado directamente para a baliza de Bento, por esse especialista chamado Jacinto João, que bateu a bola em arco por cima da barreira, fazendo-a entrar nas redes de Bento (a ver a trajectória do esférico). O 2.º na sequência dum «livre» indirecto marcado dentro da grande área do Benfica por Tomé, que tocou lateralmente para Cardoso, rematando o «capitão» sadino com força e boa colocação. Dos 2-0 até ao intervalo, assistiu-se ao melhor período de jogo do Vitória, que chegou a ensaiar uns passes de baile, ante uma turma (vestida de encarnado) completamente a *ver navios* e que não ficou K.O. porque o apito do árbitro deu por findos os primeiros 45 minutos.

No 2.º tempo, o Vitória de Setúbal poderia ter feito o 3-0 durante o primeiro quarto de hora e, pelo menos, em outras duas vezes. Logo aos dois minutos por Tomé (que deixou Bento arrebatar-lhe a bola dos pés) e aos 12, por Mirobaldo, que atirou ao lado, de cabeça, em boa posição para meter o golo (isto para falar apenas das ocasiões mais flagrantes).

O Benfica (no entanto) subiu um pouco de rendimento e pôde equilibrar a partida, devido a vários factores: o natural abrandamento dos setubalenses, a substituição de Moínhos por José Luís, a colocação deste e de Chalana junto às laterais (aumentando o espaço de manobra e a frente de ataque da sua equipa) e a teimosia de Toni e Romeu (a

Continua na pág. 21

BOAVISTA,0-BELENENSES,1

Triunfo de roleta

Sérgio de Matos

Ficou parcialmente defraudado o público que se deslocou ao Bessa na mira de observar um desafio de futebol. Parcialmente, pois que na 1.ª parte do encontro, embora já sob uma chuva impertinente, o terreno de jogo era ainda um relvado de futebol.

Apareceram as equipas dispostas em diferentes figurinos tácticos. A do Boavista praticando um futebol mais ofensivo, acutilante e objectivo. Nogueira e Vítor Pereira jogando pelos flancos, desciam, auxiliando Mané, Albertino e Francisco Mário, que criavam constantes dificuldades à defesa adversária. O golo esteve iminente (aos 14 m) quando Nogueira, rematando fortíssimo à entrada da área, não permitiu que Melo captasse a bola e Albertino, na recarga, chutou contra o poste esquerdo. Perante tal ímpeto do Boavista, a equipa lisboeta optou por jogar cautelosamente, num sistema de 4x4x2. Escalonando devidamente todos os seus elementos, mormente nos sectores médio e defensivo, fazendo uso da táctica do fora de jogo, o Belenenses preferiu jogar em contra-ataques, dando a devida réplica ao seu opositor. Enquadrado neste esquema e quando ainda se fazia sentir a toada atacante do Boavista surgiu o golo do Belenenses no qual (refira-se) nenhum dos jogadores lisboetas teve grande mérito. Foi presicamente aos 37 m, quando Artur Jorge progrediu com a bola pelo flanco direito, cruzou e Alberto, tentando afastar o perigo da sua baliza despachou o esférico, violentamente, na direcção do centro do terreno. Porém, e perante o pasmo dos circunstantes, a bola embatendo no corpo de Vasques tomou caprichosamente a direcção da baliza, deixando Botelho estático, petrificado.

O Boavista insistiu em modificar o resultado, sendo de citar um remate fortíssimo de Francisco Mário que passou tangente ao canto superior direito de Melo. Todavia, não tão feliz como o seu adversário.

Podíamos dizer que o jogo terminou aqui, já que ficou defraudado quem pensou que ia assistir à 2.ª parte deste jogo. Na realidade, por influência da chuva que caiu copiosamente (em volume anormal) o terreno do jogo ficou de tal modo alagado que se tornou «impróprio para consumo». Chamar-lhe uma piscina, seria exagero: o Bessa ficou um charco, um pântano, nunca um relvado onde se disputa uma partida de futebol. Tal não foi, porém, a opinião de Porém Luís, que insistiu teimosamente em prosseguir o encontro até final.

Dadas as circunstâncias, o jogo ficou transformado numa roleta. De parte a parte os jogadores deixaram de praticar futebol para dar pontapés atabalhoados no couro. No entanto, foi o Boavista que continuou a mostrar mais esclarecimento, podendo por diversas vezes marcar, não fosse a atenção e boa colocação de Melo que foi o suporte do triunfo final.

A culminar com o ambiente de desagrado que se gerou em redor do encontro, o árbitro foi obrigado a mostrar o cartão amarelo a Valentim Loureiro, quando este tomou a liberdade de pisar a linha lateral, evitando a saída de uma bola chutada por um jogador da sua esquipa.

Estiveram em evidência, no Boavista (para além dos jogadores já citados), Alberto, Mário João, Artur e Barbosa, enquanto que por parte do Belenenses pertenceu a Melo, Sambinha, Quaresma, Isidro, Pincho e Artur Jorge, as melhores actuações.

A arbitragem esteve bem na 1.ª parte, sendo talvez um pouco infeliz no prosseguimento do jogo até final.

Encontro no Estádio do Bessa. **Árbitro:** Porém Luís, de Leiria. **Boavista:** Botelho; Alberto, Mário João, Artur e Amaral; Vítor Pereira (Celso), Barbosa e Nogueira; Francisco Mário (Branco), Albertino e Mané. **Belenenses:** Melo; Sambinha, Quaresma, Luís Horta e Cardoso; Esmoriz, Isidro, Godinho e Pincho; Vasques (Alfredo) e Artur Jorge (José Rocha). Ao intervalo: 0-1. Marcador: Vasques (aos 73 m). Cartão amarelo ao director boavisteiro (Valentim Loureiro).

Qualquer semelhança com futebol foi pura coincidência

Na lotaria poveira prémio para a casa

António de Matos

A sensação foi de veraneio até à Póvoa de Varzim, por sinal em tarde borrascosa. Aliás, é justamente pelas condições climatéricas que terá de principiar o comentário ao jogo Varzim-F.C. Porto, porque no preciso momento em que ia iniciar-se a função uma torrente de chuva abateu-se sobre o cenário e os seus protagonistas. E o tapete da Póvoa, macio e bonito que nem verde alcatifa, transformou-se, num ápice, numa enorme esponja completamente embebida em água, absolutamente contra-indicada para ali se disputar uma partida de futebol que deveria ser decidida em conformidade com o valor das forças em confronto. Claro: futebol é jogo de Inverno. Não é (todavia) um desporto propriamente aquático. E, sempre que a conjuntura impõe que a bola seja pontapeada, disputada, manobrada num charco, sabe-se que disso resultam os chamados «resultados de lotaria». Pronto: foi isso o que aconteceu, ontem, no Estádio do Varzim, numa tarde pluviosa e cinzentíssima.

Durante o tempo (pouco) em que o relvado, as chuteiras e a bola resistiram aos efeitos da água, viu-se que o F.C. do Porto tinha uma envergadura suficiente para, com maior ou menor facilidade, arrumar em seu favor a solução da peleja. Impulsionada com acutilante intecionalidade, a bola cruzava escalafriamente o espaço confinante com a baliza de Fonseca, estabelecendo-se com mitidez as condições que levam ao vislumbre de que, mais minuto menos minuto, o golo será inevitável. Depois, relva, botas e bola foram-se adulterando com o exesso de água. A bola começou, ora a deslizar como um bólide, ora a recusarse a sair do sítio; os jogadores desataram a estatelar-se espalhafatosamente, disparadamente; as chuteiras pareciam calçadas por futebolistas de café, em jogo de solteiros ante casados.

Assim, apareceu o primeiro lance de lotaria. Simões meteu o couro nos pés de Ibraim e este preparava-se para dar um desgosto aos «portistas» quando Tibi, atento e corajoso, saiu a dar o corpo ao avançado poveiro, que (refira-se a propósito) fez ontem a sua estreia pelo Varzim. Estreia inobvidavelmente assinalada com o solitário golo do triunfo «varzinista», como adiante se referirá. No minuto seguinte, foi a vez de se assustarem os adeptos locais: Oliveira (no flanco esquerdo) **deu um nó** em Cacheira, flectiu para dentro com a bola colada à bota direita e, de seguida, **fuzilou** a baliza da Póvoa, obrigando Fonseca a enrolar-se com o couro cingido ao corpo.

Quando a disposição táctica das duas equipas passou a ser mais evidente, notou-se que Cubillas, bastante recuado, era mais médio do que atacante, sem se saber ao certo se era Eliseu que o marcava ou se acontecia o inverso, tão inseparável o «par» se mostrava Veio o minuto 23 e Oliveira, de novo aproveitando um ressalto dos pés de Washington, atirou sesgado para Fonseca espalmar para «canto». No ataque do F.C. do Porto, Seninho (na direita) **esquecera-se de** vestir fato de mergulhador antes de entrar em campo, pelo que passava a vida a atolar-se no charco. Duda, não atinava em jogar à bola. Menos favorecido tecnicamente, o Varzim ganhava com condições criadas pela queda de chuva porque, se é certo que nenhuma das equipas podia jogar futebol, perdia, evidentemente, aquela que tinha mais trunfos técnicos para jogar.

Ao Varzim já bastava lutar; e foi, sobretudo isso que fez a turma poveira, lutando até à exaustão, sobretudo durante todos os 47 minutos em que foi preciso guardar o precioso golo que o estreante Ibraim marcou (aos 44 minutos) aproveitando uma deixa da defesa «portista» que tentou colocar o ataque da casa fora de jogo) para infiltrar-se pelo lado direito e atirar à rede no momento em que Tibi saía ao seu encontro.

Durante todo o 2.º tempo, salvo episódicas sacudidelas «poveiras», foi o F.C. do Porto que mais atacou, nem sempre bem, mas conforme as circunstâncias o permitiam. Sucederam-se, incontáveis, os «cantos» contra o Varzim. O F.C. do Porto batia-se, com denodo, por um sorriso da sorte (mais do que nunca indispensável), mas a fortuna voltou-se de costas para os «azuis e brancos». Para cúmulo, (aos 85 m) Cubillas acertou na barra um remate que daria merecida igualdade ao F.C. do Porto.

Do árbitro José Luís Tavares, temos a dizer (apenas) que manifestou um exagerado receio pelo «sururu», repetindo demorados conselhos e advertências aos protagonistas. Jogo no estádio do Varzim. As equipas:

. Varzim: Fonseca; Cacheira, Washington, Albino e Leopoldo: Eliseu, Montoia (Manafá) e João (Porfírio); Jarbas, Marco Aurélio e Ibraim.

F.C. do Porto: Tibi; Rodolfo (Aylton), Teixeira, Freitas e Simões; Octávio, Celso e Cubillas; Seninho (Gomes), Duda e Oliveira.

Ao intervalo: 1-0. Marcador: Ibraim. Cartões amarelos: Eliseu (25 m), Manafá (80 m), Leopoldo (91 m) e Teixeira (91 m).

Desporto

Wilson marca o «penaltie» decisivo

Atlético, 1-Montijo, 0

Júlio Rodrigues

Os alcantarenses alcançaram ontem o seu primeiro triunfo e, finalmente, marcaram, para consolo dos seus prosélitos, o seu primeiro golo, esta temporada, na Tapadinha. O golo e a vitória dos pupilos de Caraballo redundaram assim num «cometimento» (entre aspas, claro) que afastou para longe a hipótese dos visitantes averbarem o seu inicial êxito fora, face a um adversário do «seu campeonato». Caraballo, que na pretérita época orientou o Montijo e agora dirige o Atlético, justifica o título pelo trabalho desenvolvido antes (naquela vila) e pelo encargo que sobre ele (agora) pesa (em Alcântara e Santo Amaro).

O encontro correspondeu, no essencial, ao que se aguardava e previa: luta **encarniçada** no meio do terreno, a força (que começou a faltar no trecho final do encontro) a sobrepôr-se à técnica, o arreganho a «pulverizar» o discernimento. Terá residido, nesse pormenor de fundo, o ponto fulcral do «match» que cerca de 10 mil pessoas, arrostando com a ameaça de vendaval, presenciaram. A penalidade máxima que Leitão Soares, árbitro que veio de Leiria para completar um «quadro» no conjunto apagado, decidiu a questão (a atribuição dos pontos em hasta pública) em benefício dos alcantarenses e os espectadores mais tolerantes estarão de acordo com o desfecho do desafio.

Mário Wilson apontou o golo que outorgou a (primeira) vitória aos donos da casa, concretizando assim a maior aspiração dos locais e, porventura, o acicate imprescindível para que os alcantarenses passem a funcionar como conjunto que, no seu terreno, terá de mostrar mais codícia (pormenor que ontem quase não se descortinou) e discernimento. Para tanto, rever as «peças» que não engrenam no sector intermediário, estabelecer uma mais proveitosa ligação entre o meio do campo e o ataque, e imprimir mais acutilância ao trio da vanguarda, serão tarefas que Caraballo (agora) deverá impor, beneficiando para o efeito da interrupção que o Nacional a partir de hoje (e por duas semanas) cria.

Sobre o encontro propriamente dito, e para além das «pinceladas» acima postas em relevo (o arreganho e o desbaratamento de energias a prevalecerem sobre a «consciencialização organizativa» e o imperativo evoluir no terreno com disciplina táctica e realismo ofensivo), teremos a dizer que a vitória pendeu para a equipa mais aplicada. O contrário (triunfo dos montijenses) não escandalizaria, a despeito das poucas oportunidades de perigo criadas pelos pupilos de José Moniz.

Um outro aspecto prendeu as atenções de quantos se deslocaram à Tapadinha: o esquema táctico (maquinação de Caraballo?) usado pelos locais, que reforçaram o quarteto defensivo, na primeira meia hora, com a «incrustação» ora de Armando, ora de Pereira na retaguarda. Os visitantes exploraram o «desviacionismo» com o adiantamento de Gilberto e de Louceiro, de acordo com as circunstâncias decorrentes da marcha do embate, e por pouco, ainda na 1.ª parte, Bolota e Coentro Faria, apesar do piso escorregadio, não fizeram funcionar o marcador. Azevedo, um jovem que aos poucos se vem revelando como guardião de razoáveis recursos, opor-se-ia às veleidades atacantes da equipa do Montijo.

O período complementar levaria os donos da casa a alterar o seu esquema táctico e, na sequência de uma maior determinação ofensiva, veio o castigo máximo e o golo, já depois do «operacional» Wilson e Norton de Matos terem desferido remates que Abrantes deteve com dificuldade, enquanto Candeias (que já foi alcantarense), activo e oportuno nos cortes aéreos, completando a meritória prestação de Carlos Pereira e Celestino, ia travando as tentativas de perfuração esboçadas pela faixa central do terreno. Nesse período, já Gilberto e Louceiro tinham sido rendidos (parece-nos que por insuficiência física) por Gijo e Júlio.

As equipas:

. ATLÉTICO: Azevedo; Coelho, Tozé, Cardoso e Franque; Pereira, Armando e Baltasar (Nelo); Avelar, Wilson e Norton de Matos.

MONTIJO: Abrantes; Rodrigues Dias, Candeias, Carlos Pereira e Celestino; Louceiro (Júlio), Evaristo e Gilberto (Gijo); Fonseca (ex-Benfica), Bolota e Coentro Faria.

Caraballo: antes e agora

PORTUGAL

CONGRESSO

Trinta e nove países, sob a presidência de Paul Hogberg (Suécia) e com a presença do secretário de Estado dos Desportos (dr. Joaquim de Sousa) discutem, num hotel do Estoril, as grandes questões de andebol internacional, em Congresso (o XVI) Ordinário da Federação Inernacional da modalidade. Os 39 delegados presentes, entre os quais os representantes da URSS, Japão, Hungria, Roménia, Checoslováquia, Senegal, EUA, Espanha, Dinamarca, Suécia e República Federal Alemã fazem parte das 66 nações filiadas naquele organismo.

Análises de propostas de natureza administrativa e marcação do próximo Congresso Ordinário (que se efectuará na Islândia) dominaram os trabalhos de ontem, na sua primeira parte, lado-a-lado com a parovação dos locais onde se realizarão os próximos «Mundiais» (feminino e masculino) dos diversos grupos. Nessa fase de trabalhos, ficou ainda decidido que a «Taça Latina» de 1978 se efectuará no Brasil ou em Marrocos.

A Henrique Feist seria atribuída a medalha de outro do Congresso e, ainda durante os trabalhos, por proposta de Portugal, (através da palavra de José Gomes Machado) foi aprovada a nomeação de uma comissão técnica com o objectivo de melhorar o nível técnico-táctico do andebol. Dela fazem parte Barcelos (Espanha), La Court (França), o prof. Machado da Costa (Portugal) e Nedelf (Roménia). É a primeira vez que um elemento português participa numa comissão internacional: e logo desta envergadura e responsabilização.

Os trabalhos prosseguiram esta manhã com uma ordem de trabalhos que num dos seus pontos incluía a votação de novos membros da Federação. Angola, S. Tomé e Moçambique são três dos 29 candidatos à inscrição e aceitação no seio da organização. À tarde, os congressistas visitarão, antes da sessão de encerramento (à noite) o Cabo da Roca e, amanhã, deslocar-se-ão a Salvaterra de Magos.

QUADRANGULAR

Começa hoje, às 21 horas, no Pavilhão da Luz, o II Torneio Quadrangular de hóquei em patins promovido pelo Benfica. Os encontros de hoje opõem a Salesiana ao Paço de Arcos (às 21 horas) e o Oeiras ao Benfica, um hora depois. Vencidos e vencedores discutirão a classificação final na próxima quarta-feira, às 21 (vencidos de hoje) e 22 horas (vencedores).

Hoje, além daqueles dois jogos, haverá, ainda, um festival de patinagem artística a cargo das atletas da equipa organizadora do torneio (Benfica) e a apresentação das novas aquisições, para a época em curso, daquela equipa. Entre os novos recrutas que se apresentarão estão incluídos Casimiro, Garrancho, Basílio e Matias.

HOMENAGEM

Santos, leganda do futebol casapiano, é amanhã homenageado. No Estádio Pina Manique, pelas 14 horas, processa-se um jogo entre o Sporting e o Atlético a que se seguirá o embate Casa Pia-Benfica, ponto alto de uma festa que será (obrigatoriamente) de reunião dos casapianos em torno de um praticante que, galhardamente, defendeu as cores da colectividade durante 18 anos.

PALMEIRAS

O Siete-a-Nueve venceu por 5-3 o Palmeiras, em Madrid, na primeira eliminatória (disputada numa só «mão» e no seu pavilhão, por assim o ter determinado o sorteio da prova) da «Taça dos Campeões Europeus» de pingue-pongue. O encontro terminou já de madrugada, revestindo uma jornada de ténis de mesa que não será facilmente esquecida pelos espanhóis. Com efeito, o desafio conheceu momentos dramáticos quando, com o resultado em 4-3 a favor da equipa Site-a-Nueve, Martins esbanjou uma soberana oportunidade de, uma vez mais, igular a contenda, deixando surpreender-se por Casilla. A infelicidade do pingue-ponguista português foi «aceite» por todos (atletas e espectadores) com alívio (respiração demorada), possibilitando aos espanhóis prosseguir na mais importante prova europeia (de clubes) da modalidade, e defrontar o campeão da Inglaterra na eliminatória que se segue. Os resultados foram:

. 1-0 — Sana venceu Martins por 2-0. 2-0 — Seliu venceu Barroso por 2-1. 2-1 — Alvoeiro venceu Catillo por 2-0. 3-1 — Seliu venceu Martins por 2-1. 4-1 — Sana venceu Alvoeiro por 2-1. 4-2 — Barroso venceu Catilla por 2-0. 4-3 — Alvoeiro venceu Seliu por 2-1. 5-3 — Catilla venceu Martins por 2-0.

Benfica na mesma

Continuação da pág. 20

servirem melhor os homens da frente). Quando (aos 17 minutos) o Benfica fez 2-1, pairou, por momentos, no Bonfim, o espectro do volt-face. Simplesmente esta equipa do Benfica não tem capacidade para operar uma recuperação, e o Vitória de Setúbal nem precisou de entregar-se a uma defesa porfiada para «aguentar» o resultado. Jogou sempre à vontade e viria a ser (já o dissemos) a equipa que esteve mais perto do golo.

Vaz esteve sempre muito bem, com o senão de ter «colaborado» no golo do Benfica (saída extemporânea e inoportuna da baliza). No sector defensivo (muito seguro e coeso) destacamos Caíca que teve tempo para cumprir o seu lugar (n.º 55) e ainda cumpriu outro lugar no ataque (pena que se agarre tanto à bola). Na intermediária, Rebelo terá sido o mais certo do princípio ao fim e, na frente, tanto Mirobaldo como Jacinto João (e mesmo Diamantino) fizeram o que quiseram dos defensores benfiquistas.

A equipa encarnada está muito mal. Se não lhe acodem não sabemos o que será. Precisa de grandes transformações a começar (quiçá) pelo técnico...

Sob a direcção do juiz escalabitano Mário Luís (que fez um bom trabalho) as equipas alinharam:

. V. Setúbal: Vaz; Lino, Cardoso, Sabu e Caica; Rebelo, Jaime Graça, Tomé (Diamantino) e Wagner (Formosinho); Mirobaldo e Jacinto João.

Benfica: Bento; Pietra, Barros, Bastos Lopes e Romeu; Vítor Martins (Séu) Toni e Chalana; Nené, José Domingos e Moinhos (José Luís).

Cartões amarelos: para Pietra, por atitude incorrecta para o árbitro da partida e para Bento, por discutir uma decisão de Mário Luís, em termos exagerados.

EM CAIXA

ACUDAM!

Ouvido (por milhares) aos micros da R. D. P. (ex-E.N.): **Na Póvoa do Mar...** (seria, antes, Póvoa do Varzim ou houve semi-saneamento no nome da cidade?)

Ainda pela mesma equipa de **palradores:**

— **Em Évora, o «placard» veste de branco...**

Era o fim. Desligámos. Será que Manuel Alegre continuou a ouvir?

PADRINHO

No reino do **exactamente** isso mesmo: na RDP, surge, em cada dia, nova maravilha. Ontem, foi uma das maiores: baptizada a Póvoa de Varzim como «Póvoa do Mar», o sr. José Barroso, locutor-relator-comentador de turno afiançou, r vezes sem conta, que Ibraim, dianteiro do clube poveiro, se chamava **Ibraime. E Ibraime** ficou, até ao pôr do sol: não por vontade dos pais do rapaz, mas por declaração mil vezes repetida pelo sr. Barroso, uma herança da ex-EN. A certa altura, declarou o Barroso-radialista: **há muita água sobre a relva**. Logo, da banda da lateral se escutou (bem): **e não só, pois você também tem metido muita.** Apesar do naufrágio, Barroso não foi na onda: e o **Ibraime** lá continuou no palavreado do bom discípulo do Quelhas-Pina.

MODÉSTIA

«Presunção e água benta, cada qual toma a que quer:» diz o Povo, em sua santa sabedoria. Daí que as torres tivessem ficado exaustas de rir quando leram (em «A Bola») que o pontapeador sr. Vítor Baptista, recém-aumentado em proventos mensais pelo patrão Benfica, declarara, com toda a convicção: **Sou o melhor futebolista português!** Assim. Sem mais nem menos. Uma «boutade»? Não, porque o sr. Baptista não tem senso de homor e apenas sabe o essencial de português, embora em certa matéria dê os **melhores** chutos deste país

Mortimore: simpatia não governa

REPOUSO

O presidente sportinguista João Rocha em repouso por ordem médica: durante oito dias, se for capaz de cumprir a determinação do seu assistente.

AMADORISMO

O amadorissimo hóquei em patins (tal como é catalogado na programação da RTP ou da RDP, para o caso é igual continua a bem merecer chamada olímpica, dada a expansão no Mundo e o desinteresse pelo dinheiro em todos os seus praticantes. Fernando Gomes da Costa foi fazer o gosto ao «stik» no Forte dei Martini e José Virgílio tornou ao Podernone, certamente sem cobrarem uma só lira, certos e sabidos que, auferindo dinheiro das práticas desportivas, não podiam ser praticantes de uma modalidade amadora. Cá por causa, é claro.

EXEMPLO

Esse, sim: amadorismo a sério é o dos tenistas de mesa do simpático Palmeiras Lisboa Clube (Rua Eduardo Coelho, em Lisboa). Jean Pierre (25 anos, ex-Académica da Amadora, é engenheiro electrotécnico), José Barroso (19 anos, antigo júnior do Belenenses, é estudante com boas provas dadas), Ivanoel Moreira (ex-praticante no Sporting) é oficial da Marinha Mercante, José Martins (27 anos, que defendeu as cores do Belenenses, é empregado de escritório) e José Alvoeiro (26 anos, várias vezes campeão nacional e ex-defensor do emblema do Benfica) licenciou-se em Económicas e Financeiras. O Palmeiras tem à frente dos seus destinos um desportista: Esmeraldo Rodrigues Coimbra antigo jogador de futebol e andebol mas, nesta jovem colectividade (20 anos a completar no dia 1 de Fevereiro de 1977) um dos responsáveis maiores pelo ténis de mesa. Palmeiras: exemplo que vale (decerto) um olhar curioso e amigo das altas entidades desportivas cá do burgo.

BAPTISMO

Esta vai por despedida. Alguns nomes mais pitorescos de jogadores brasileiros de futebol, em clubes de primeira saliência:

. **Fluminense** — Pintinho; **América de Minas Gerais** — Ganga; **Confiança** — Piscina; **Uberaba** — Alfinete e Vaquinha; **Flamengo de Piauí** — Bilinguiça; **Alagoano** — Manguito; **Sampaio Corrêa** — Pirulito, Cabecinha e Bolinha; **Bahia** — Sapatão e Beijoca; **Rio Negro** — Rolinha e Corisco; **Goiás** — Maizena; **Náutico** — Chico Explosão; **Mixto** — Pastoril e Bife; **Paissandú** — Patrulheiro; **Cruzeiro** — Pantera; **América R.N.** — Pedrada e **Avaí** — Picolé.

Geral

DE HOJE A SÁBADO (EM BARCELOS)

"Europeu" de juniores em hóquei

É esta noite (20 e 30), no remodelado e valorizado Pavilhão Gimnodesportivo de Barcelos, que começa o «Europeu» de juniores de Hóquei em Patins, marcado com antecedênciaaa e por desistência daquele país «transferido» para Portugal. A Federação Portuguesa de Patinagem decidiu em boa hora, após garantias dadas pelas entidades de Barcelos, que começa o «Europeu» de juniores de Hóquei em Patins, marcado com antecedência, para a Bélgica e por desistência daquele país «transferido» para Portugaol. A Federação Portuguesa de Patinagem decidiu em boa hora, após garantias dadas pelas entidades de Barcelos, efectuar a prova naquela cidade onde é extraordinário o entusiasmo. O orçamento inicialmente previsto para a sua realização (que era de 800 contos) foi ultrapassado, devendo atingir os mil contos.

-Para os juniores portugueses trata-se de revalidar, naquela cidade minhota, o título conquistado há um ano em Darmstadt (R A). Para tal, a nossa selecção começou a sua preparação, sob a orietanção de Luís Barata (seleccionador-treinador), em 16 de Julho último, tendo sido convocados 12 jogadores: Rui Rosa (Salesiana, Carlos Silva (Campo de Ourique) e José Manuel (Sintra), guarda-redes; Garrido (Sporting), Mário (Cascais), Fernando Soares (Benfica), Araújo (Campo de Ourique) e Rui Dias (F.C.Porto), defesas e médios; Jorge (ex-Salesiana), hoje «leonino», Oliveira (Sporting), Ventura, (idel) e Carlos Cruz (Salisiana), avançados.

Em relação aos hoquistas que ganharam o «Mundial» em Darmstadt temos Garrido e Costa (Jorge), os elementos-base do «cinco». Além daqueles jogadores a nossa comitiva inclui Vaz da Silva (chefe), António Ferreira (médico), Octávio Mareo (massagista) e Florindo Lopes (mecânico).

A jornada inaugura (hoje) comporta os seguintes encontros: Espanha-Bélgica, às 21 horas; Alemanha-Itália, às 21.50h; e Portugal-Holanda, às 22 e 45.

Jogos para amanhã: Itália-Bélgica, às 10 horas; Alemanha-Holanda às 10.50; e Espanha-Suíça, às 11.45h.

Jogos para amanhã à noite (3.ª jornada): às 21 horas, Suíça-Itália; 21 e 50 Bélgica-Holanda; e 22 e 45, Portugal-Alemanha.

Quarta jornada (quarta-feira): às 21 horas, Suíça-Bélgica; 21 e 50, Espanha-Alemanha; e 22,45, Portugal-Itália.

5.ª jornada (8) — 21 h, Holanda-Suíça; 21.50h, Portugal-Bélgica; 22.45h, Espanha-Itália.

6.ª jornada (9) — 10h, Bélgica-Alemanha; 10.50h, Holanda-Espanha; 11.45h, Portugal-Suíça.

7.ª jornada (9) — 21h, Suíça-Alemanha; 21.50H, Holanda-Itália; 22.45h, Portugal-Espanha.

Temos assim que as selecções presentes representam, além de Portugal, a Espanha, Itália, Bélgica, Suíça, Alemanha Federal e Holanda, o que significa que as delegações estrangeiras farão deslocar a Barcelos cerca de 100 elementos. A organização (uma Comissão Nacional indicada pela FPP e da qual fazem parte elementos da autarquia e desporto locais, bem como dirigentes da Associação de Desportos de Braga, além de dirigentes federativos da modalidade) arca com as viagens e o aloiamento, no Hotel Ofir, de nove elementos de cada País.

BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons.23/4 %			
Cons.3%	300$	275$	–
Cons. 3 1/2 %	–	300$	–
Centenários	–	350$	–
Tes.5%	–	800$	–
Tes. 10%	500$	810$	–
Extern. 1.ª - s.	–	500$	510$
Extern. 1.ª - c.	–	450$	–
Extern. 3.ª - s.	–	450$	–
Extern. 3.ª - c.	–	–	460$
Caut. 3.ª - s.	–	500$	–
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Ix. 6 %	–	730$	–
C.M.L. 5 3/4 %	–	750$	–
C.P. 5 1/2% — 67	–	600$	–
C.P. 5 1/2 % — 68	–	600$	700$
C.P. 5 1/2% — 69	–	600$	–
Corr. 5 3/4%	–	630$	700$
Metr. 5 3/4 %	–	750$	–
Tur. 5 3/4%	–	810$	–
C.P. 6 3/4 %	–	850$	–
	–	750$	–
ELÉCTRICAS			
G. 5 % — 58	–	680$	–
G. 5 % — 59	–	–	–
G. 5 % — 62	–	–	–
G. 5 % — 63	–	–	–
G. 5 % — 64	–	720$	–
G. 5 % — 65	–	710$	–
G. 6 % — 67	–	870$	900$
G. 6 % — 69	–	580$	–
G. 7%	–	700$	–
H.E.A.A. 5%	–	730$	–
H.E.C. 5 %	–	580$	–
H.E.C. 6 %	–	730$	–
H.E.D. 5%	–	740$	–
H.E.D. 6%	–	–	–
H.E.N.P. 5 %	–	680$	–
H.E.S.E. 5%	–	650$	–
H.E.S.E. 6%	–	730$	–
H.E.Z. 5 % — 57	–	600$	–
H.E.Zêz. 6%	–	600$	–
N. Elec. 5%	–	650$	–
N. Elec. 6%	–	570$	–
Termoel. 5%	–	700$	–
U.E.P. 5 % — 60	–	–	–
U.E.P. 5 % — 63	–	–	–
U.E.P. 6%	–	700$	–
U.E.P. 7%	–	700$	–
DIVERSAS			
A.P.T. 5 % — 56	–	690$	–
A.P.T. 5 % — 58	–	670$	–
Lisnave 6%	–	730$	–
Nitratos — 60	–	580$	–
Pet. 2.ª e 3.ª	–	750$	–
Sacor 7%	–	800$	–
Sacor 5% — 54	–	–	–
Sacor 5% — 60	–	750$	–
Sid. 5% — 2.ª	–	630$	–
Sid. 5% — 3.ª	–	620$	–
Sid. 5% — 4.ª	–	620$	–
Socel 5%	–	–	–
R. Fabril — 67	–	730$	–
R. Fabril — 68	–	720$	–
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5%	–	400$	–
Rev. 5 % — 57	–	–	–
Rev. 5% — 59-60	–	–	–
Moçambique 5%	–	–	–
Sonefe 5%	–	–	–
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico	–	–	–
F.I.D.E.S.	–	–	–

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado, o vento era fraco e caíam aguaceiros em alguns locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS

ELVAS
Máxima ..... 21,1°

ISEU
Mínima ..... 5,1°

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento fraco ou moderado de Oeste; condiçoões favoráveis à ocorrência de aguaceiros ou períodos de chuva em especial nas regiões a norte do ejo.

TEMPERATURAS DO AR
09.00 H

PORTO	17°
COIMBRA	15°
PORTALEGRE	12°
LISBOA	18°
FARO	19°
FUNCHAL	22°

MARÉS DE HOJE

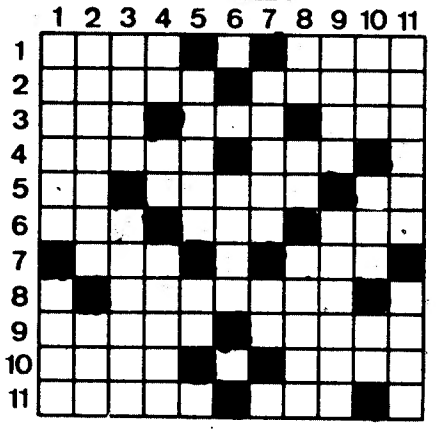
PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
1.22	3,6 m	7.13	1,6 m
13.39	3,9 m	19.42	1,3 m
Dia 5			
2.10	3,8 m	7.55	91,4 m
14.25	4,0 m	20.18	1,2 m
Dia 6			
2.50	4,0 m	8.31	1,2 m
15.05	4,1m	20.50	1,1 m

—AMANHÃA—
NASCER AS 7.36
OCASO AS 19.13

DIA 8 DIA 16 DIA 23 DIA 29

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 11487

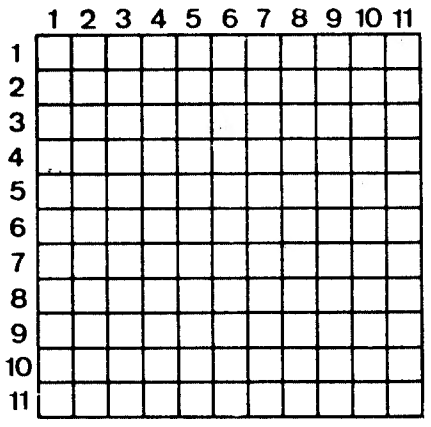


HORIZONTAIS:
1 Amofina. Aquele que.
2 .ete em mala. Agarra.
3 Coragem. Matemática. Oferecer.
4 Fregueisa do concelho da Covilhã. Vazia.
5 Prefixo de negação. Venera. Em a.
6 Duna da Suécia. Gosta muito de. Botequim.
7 Rente. Anel.
8 Fotografa.
9 Limpai com água. Tiro um carta do baralho, no jogo da bisca.
10 Região do Oriente aonde Salomão mandava buscar oiro. Embarcações grandes
11 Invulgares. Cabelos brancos.

VERTICAIS:
1 Teme. Impulso.
2 Tornar tépido. Azáfama.
3 Apelido. Auxiliar.
4 O mais. Oferece. Messe.
5 Querida. Pronome pessoal.
6 Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria.
7 O mesmo que toro (Bras.).. Prefixo que designa afastamento.
8 Quantum satis. Cálcio (s.q). Descobre.
9 Cidade do Daomé. Carvões incandescentes.
10 Estava. Negativa. Cobre (s.q).
11 Turrar. Nome de flor.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7647



HORIZONTAIS:
1 Plutónio (s.q). Freguesia do concelho de Castgo Daire. Basta.
2 Pronome pessoal. Consentimento. Ver.
3 Um dos Estados da América do Norte. Tapume ou tecido de varas erguido no rio para pesca (Bras).
4 O mesmo que numismático
5 Seguia. Batráquio. Érbio (s.q). Antes de Cristo.
6 Freguesia do concelho e distrito de Braga. Cidade da Cária.
7 Cabelos brancos. Eia!
8 Ilha inglesa no mar da Irlanda. Piedosa. Com. da Bélgica.
9 Duração ordinária da vida. Insiste.
10 Passadas. Rã (pop).
11 Quadrupede, do género antílope, que vive na África do Sul. Ecoara.

VERTICAIS:
1 Parte setentrional da Macedónia. Nota musical.
2 O mesmo que fula-fula. Região montanhosa da Grécia antiga.
3 Rio de França. Azinhaga.
4 Naipe das cartas de jogar. Médico dinamarquês que recebeu o Prémio Nobel da Medicina em 1943.
5 Pertences. Ruins. Toma o peso a.
6 Calçado de serranos (ant). Bismuto (s.q).
7 Prefixo de negação. Monarca. Prendes.
8 Crisóis. Herdade delimitada por marcos.
9 Primeira parte do nome de uma cidade de Tonquim. Destruira.
10 Possuir. Subir à cumeada.
11 Esquivo. Nova musical.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11486

HORIZONTAIS	VERTICAIS:
1 AMOR. Cp. COM.	1 AMOR. Se. Usa.
2 Mac. Dias. Ru.	2 Mato. Ria. AR.
3 Otelo. Gaiar.	3 Ocelo. Siobà.
4 Rolão. Arpou.	4 Lara. Alei.
5 Or. Au.	5 Doo. Casais.
6 Sr. Acuar. Ca.	6 Cl. Sua.
7 Eis. Aas. For.	7 PAGA. Aselos.
8 Aias. Elar.	8 Sarar. Labo.
9 Olá. Lares.	9 Ipu. Farim.
10 Sabei. Óbito.	10 Orão. Coreto.
11 Arais. Somos.	11 Muru. Ar. Sós.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7646

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Tessalónica.	1 Tavira. Emes.
2 Aleia. Bicas.	2 Elado. Al. Dó.
3 Vaca. Maus.	3 Seco. Além.
4 Idosa. Ábila.	4 Siasses. Ina.
5 Ro. SS. VA. Er	5 Aa. Assomo.
6 Pés. Ara.	6 Eu.
7 Soera.	7 Ob. Avaras.
8 Ela. Mua. Tas.	8 Nimbaras. Ala.
9 Lio. Sarna.	9 Içai. Tris.
10 Éden. Lio.	10 Caule. Nanos.
	11 Assaré. Sa.

PROVÉRBIO: Amor com amor se paga.

BARES · BOITES
RESTAURANTES TÍPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364859°368197. Rosy Striptease sousa

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 261461/164526/264596/ 264621/264946

EXTERNATO SÉNECA
COOPERATIVA DE ENSINO E CULTURA
Curso Liceal – Ciclo Preparatório
MANHÃ ● TARDE ● NOITE
AV. ALMIRANTE REIS, 73 - 1.º E 2.º — LISBOA - 1
Telefone 4 00 92 (METRO ANJOS)
— ABERTAS AS INSCRIÇÕES —

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO N. - 1
(Toda a noite)

ALFAMA
Anunciada, Rua Vigário, 74, (Tel. 866360).
ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, 7--A (à Praça Paiva Couceiro (Telf. 84357).
ALVALADE
Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (à Av. D. Rodrigo da Cunha) (Tel. 722384).
AV LIBERDADE
Fernandes, Rua S. José 187, (Telef. 326476).
AVENIDA DE ROMA
S. João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A-B (Telf. 725140).
BEATO
Grijó, Rua do Grilo, 25 (Tel. 385264).
BENFICA
Alegria, Est. de Benfica, 680-A-B (Tel. 780511).
CAMPO DE OURIQUE
Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria, 28-A (Tel. 688857).
wcampo de ourique
Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria, 28-A (Tel. 688857).
CAMPO PEQUENO
Miranda, Campo Pequeno, 36-B (à Av. Sacadura Cabral). (Tel. 770776).
ESTEFÂNIA
22804). **Universal,** Praça 8 de de, 5-7 (Tel. 44158).
SANTO AMARO
Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-8 (Tel. 637020).
SANTOS
Fontoura de Carvalho, Rua Santos-o-Velho, 12 (Tel. 662075).

TURNO N-2

(Até às 22 horas)

AJUDA
Moura, Trav. Memória, 56, (Tel. 630944).
ALAM AF. HENRIQUES
Ibéria, Rua Barão Sabrosa, 235-A (à Alameda). (Tel. 728277).
ANJOS
Higiénica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Tel. 844361).
AVENIDAS NOVAS
Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20-22. (Tel. 44995).
BAIXA
Teixeira Lopes, Rua Aurea, 154- (Tel. 324816).
BENFICA
Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A (Tel. 703393).
CAMPOLIDE
Rualto, Lda, Alto do Carvalho, 5-A-B (Tel. 651721).
CAMPO SANTANA
Peninsular, Campo Mártires da Pátria, 117-118. (Tel. 553308).
CHILE
Cândido Monteiro, Av. Almirante Reis, 121-B (Tel. 45751).
ENTRE CAMPOS
Nova Iorque, Av. Estados Unidos América, 140-B (a Entrecampos). (Tel. 760658).
LUMIAR
Patuleia, Herd.os Alam. Linhas de Torres, 262-B (Tel. 790332).
OLIVAIS
Nova dos Olivais, Rua Manchica, Lote 469 (Olivais Sul). — Zona Nascente). (Tel. 316402).
PICHELEIRA
Mariuz, Calçada da Picheleira, 140-B-C (Telf. 720703-728395).
S. MAMEDE
Albano, Rua Escola Politécnica, 59 (Tel. 326750).

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João,I 9-B (Telef. 932756); **Central,** Av. Cardoso Lopes, 25 (Telef. 932210); **Igreja,** P. da Igreja, 22-A (Telef. 937740); **Jardim,** Av. Conde de Oeiras, 120 (Telef. 938424)
DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Telef. 970461)
QUELUZ
Serra e Pinto, Av. D. António C. Sá, 50-E (elef. 950906)
CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Telef. 2940034)
MEM MARTINS
Química, Est. Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456)
SINTRA
? **Simões,** Estefânia, (Telef. 2930832)
COLARES
Abreja, (Telef. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar — R. Ernesto Silva, 81 (telef. 2112048)
CARCAVELOS
Central — Toda a noite
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira — Av. Saboia, 29-B (telef. 260085) ATÉ ÀS »» HORAS
PAÇOS DE ARCOS
Trindade Brás — R. Costa Pinto, 184 (telef. 2432034)
OEIRAS
Godinho — Cândido dos Reis, 98 (telef. 243090) até às 22 horas
NOVA OEIRAS
Leal — Até ás 22 horas
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (telef. 24/1202) Toda a noite
MURTAL
Primavera — R. das Parreiras, 2 (telef 2472278)
AMOREIRA
Amoreira — (telef. 262313) Até às 22 horas
MONTE ESTORIL
Lopes — R. Hangar, 3 (telef. 260008) toda a noite
CASCAIS
A. Costa — R. Freitas Reis, 24 - C (telef. 280214) Até às 22 horas; **Cordeiro** — Av. Comb. G. Guerra, 40 (telef. 280170) Toda a noite.

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T.234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALMADA
Galeno, R.Capitão Leitão, 85-B (T.2760565)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E.Nacional, 178-B (T.2040302)
BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (T.2073207)
COVA A PIEDADE
Castro Rodrigues, L.5 de Outubro, 62 (T.270121)
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239025)
MONTIJO
Diogo, R. Almirante Reis, 50 (T.2310032)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.2233471)
SETÚBAL
Higiene, R.Frei Agostinho da Cuz (T.22408); **Portugal,** R.Camilo Castelo Branco (T.23211)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho 38 (T.2218560)

PORTO

TURNO 7
ATÉ ÀS 22 HORAS

Ameal, R.do Ameal, 1227. **Campo Alegre,** R.do Campo Alegre, 723. **Ferreira da Silva,** R.dos Mártires da Liberdade, 150 **Peninsular,** R.Chã, 100. **Melo Taveira,** R.Alcaide Faria, 77 **S.Roque da Lameira,** R.d S.Roque da Lameira, 1111 **Sá da Bandeira,** R.Sá da Bandeira, 236 **Prelada,** R.Central de Francos, 316 **Martino, Suc.,** P.Marquês de Pombal, 122. **Pombeiro,** Campo dos Mártires da Pátria, 152 **S.Lázaro,** Av. Rodrigues de Freitas, 297

COIMBRA

ADRIANA
Praça da República, 20 (Tel. 23609; **Olivais,** Rua Bernardo Albuquerque, 159 (Tel. 22804; **Universal,** Praça 8 de Maio, 35 (Tel. 23744.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
21.30 (18 anos)
«Vamos trocar de Mulheres»

MONUMENTAL
21.30 (13 anos)
«Patxi Andion»

TEATRO ABERTO
21.15 (13 anos)
«O Circulo de Giz Caucasiano»

VARIEDADES
21.45 (18 anos)
«Isto é que me dói»

ADÓQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A grande Cegada»

LISBOA/Cinemas

CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Salão Elisabeth»

SATÉLITE
19.00 e 21.15 (13 anos)
Foram os Deuses Astronautas?»

PARIS
21.15 (18 anos)
«A mulher policia faz Carreira»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«Onde o Sol nunca Brilha»

LUMIAR
21.15 (18 anos)
«O Campeão»

CINEARTE
21.15 (13 anos)
«O Homem Orquestra»

CALEIDOSCÓPIO
21.00 (18 anos)
«Um Dia de Cão»

PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«Billy Jack»

CAPITÓLIO
21.00 (18 anos)
«Paraíso Carnal»

IDEAL
21.15 (18 anos)
«Cama com Música»

EUROPA
21.15 (6 anos)
«A Canção da Noruega»

OLÍMPIA
21.00 (14 anos)
«A Rainha do Karaté»

RESTELO
21.00 (18 anos)
«A mulher Polícia faz Carreira»

COLISEU
21.30 (13 anos)
«Trinitá Cow Boy Insolente»

VOX
21.15 (18 anos)
«Marilyn e o Senador»

PALÁCIO FOZ
21.00 (13 anos)
«Viver a sua vida»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Dilling3r Morreu»

AMADORA
Lido
21.15 (13 anos)
«Entre Dois Destinos»

AMADORA
Cinestúdio
21.30 (18 anos)
«O Amante»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Caravana para a Aventura»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
Oxford
21.15 (13 anos)
«Bobby»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (18 anos)
«Meninas Bem»

OUTRA BANDA

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«Eu e Ele»

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Os Prazeres do Vigário»

PORTO/Cinemas

VALE FORMOSO
21.15 (10 anos)
«Os Dez Mandamentos»

COLISEU
21.15 (13 anos)
«Bobby»

OLÍMPIA
21.15 (13 anos)
«A Quadrilha dos Doberman»

TERÇO
21.15 (10 anos)
«A Grande Evasão»

ESTÚDIO 400
21.30 (6 anos)
«Um por todos todos por um»

TRINDADE
21.15 (6 anos)
«Onde Está o Óscar?»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Delírio de Amor»

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«Marylin e o Senador»

ÁGUIA DE OURO
21.15 (13 anos)
«Passado Inesquecível»

S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«Fogo no Sangue»

RIVOLI
21.15 (13 anos)
«Cavalgada Fantástica»

BATALHA BEBE
21.30 (13 anos)
«Diário de uma Esquizofrénica»

ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«Gata em Telhado de Zinco Quente»

BATALHA
21.15 (18 anos)
«Insólito Destino»

CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Há lodo no Cais»

JÚLIO DINIS
17.45, 21.15(18 anos)
«Férias Violentas»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«Chove em Santiago»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Relações Escaldantes»

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Aminhainsaciávelcunhadinha»

S. TEOTÓNIO
21.15 (13 anos)
«Jesus Cristo Superstar»

GIL VICENTE
21.15 (10 anos)
«Os Gloriosos Malucos das Máquinas Voadoras»

cinemas

CASTIL
Tel 630194 — 15, 17, 19 e 21.15

Intr. men. de 18 anos
Colorido
2.ª Semana
FELÍCIA
Um filme de Max Pécas
(Este filme contém cenas eventualmente chocantes)
Hoje às 24 h. anteestreia
Int. a men. 18 anos
UM AMOR COMO O NOSSO

IMPÉRIO
Tel 555134/5 — 15.15, 18.30 e 21.15

Grupo B — 10 anos

A GRANDE CORRIDA À VOLTA DO MUNDO
3.ª Semana
Tony Curtis, Jack Lemmon, Nathalie Wood

A mais divertida comédia de todos os tempos de Beak e Edwards
70mm/M. écran gigante

POLITEAMA
Tel 323805 — 14.15, 16.30, 19 e 21.30

(Grupo C M/14 anos)
Terence Hill e Bud Spencer em
DEUS PERDOA... EU NÃO!
Gargalhada e pancadaria

ROMA
Tel 727778 — 15.30, 18.30, 21.15

Não acons. a men. de 18 anos
GOLPE AUDACIOSO
c/ Natalie Delon e Frederick Stafford

MUNDIAL
Tel 538743 — 15.15 18.30 e 21.15

Não acons. a men. de 18 anos
SHAMPOO
A comédia satírica que abalou a América

CARLOS MANUEL — SANTOS
Tel 2930304 — 15 e 21.15

Int. a men. 18 anos
CARAVANA PARA AVENTURA

CALEIDOSCÓPIO
Tel 795093 — 14,16.30,19 e 21.15

Não acons. a men. de 18 anos
Al Pacino em
UM DIA DE CÃO
um filme de Sidney Lumet

ÉDEN
Tel 320768 — 14,16.30,19 e 21.15

Não acons. a men. de 18 anos
Al Pacino em
UM DIA DE CÃO
um filme de Sidney Lumet

ODEON
Tel 326283 — 21.15

Não acons. a men. de 13 anos
A Obra-Prima de Alfred Hitchcock
REBECCA
com Joan Fontaine e Laurence Olivier

APOLO 70
Tel 763111 — 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Não acons. a men. de 18 anos
A obra-prima de Luis Buñuel
VIRIDIANA
com Silvia Pinal, Fernando Rey, Francisco Rabal
Hoje às 24.00 h - Grupo D (18 anos)
O GRANDE CONQUISTADOR
de Herbert Ross

CASINO ESTORIL
Tel 264521/264996 — 17.00 e 21.15

Não acons. a men. 18 anos
MENINAS BEM

S. JORGE
Tel 554153 — 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. men. 18 anos
3.ª Semana
A MULHER, O AMOR E O ÓDIO
Philippe Noiret, Romy Schneider
3 Oscares do cinema francês!

RESTELO
Tel 610376 — 21 h.

Não acons. a men. de 18 anos
A MULHER POLÍCIA FAZ CARREIRA

AVIS
Tel 47163 — 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. men. 13 anos
21.ª Semana
BOBBY
A projecção do filme começa 5 minutos após os horários

ESTÚDIO
Tel. 555134/5 — 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
A INTENTONA
(O 6 de Julho) — 5.ª Semana
Com Yul Kayurov no papel de Lenine

ESTÚDIO 444
Tel 779095 — 15.15,17,18.45 e 21.15

Int. men. 18 anos
DESENHOS PICANTES
2.ª Semana
Este filme pode ser considerado pronográfico Decreto-Lei N.º 254/76

D. JOÃO V — DAMAIA
Tel. 971794 — 21.15

Grupo A (M. 6 anos)
UMA ILHA NO TETO DO MUNDO

PALÁCIO FOZ

RESTAURADORES

Ciclo de Cinema Jean-Luc Godard
Filme: «Viver a sua vida» - (França, 1962)
Sessões: 15, 18 e 21 horas
Bilhetes: esc. 5$00
Não acons. a menores de 13 anos
Iniciativa da Direcção Geral da Acção Cultural

UNIVERSAL
Tel 774402 — 14.30, 19.00 e 21.15

SALO OU OS 120 DIAS DE SODOMA
de Pasolini
Int. men. 18 anos
As 17.00 e 23.30
NÚMERO DOIS
de Jean Luc Godard
Hoje às 00.30
A MULHER CASADA
de Jean Luc Godard

CONDES
Tel 322823 — 13.30,16.15,19 e 21.45

Grupo B — M. 10 anos
TORA! TORA! TORA!
a gigante epopeia jamais filmada
c/ Martin Balsan e Joseph Cotten

BERNA
Tel. 776098 — 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. men. 13 anos
Treine-os! Excite-os! Arme-os! ...Largue-os em território nazi!
DOZE INDOMÁVEIS PATIFES
Um filme de Robert Aldrich
7.ª semana

LONDRES
Tel 801313 — 14,16.30,18.45 e 21.15

Não acons. men. 18 anos
O PORTEIRO DA NOITE
c/ Dirk Bogarde e Charlotte Rampling

ROXY
Tel 48550 — 15, 18 e 21.15

Para Todos
A alegria entra-lhe no coração
A CANÇÃO DA NORUEGA
c/ Torlav Maurstad
Christina Schollin

TIVOLI
Tel 570595 — 15.15, 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
CATHERINE, S. A. R. L.
Uma comédia leve tão espirituosamente picante como uma taça de champanhe!

ALVALADE
Tel 897480 — 14.15, 16.30 18,45 e 21.15

Luis de Funés em
AS FÉRIAS GRANDES
Um filme de Jean Giraut
Para todos

PATHÉ
Tel 821933 — 14.15,16.30,18.45 e 21.15

Inter. men. de 18 anos
Uma crueldade soberba e delirante!...
O GRANDE DELÍRIO
com Jean Seberg, Pierre Blaise e Stefania Casini

NIMAS
Tel 574313/574313 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. men. 18 anos
CHOVE EM SANTIAGO
13.ª semana
O Chile de Allende a Pinochet

rádio

1.º Programa

16.00: Música variada; **17.00**: A nova canção espanhola; **17.30**: Orquestras; **18.00**: Música portuguesa; **19.00**: Falar de História; **19.35**: Música variada; **20.00**: Jornal da noite; **20.30**: Instrumentistas; **21.00**: Contraponto — editorial — apontamentos de teatro; **00.00**: Último jornal; **01.00**: Música na noite

2.º Programa

16.00: A ópera em três actos «O Filósofo do Campo», de Baldassare Galuppi; **17.08**: Solos de piano; **17.37**: Música sinfónica; **18.55**: Solos de cravo; **19.17**: A cantata op. 78, «Alexandre Nevsky», de Prokofieff; **20.00**: Solos de piano; **20.30**: Música do bailado «Alegria Parisiense», de Offenbach; **21.00**: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; **22.00**: Música sinfónica; **23.00**: Intercâmbio musical; **01.12**: Fecho.

3.º Programa
Nacional e Regional (294 m)

16.00: Emissão Nacional — variante (continuação); **16.15**: Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); **16.40**: Mulher, agora e aqui, pela Comissão da Condição Feminina; **17.10**: Vamos ao médico, pelo dr. José Matildes; **17.30**: Teatro em variante, por Fernando Midões; **18.00**: Emissão regional — contacto; **21.00**: Música só música; **21.30**: Quando o telefone toca; **23.03**: Nocturno; **23.06**: Hora luterana; **00.00**: Emissão nacional; **01.00**: Emissão nacional; **02.00**: Fecho.

3.º Programa
Local (187,5 m)

16.00: Emissão nacional; **18.00**: Emissão local — entardecer — de vez em quando; **19.30**: Romance de uma cidade (repetição) — cartas a ninguém; **21.00**: Fecho.

4.º Programa

16.00: Música variada; **17.00**: Canções; **18.00**: Apenas música; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Orquestras; **21.00**: Concerto; **22.00**: Auditório; **24.00**: Prisma; **02.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde; **18.08**: Apelos; **18.15**: Igreja em notícia — palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **20.00**: Objectivo; **20.53**: Apelos; **21.05**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas vivos; **23.05**: Trifónico; **23.30**: Estante giratória; **00.00**: Meditando; **02.00**: Fecho.

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

"Padrões europeus" apontados por Soares na visita a Leiria

. LEIRIA, 4 — Mais de 50 por cento das verbas atribuídas aos municípios para o ano em curso ainda não foram gastas devido a problemas burocráticos, observou o Primeiro-Ministro, Mário Soares, durante a sua visita aos Municípios de Leiria e da Marinha Grande.

Mário Soares era acompanhado pelo ministro sem pasta Jorge Campinos, e do Trabalho, Marcelo Curto, pelo subsecretário de Estado da Comunicação Social, Soares Louro e pelos secretários de Estado do Emprego e da Administração Local e Regional, respectivamente, Manuel Tito de Morais e Fernando Lima, e ainda pelo Presidente da Assembleia da República, Vasco da Gama Fernandes. Aguardavam-no no Aeródromo de Monte Real o gonador civil do Distrito, Joaquim da Rocha e Silva, e o presidente da Comissão Administrativa da Câmara de Leiria, coronel Carvalho Santos, e outras individualidades.

Depois de ter visitado os locais dos programas destinados à construção de um novo nó de estradas, de um bairro de habitações sociais em Almoinhos, e do futuro mercado, de grande significado social para o povo da cidade, Mário Soares participou numa breve sessão de trabalhos, com os representantes da edilidade leiriense.

«Venho para me informar dos problemas da região e não para fazer discursos. E muito menos, promessas» — fez questão de sublinhar, acrescentando:

«O Governo está firme, continua disposto e determinado a fazer uma obra de recuperação nacional para que o bem estar e o nível de vida do povo português possa atingir padrões europeus. Na última semana, para além do restabelecimento de relações diplomáticas com Angola, (medida de grande importância), foram anunciadas outras, relativas ao trabalho, que não podem passar despercebidas, pois é fundamental uma política coerente e consertada de trabalho, a fim de se criar uma verdadeira acção de justiça social como todos pretendemos».

Mais tarde, no Município da Marinha Grande, realizou-se nova sessão de trabalho, durante a qual um vogal da respectiva comissão administrativa, José Duarte Pizarro, apresentou um resumo de obras prioritárias para o concelho: novas instalações municipais, novo mercado, urgente necessidade de um centro de saúde com serviço permanente, construção imediata de 400 fogos, creches e infantários, verbas para o alcatroamento de 30 quilómetros de estradas e alargamento do cemitério onde já não há lugares.

"New York Times" sugere coligação P.S.-P.P.D.

Embora em menor quantidade, os conselhos internacionais continuam a chegar ao nosso país, indicando a «melhor maneira» de resolver os problemas internos portugueses, nomeadamente no campo económico.

Desta vez o «New York Times» analisou, na sua edição de domingo, a situação portuguesa, manifestando o seu acordo com a política do Governo de Mário Soares, a qual foi qualificada como destinada «a quebrar o domínio da central sindical única, a restabelecer a disciplina dos trabalhadores nas lojas e nas fábricas e a devolver propriedades ocupadas ilegalmente aos seus legítimos proprietários.»

Aquele jornal americano comenta as medidas tomadas recentemente, afirmando: «Eram esperadas há muito tempo num país sobrecarregado por uma pesada taxa de desemprego, por uma inflação galopante e por uma produção industrial e agrícola decrescente.

O «New York Times» continua a sua análise considerando que o Primeiro-Ministro não terá dificuldade para obter os apoios das outras forças políticas, nomeadamente dos social-democratas.

O jornal acrescenta que «não se compreende que, nesta desesperada altura em que está a tentar levantar Pgrtugal de meio século de estagnação e trinta meses de anarquia, Soares rejeita ainda uma coligação com os populares-democratas, o segundo maior partido, que daria ao governo uma decisiva maioria no Parlamento.

«Os socialistas e os populares-democratas, que partilham muitos objectivos, poderiam em conjunto delinear um programa de recuperação económica comum».

«Tal coligação — continuava o Times — «poderia constituir um Governo robusto, capaz de executar as medidas necessárias para a recuperação, a reforma e a modernização — as acções que devem ser tomadas para estabelecer uma democracia durável em Portugal.» (R. e DL)

Rua Dona Estefânia, 48 - Telefone 4 29 59
CEPELT ensino liceal
R. Tomás Ribeiro, 47, 2.º D. - Telef. 57 50 54

P.S.D. (ex-P.P.D.) anuncia combate à Reforma Agrária

Reunido durante este fim-de-semana numa luxuosa unidade hoteleira da Costa do Sol, o Conselho Nacional do Partido Popular Democrático decidiu mudar o nome deste agrupamento político para Partido Social Democrata (identificado pela sigla P. S. D.) e propor ao Congresso uma estrutura directiva de carácter presidencialista. Segundo as alterações de estatutos aprovadas para submeter ao Congresso, que reúne nos dias 30 e 31 do corrente em Leiria, a Direcção Política do Partido passa a competir a uma Comissão Política Nacional, de 17 membros, secretariada por um Comité Permanente de que farão parte o presidente do Partido (de certo o actual secretário-geral Sá Carneiro), três vice-presidentes, o secretário-geral (muito provavelmente Magalhães Mota, que terá tarefas predominantemente administrativas) e o presidente ou vice-presidente do grupo parlamentar.

A decisão de mudar o nome do Partido só foi comunicada aos órgãos de Comunicação Social uma hora depois de se ter concluido a conferência de Imprensa, realizada à noite. Impediu-se, assim, os jornalistas de procurarem esclarecimentos nomeadamente quanto ao choque com o M. S. D. (Movimento Social Democrata) que anunciara, já há tempos, a sua intenção de se transformar em Partido.

Das resoluções e moções votadas na reunião do Conselho Nacional do ex-P. P. D. e das informações prestadas aos jornalistas ressalta que à mudança de nome não corresponde qualquer mudança na política global do agrupamento tal como ela tem sido praticada durante estes anos, de avanços e refluxos revolucionários.

Assim, Magalhães Mota considerou «meritória a prática do Governo em alguns sectores», tendo especificado o Ministério da Educação e «a reformulação de programas que mereceram a nossa atenção e o nosso apoio» (sic) e as recentes medidas legislativas tomadas pelo Governo nos domínios do trabalho. Neste último ponto o Conselho Nacional aprovaria, aliás, uma moção em que «manifesta o seu regozijo pela revogação da Lei da Unicidade Sindical» pois, ao que diz, «o P. P. D. sempre pugnou pela unidade sindical em liberdade em oposição à unicidade e ao pluralismo». Também foi aplaudida a entrada de Portugal no Mercado Comum.

A esta tentativa de aproximação relativamente ao Partido do Governo por parte do P. P. D., expressa noutras passagens da conferência de Imprensa, correspondeu o habitual enunciado de demarcações políticas face ao C. D. S. Nomeadamente, foi censurado, em tom áspero, o comportamento do C. D. S. durante a campanha para as últimas eleições, que teria tentado colagens ao Partido de Sá Carneiro e veiculado «informações falsas com o intuito de perturbar as bases do Partido». Este comportamento impediria alianças eleitorais eventuais com o C. D. S. pois «as bases opor-se-lhe-iam» segundo foi garantido.

A continuidade do P. P. D. na prática política que o tem caracterizado ficou bem clara no anúncio da apresentação de uma proposta de lei da Reforma Agrária à Assembleia da República, por não lhe agradar o actual decreto-lei que permite expropriações, porventura superiores às desejadas pelo P. P. D. Ante insistência dos jornalistas, Barbosa de Melo, que falou em nome do Grupo Parlamentar, recusou-se a dizer se o P. P. D. exigiria, nessa proposta da Lei, o alargamento da área expropriável ou se ia requerer a suspensão das expropriações, à semelhança do que o C. D. S. anunciara, de véspera, no Porto. «Não revelamos as bases da nossa proposta de lei pois corríamos riscos de virem a ser aproveitados por outros partidos como tem acontecido frequentemente», disse.

Entre os pontos (poucos) de censura ao Governo, o P. P. D. enunciou dois: a lei eleitoral e o princípio da proporcionalidade para as autarquias locais e a utilização de critérios de confiança política na nomeação de gente para os Orgãos de Comunicação Social. Este critério valoriza os militantes do Partido no Governo em detrimento de critérios de «competência» e «idoneidade» gratos ao P. P. D. No entanto, ao ser-lhe notado que, na televisão, o movimento de expulsões e demissões estaria a aprximar a RTP do P. P. D. Magalhães Mota disse que tal ainda não se verificava. «Seria apenas calhar-nos agora a vez como tem regularmente calhado a outros» disse o deputado do P. P. D., «mas não é o caso».

. Finalmente o P. P. D. anunciou a possibilidade de entrar em listas unitárias nas freguesias desde que com elementos competentes, conhecedores dos problemas locais e não instrumentalizados. Do desenvolvimento desta Ideia viria a saber-se que isto não aconteceria se na lista houvesse elementos do Partido Comunista (ainda que competentes e conhecedores) pois «há um grande fosso entre nós e o P. C.», acentuou o homem do P. P. D. para a campanha eleitoral, Moura Guedes.

Chirac declara guerra

. EGLETONS (França), 4 — (ANOP) — Jacques Chirac, que deixou o cargo de primeiro-ministro francês há cinco semanas, declarou ontem guerra eleitoral ao Partido Republicano Independente do presidente Valéry Giscard d'Estaing para as eleições nacionais de 1978 e indicou que poderia candidatar-se à presidência em 1981.

No seu primeiro grande discurso fora do Governo, Chirac pediu um novo reagrupamento de forças políticas ao redor do partido gaullista, a fim de ligar «os valores essenciais do gaullismo às aspirações do verdadeiro espírito da classe trabalhadora francesa».

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS ANTERIOR: 39.984 EXS.

Muzorewa levado em ombros no seio de 100 mil africanos

Mais de cem mil africanos receberam entusiasticamente o dirigente nacionalista Abel Muzorewa, ontem regressado a Salisbúria depois de dezasseis meses de exílio voluntário. As extraordinárias cenas de regozijo verificadas parecem confirmar as afirmações de Muzorewa, que declara possuir maior apoio popular do que qualquer outro «leader» nacionalista da Rodésia, agora no começo do seu caminho para um governo de maioria negra. De acordo com um «telex» da Reuter «milhares de negros rodesianos, com aclamações, cânticos e o punho fechado («Black Power»), percorreram um trajecto compreendido desde o aeroporto até ao bairro africano de Highfield, na periferia de Salisbúria. O bispo foi levado em ombros:

A recepção a Muzorewa, na verdade, foi enorme. Basta lembrar (outro telex da Reuter) que «o principal rival do bispo, Joshua Nkomo, que muitos apontavam como o presumível primeiro-ministro do Governo a constituir, foi acolhido por menos de 1500 simpatizantes quando há dias regressou de uma viagem de cinco meses ao estrangeiro».

Os dois dirigentes, que já tiveram um breve encontro na semana passada no Botswana, anunciaram então que voltariam a avistar-se amanhã em Salisbúria

Entretanto, os enviados especiais da Inglaterra e dos Estados Unidos, Ted Rolands e Wiluiam Schaufele, que têm percorrido a Africa Negra para preparar a conferência, são aguardados hoje na capital rodesiana a fim de conferenciarem com o primeiro-ministro Ian Smith, que já anunciou que chefiaria a delegação do seu Governo à reunião a efectuar dentro de dias algures na África Austral.

Numa conferência de Imprensa em Highfield, o bispo Muzorewa declarou concordar apenas com uma das propostas anglo-americanas que Smith aceitou publicamente na sua totalidade: a que respeita à formação de um Governo de transição a caminho do regime maioritário.

Salientou Muzorewa que regressou do seu exílio voluntário nos países negros vizinhos porque «a luta se trava agora na Rodésia». Disse ainda o bispo que «as conversações convocadas pela Inglaterra devem ter o carácter de uma conferência constitucional em vez de uma reunião puramente destinada a determinar como deverá ser constituído o Governo Provisório».

Em Hilton Head Island (Carolina do Sul) o secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, afirmou mais uma vez ser a favor do princípio de governos negros na África Austral. «Acredito firmemente — disse — que o sistema tem de ser mudado. Mas tenho a dizer que não tenho qualquer plano para o futuro da África do Sul».

Congresso do P.C.P. de 11 a 14 de Novembro

O Comité Central do Partido Comunista Português realizou este fim-de-semana uma reunião plenária, durante a qual foi marcado definitivamente o VIII Congresso daquela organização para os próximos dias 11 a 14 de Novembro.

Na referida reunião foram também aprovadas as teses e algumas normas para a realização do Congresso que irão ser discutidas por todas as organizações do P. C. P.

O Comité Central do P. C. aprovou ainda duas saudações, uma dirigida aos organizadores e aos visitantes da Festa do Avante, que decorreu na F. I. L. e a outra à Intersindical, pela passagem do seu VI aniversário.

Na saudação enviada à Inter, o C. C. do P. C. P. «presta homenagem à autoridade e ao prestígio conquistado pelo movimento sindical unitário, sob a direcção da Intersindical, na luta contra a ditadura fascista, em defesa dos interesses dos trabalhadores e pela melhoria das suas condições de vida». Afirma ainda a referida saudação que «os incessantes esforços da Intersindical Nacional em prol da unidade dos trabalhadores tornaram possível que a classe operária, nas novas condições de liberdade conquistadas em 25 de Abril, tivesse obtido grandes vitórias», terminando com a expressão «da sua confiança no movimento sindical unitário português na luta contra a exploração e a recuperação capitalista e pela democracia e pelo socialismo».

Ultimos refugiados de Timor

. Chegam amanhã a Lisboa os ultimos 280 refugiados portugueses de Timor, que ontem partiram de Suzabaya, no Leste de Java, após terem aguardado desde a Primavera o seu repatriamento em Attambua, na zona indonésia da ilha.

Nota tome nota

AO SERVIÇO DO POVO...

Torquato, na sua «ambição democrática», soube guindar-se já a subdirector do «Jornal Novo». E aí é vê-lo a continuar a sua insana luta. Qual luta? Pois a luta a favor de figuras que mereçam figurar nas honrosas fichas de «Quem é alguém?» (vulgo «Quem é quem?»).

Desta vez foi Tomás Rosa. Mas não se refere aos despedimentos (23) da Televisão. Sim aos «ataques» de que, segundo Torquato, Tomás está a ser alvo. Diz o referido subdirector em «fundo»: «As «razões» do fogo sobre Tomás Rosa são, no fundo, as mesmas que alimentam a sórdida campanha contra o ministro Sottomayor Cardia. Se este deseja pôr o ensino ao serviço do povo (sic), aquele empenha-se em idêntico propósito no que se refere à Televisão. Não surpreende, portanto, que seja o mesmo o quadrante donde partem os irracionais ataques a um e outro».

Ah!, grande subdirector... Em nome do povo e da democracia.